



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

JOÃO VINÍCIUS CHIESA BACK

**ENTRE PESSOAS E ARTEFATOS:**  
boleadeiras e bolas líticas na arqueologia brasileira

**Porto Alegre**  
**2022**

JOÃO VINÍCIUS CHIESA BACK

**ENTRE PESSOAS E ARTEFATOS:**  
boleadeiras e bolas líticas na arqueologia brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de **Licenciado em História.**

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Silvia Moehlecke Copé

**Porto Alegre**  
**2022**

### CIP - Catalogação na Publicação

Back, João Vinícius Chiesa

Entre pessoas e artefatos: boleadeiras e bolas  
líticas na arqueologia brasileira. / João Vinícius  
Chiesa Back. -- 2022.

80 f.

Orientadora: Sílvia Moehleck Copé.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em  
História, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Arqueologia brasileira. 2. boleadeira. 3. bolas  
líticas. 4. tecnologia lítica. I. Copé, Sílvia  
Moehleck, orient. II. Título.

JOÃO VINÍCIUS CHIESA BACK

**ENTRE PESSOAS E ARTEFATOS:**

boleadeiras e bolas líticas na arqueologia brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de **Licenciado em História**.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Silvia Moehlecke Copé

Porto Alegre, 13 de maio de 2022.

Resultado: Após arguição o aluno foi considerado **aprovado** pelos membros da **Banca Examinadora**, conferindo-lhe o seguinte conceito final: A.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Silvia Moehlecke Copé (orient.)

*Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IFCH/UFRGS)*

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Adriana Schmidt Dias

*Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IFCH/UFRGS)*

---

Prof. Dr. Eduardo Góes Neves

*Museu de Arqueologia e Etnologia  
Universidade de São Paulo (MAE/USP)*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
NÚCLEO ACADÊMICO ADMINISTRATIVO DE GRADUAÇÃO

**Departamento de História**

**ATA DE TCC**

Em 13 de maio de 2022, às 11 horas, reuniram-se em ambiente virtual Google Meet: [meet.google.com/voq-wnev-zgu](https://meet.google.com/voq-wnev-zgu), a banca examinadora composta pelos professores Sílvia Moehlecke Copé (orientadora - Departamento de História/UFRGS), Adriana Schmidt Dias (Departamento de História/UFRGS) e Eduardo Góes Neves (MAE/USP) para proceder à defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História do aluno **João Vinícius Chiesa Back** (matrícula 289221), intitulado: *Entre pessoas e artefatos: boleadeiras e bolas líticas na arqueologia brasileira*. Após arguição o aluno foi considerado Aprovado pelos membros da banca examinadora, conferindo-lhe o seguinte conceito final: A. Nada mais a tratar, eu, Sílvia Moehlecke Copé, presidente da banca examinadora, dou por encerrada esta sessão pública.

Profª. Sílvia Moehlecke Copé - orientadora

Àquelas e àqueles com **“ideias para adiar o fim do mundo”**. Aos povos originários da América do Sul.

## AGRADECIMENTOS

Na beleza de “ser um eterno aprendiz”, começo por agradecer à Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – todas as oportunidades oferecidas enquanto discente de uma instituição pública, gratuita e de qualidade: que permaneça assim. À população brasileira, sobretudo à parcela que se mantém acreditando na ciência e na democracia, direciono os meus mais sinceros agradecimentos tendo a certeza de que agi com enorme responsabilidade frente aos investimentos e esforços dispendidos à vaga que ocupei. A ambas, minha honesta gratidão.

Ao corpo docente do Departamento de História – em especial às professoras Adriana Schmidt Dias, Cybele Crossetti, Helen Osório, Regina Xavier, Regina Weber e Silvia Moehlecke Copé e aos professores Enrique Padrós (*in memoriam*), Fábio Kuhn e José Rivair Macedo – e do Departamento de Antropologia da UFRGS – João Dorneles Ramos e José Otávio Catafesto de Souza – sou grato pelas trocas (e críticas) de ideias.

À professora Adriana Schmidt Dias faço um agradecimento mais do que especial pela iniciação na Arqueologia Brasileira, proporcionada nas disciplinas de Pré-história Geral – como aluno e monitor – e Arqueologia. A ti agradeço mais que os ensinamentos – sem excluí-los –, manifesto minha gratidão à amizade e à gentil “carta de recomendação” enviada à Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB). Jamais esquecerei!

À Alexandra Elbakyan e aos demais idealizadores do SCI-HUB, agradeço por lutarem por uma ciência mais democrática. Sem vocês o presente trabalho não seria possível.

Ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) agradeço por parte importante da minha formação. Em especial, expresso aqui minha profunda admiração e gratidão ao professor Eduardo Góes Neves (Laboratório de Arqueologia dos Trópicos – ARQUEOTROP/USP) que acompanhou o desenvolvimento de uma primeira “tentativa” de pesquisa que culminaria, por fim, depois de um longo percurso de discussões (na minha instituição de origem) no presente Trabalho de Conclusão de Curso. Lhe admiro e lhe agradeço muitíssimo! Ao professor Alex Martire (Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas – ARISE/USP) ainda, direciono meus agradecimentos pelo incentivo na Arqueologia Digital – algumas simulações 3D utilizadas aqui possuem seus ensinamentos.

Ao professor Rodrigo Vecchi (Universidad Nacional del Sur) precisaria prestar incontáveis “muchas gracias” pelas ideias revolucionárias trazidas ao tema. Por vossas sugestões bibliográficas e comentários extremamente oportunos – e pela acessibilidade – ficarei em débito para sempre. Gracias por todo!

À minha mais que estimada orientadora, Silvia Moehlecke Copé, devo dizer que não consigo medir em palavras tudo o que lhe devo. Foi um privilégio encontrar-te em minha jornada e participar da vossa nestes últimos quatro anos. Tornaste minha “mãe acadêmica” desde que fizeste o primeiro convite para que eu participasse do Núcleo de Pesquisa Arqueológica da UFRGS (NuPARq/UFRGS) e desde que me aceitaste como monitor e como estagiário no Museu Universitário de Arqueologia e Etnologia da UFRGS (MUAE/UFRGS). Desde então, muito por sua atuação, jamais deixei de estar apaixonado pela arqueologia. Pelos biscoitos “importados”, livros presenteados, aulas, orientação, apresentações em congressos e boas histórias compartilhadas (em Porto Alegre, Curitiba, Pelotas ou quaisquer lugares): obrigado, obrigado, obrigado! Que guardemos sempre nossa amizade com o lema do núcleo: “força, coragem, determinação e atitude” (e um pouco de – uma boa – teimosia)!

Às amigas do ERGANE: Arqueologia Digital na Educação, em especial (mas não somente): Ana Postiga (História/PUC-RS), Bruno Zanette (Engenharia Física/UFRGS), Caroline Armesto (História/UFPEL), Flávia Fidellis (História/UFOP), Heriques Silva (História/UFGD), Jéssica Renata Santos (História/UFPEL), Lua Mouzer (História da Arte/Universidade do Porto), Luiz Phillipp Miacci (Arquitetura e Urbanismo/UFOP), Milena Ogawa (UFPEL e University of St Andrews) e Vander Gabriel Camargo (História/UFRGS). Parte dos aprendizados que compartilhamos também está aqui (embora o presente trabalho, suas posições teóricas e metodológicas e possíveis lacunas sejam de minha inteira responsabilidade). Agradeço-lhes imensamente pela nossa luta em prol de uma universidade menos individualista e mais coletiva.

Às amigas do Núcleo de Pesquisa Arqueológica da UFRGS (NuPARq/UFRGS), em merecido destaque a Pedro Christmann de Quadros. Deixaram e deixarão saudades as boas risadas, horas de análise cerâmica e conselhos no “T10”.

Às queridas amigas e amigos do Museu Universitário de Arqueologia e Etnologia da UFRGS (MUAE/UFRGS), algumas das perguntas do presente trabalho são fruto das interrogações abertas em nosso estágio. Agradeço a todas e todos pela criatividade em pensarmos propostas de Educação Patrimonial mesmo em situação pandêmica.

Aos amigos e amigas de Caxias e de outros lugares do Brasil. Em especial – mas não apenas – Bárbara Landsmann, Brenda Kalahare, Helena Nascimento, Isadora Zampieri, Matheus De Carli – parcerias de sempre –, Rafaela Piardi e Roberta Augustin – minha “dinda acadêmica” –. Agradeço por me apoiarem mesmo quando geograficamente distantes. Ao meu eterno professor de história Evandro – pelo exemplo de entusiasmo docente –. À Bruna Camargo, agradeço por continuar sendo uma das pessoas mais importantes na minha vida, por



me incentivar por sua trajetória e por me inspirar enquanto pessoa (a saudade de ti foi imensa e diária).

À Vithória Dill agradeço por ser minha irmã da capital, fortalecendo-me nas muitas madrugadas exigidas à conclusão da presente etapa. Ao meu eterno veterano, Cristian Bianchini, pelos conselhos e por ser exemplo sempre! À primeira veterana, Manuela Pavoni, nem por um “radicci cotti” não deixaria de lhe agradecer. O percurso de vocês guiou parte do meu!

A Vander, em merecido destaque, pela parceria firmada desde o primeiro semestre da graduação, compartilhando momentos inesquecíveis – te guardo para sempre –. A Cristian de Silveira, entre outras coisas, pelas idas e vindas no T10 – e pelo apoio nas caronas do Centro – se eu ainda estou vivo foi em grande parte por elas. Agradeço a todas e todos que não deixaram que Porto Alegre se tornasse, como diria a música, “um porto não muito alegre”. Em especial Amanda Torres – e ao Solarium –, Adrielle, André, Bertê, Betinho, Celo, Champe, Chong, Duda Wagner, Diulia – e ao 906D –, Francisca – e ao Foca Cookie –, Gabriela Decarli, Lari, Matheus Schmitt, Monique, Roger, Vini, dentre outras e outros. Às muitas amigas da UFRGS, devo-lhes um salgado do “Antônio” e um “café da Física” por me acompanharem até aqui!

Aos parentes do interior por jamais duvidarem das minhas motivações. Obrigado Lisi, Mari, Juleide e Silvane, Tiago, Adriano, Mingo e Carlos (*in memoriam*). Obrigado nonno e nonna Chiesa. Obrigado vó (*in memoriam*) onde quer que esteja. Obrigado primas Carla, Nanda, Clécia e Débora – agora posso chamá-las de colegas –, padrinho Darlan e (quase) madrinha Carol. Deixo, aqui, meu apreço público a vocês!

À Graziella Silva por ser quem és: guia, conselheira e mais do que tudo, mola propulsora nos momentos difíceis. Agradeço a ti por me motivar tanto em São Paulo quanto – à distância – em Porto Alegre. Sem tua ajuda ao som de “Simbora!” jamais teria conseguido chegar onde cheguei: digo literalmente (com o caos do metrô de São Paulo) e figurativamente (com meus objetivos). Gracias, (quase) cearense, agradeço-te a tua existência!

Por fim, mas nada menos importante, faço um incomensurável agradecimento ao meu melhor amigo, Gustavo Pesini, primo que considero irmão! Lhe agradeço por inspirar-me nas mais de duas décadas de amizade e em especial nos últimos quatro anos em que conviveste diariamente comigo. Lhe agradeço por todas as risadas, “bestemas”, cuias, caronas, jantas, horas de estudo e músicas compartilhadas na rádio que é “regional por excelência.” Sem os diversos “Vamo acordá/vamo lidá!” certamente não estaria onde estou.

E sem sombra de dúvidas meu maior agradecimento cabe aos meus pais: Bernardete Chiesa e Elo João Back. Obrigado por acreditarem nos meus sonhos (e fazê-los deles parte dos seus), por “moverem montanhas” por mim, por me inspirarem enquanto ser humano. Que o presente trabalho e que minha trajetória até aqui lhes encha de orgulho, pois é com enorme orgulho que posso chamá-los: “meus pais”.

Com muita consideração por todas e todos citados direta ou indiretamente. Obrigado, obrigado, obrigado!

Das Lieblingsspielzeug der Knaben ist die von den Pampasindianern bekannte Boleadora. [...] Wenn einer seine Boleadora wirft, versuchen die anderen, sie mit ihren zu fangen.<sup>1</sup>

*Erland Nordenskiöld, 1912, p. 69*

[...] En sus dos ojos, mosaicos  
De cobres, se reflejan  
Las cúpulas y las luces  
De ciudades europeas.

Bajo sus pies, todavía.  
Están calientes las huellas.  
De los viejos querandíes.  
De boleadoras y flechas.  
*Alfonsina Storni, 1920, p. 132*

[...] categorias e tipologias são apenas meios para se alcançar um fim e não podem, elas mesmas, substituir a necessária descrição e estudo de processos sociais dos quais são atores os seres humanos, nunca os artefatos.

*Denise Pahl Schaam, 2007, p. 88*

Afinal qual é nosso objeto? É a classe de vestígios ou são as sociedades humanas que os produziram? O que nos interessa enquanto pesquisadores: as variações em cada uma das categorias que nós criamos ou as sociedades que produziram esses materiais que classificamos?

*Andrei Isnardis, 2007, p. 203*

---

<sup>1</sup> “O jogo/brinquedo favorito dos rapazes é a boleadeira, conhecida dos índios dos Pampas. [...] Quando um deles joga sua boleadeira, os outros tentam pegá-la com as suas.” Em tradução gentilmente cedida por Elo João Back.

## RESUMO (PT-BR)

Entre pessoas e artefatos, a arqueologia brasileira tem trazido importantes contribuições ao estudo da História Antiga do Brasil. Dentre a cultura material presente no registro arqueológico sul-americano percebe-se uma importante distribuição espacial e temporal de artefatos recorrentemente classificados na arqueologia brasileira como “bolas, bolas líticas, bolas de boleadeira e boleadeiras”. Outrossim, nota-se um caráter prevalentemente descritivo-classificatório – pouco – centrado a tais objetos sem maiores reflexões acerca de seus significados às pessoas do passado e do presente relacionados a eles. A presente pesquisa através da análise das concepções ligadas aos artefatos supracitados; da história e das características da arqueologia brasileira; de uma visão geográfica e temporalmente mais ampla acerca de seus possíveis vestígios na América do Sul; e de contatos mais profícuos com a(s) arqueologia(s) vizinha(s); objetiva a contribuir para a evidenciação de novas perspectivas analíticas e (re)construções do passado humano concernentes às bolas líticas e às boleadeiras encontradas no atual território do Brasil. Por fim, considera-se relevante uma separação mais nítida de classificações morfológicas e funcionais direcionadas a tais artefatos arqueológicos, uma revisão crítica das principais inspirações teóricas oriundas do hemisfério norte (Estados Unidos e Europa) e uma maior aproximação das publicações realizadas no subcontinente sul-americano acerca do tema.

**Palavras-chave:** arqueologia brasileira; boleadeira; bolas líticas; tecnologia lítica.

## RESUMEN (ES)

Entre personas y artefactos, la arqueología brasileña ha traído importantes contribuciones al estudio de la Historia Antigua de Brasil. Entre la cultura material presente en el registro arqueológico sudamericano, hay una importante distribución espacial y temporal de artefactos clasificados recurrentemente en la arqueología brasileña como “bolas, bolas líticas, bolas de boleadora y boleadoras”. Además, en la arqueología brasileña, existe un carácter predominantemente descriptivo-clasificadorio – poco – centrado en tales objetos sin mayores reflexiones sobre sus significados para las personas del pasado y del presente relacionadas con ellos. La presente investigación a través del análisis de los conceptos vinculados a los artefactos mencionados; la historia y características de la arqueología brasileña; una visión geográfica y temporal más amplia de sus posibles vestigios en América del Sur; y contactos más fructíferos con la(s) arqueología(s) vecina(s) tiene como objetivo general la exposición de nuevas perspectivas analíticas y (re)construcciones del pasado humano sobre las bolas líticas y boleadoras encontradas en el territorio actual de Brasil. Finalmente, se considera relevante una separación más clara de las clasificaciones morfológicas y funcionales dirigidas a tales artefactos arqueológicos, una revisión crítica de las principales inspiraciones teóricas desarrolladas originalmente en el hemisferio (Estados Unidos y Europa) y una mayor aproximación de las publicaciones realizadas en el subcontinente sudamericano sobre el tema.

**Palabras clave:** arqueología brasileña; boleadora; bolas; bolas líticas; tecnología lítica.

## **ABSTRACT (EN)**

Brazilian archeology is fundamental in the study of the Ancient History of Brazil. In the South American archaeological record, there is an important spatial and temporal distribution of artifacts recurrently classified in Brazilian archeology as “bolas, bola stones, bolas de boleadeira/boleadora and boleadeiras/boleadoras”. Furthermore, there is a predominantly descriptive-classificatory character centered on such objects without further reflections about their meanings to the people of the past and present related to them. This final paper, through the analysis of the concepts linked to the aforementioned artifacts; the history and characteristics of Brazilian archeology; a broader geographical and temporal view of its possible vestiges in South America; and more fruitful contacts with neighboring archeology aims to contribute to the development of new analytical perspectives and (re)constructions of the human past concerning the bola stones and boleadeiras/boleadoras found in the current territory of Brazil. Finally, we conclude that it is important to have a clearer separation of the morphological and functional classifications intended for such archaeological artifacts, a critical review of the main theoretical inspirations originally developed in the northern hemisphere (United States and Europe) and a closer approximation of scientific publications from the South America.

**Keywords:** Brazilian archaeology; boleadora; bolas; bola stones; lithic technology

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Simulação digital de bolas líticas exatamente iguais adotadas em contextos diferentes. ....	24
<b>Figura 2.</b> Semelhança morfológica de artefatos classificados como pesos de rede e bolas de boleadeira.....	25
<b>Figura 3.</b> Boleadeira de uma bola sendo utilizada como maça, sua bola lítica e simulação digital de seu possível encordoamento. ....	27
<b>Figura 4.</b> Exemplo de processo de confecção de uma boleadeira encordoada e coberta. ....	28
<b>Figura 5.</b> Simulação digital de uma boleadeira de três bolas com a presença de duas bolas líticas de massa e formato semelhante (à direita) e da manija (à esquerda).....	29
<b>Figura 6.</b> Representação das forças centrípeta e centrífuga atuando na boleadeira e dos diferentes efeitos produzidos após o lançamento de boleadeiras com bolas de distintas massas. ....	30
<b>Figura 7.</b> Capa do livro "Das Pedras aos Homens: Tecnologia Lítica na Arqueologia Brasileira." .....	32
<b>Figura 8.</b> Bolas líticas (com e sem sulco) do sítio de Monte Verde (Chile).....	47

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2. BOLAS, ESFEROIDES E AFINS:</b> o caso das boleadeiras.....	19
2.1. Tinham muitas pedras no meio do caminho: boleadeira, boleadora, boule, bolas, bolas líticas, bola stones, bolas de boleadeira, bolas de charrua, bolas de boleadora, stone balls, weight of bolas.....	19
2.2. Como tirar uma pedra do meio do caminho: o que entendemos por “boleadeiras”. ....	26
<b>3. UMA HISTÓRIA DE SOLIDÃO:</b> as bolas de boleadeira e a arqueologia brasileira.....	31
3.1. Uma breve história da Arqueologia Brasileira.....	34
3.2. A solidão das bolas arqueológicas nas bolas de boleadeira: a prevalência do caráter descritivo-classificatório .....	40
<b>4. ENTRE PESSOAS E ARTEFATOS:</b> uma das armas de arremesso mais antigas da América do Sul.....	44
4.1. Uma História Profunda: as bolas de boleadeira nas diferentes paisagens culturais da América do Sul. ....	46
<b>5. BOLEADEIRAS EM CONTEXTO:</b> um balanço sobre pesquisas recentes na(s) arqueologia(s) vizinha(s).....	57
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	64
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	66



## 1. INTRODUÇÃO

**Se quisermos contar a história do mundo inteiro, uma história que não favoreça indevidamente uma parte da humanidade, não podemos fazê-lo usando apenas textos, pois, durante a maior parte do tempo, só uma fração do mundo teve textos, enquanto a maioria das sociedades não teve. [...] até bem recentemente, mesmo sociedades letradas registravam preocupações e aspirações não apenas em seus escritos, mas em suas coisas. [...] Para muitas culturas, se quisermos descobrir algo a respeito delas, esse é o único caminho.** (MACGREGOR, 2013, p. 16-17, grifo nosso)

A presente pesquisa nasce a partir das contribuições teóricas de Barreto (1998, 1999, 1999-2000) e Góes Neves (2015, 2016) quando explicitam a necessidade, por parte da arqueologia brasileira, em olhar menos para fora do continente – em busca de referências teóricas “exógenas” – de modo a realizar um mergulho mais profundo nas próprias evidências arqueológicas relacionadas à História Antiga da América Meridional. Dito isso, ano a ano, a arqueologia sul-americana tem publicado interessantes trabalhos a respeito da considerável distribuição espacial e temporal dos usos, desusos e reusos de um de seus mais importantes sistemas de armas: as boleadeiras.

Normalmente associadas à História Profunda<sup>2</sup> (GAMBLE, 2015) de grupos originários que ocuparam o Pampa e a Patagônia – a partir de vestígios de bolas líticas –, as boleadeiras configuraram-se enquanto um conjunto de armas extremamente característico utilizado em múltiplos contextos temporais, há dezenas de milhares de anos e muito recentemente, e em não menos múltiplos contextos espaciais.

Deve-se mencionar – *quiçá* em contra argumentação – que há sessenta e nove anos o reconhecido arqueólogo argentino Alberto Rex González iniciaria seu famoso trabalho, *La boleadora: Sus áreas de dispersión y tipos* (1953), com a seguinte afirmação:

**Son muy escasos los trabajos en que se haya estudiado la interesante arma indígena que conocemos con el nombre de boleadora. [...] no existían hasta ahora estudios de conjunto sobre las piezas** que, en número de muchos cientos, se guardan en nuestros Museos y en distintas colecciones privadas. (GONZÁLEZ, 1953, p. 133, grifo nosso)

---

<sup>2</sup> Por uma escolha não puramente retórica, mas também política, ao invés de empregar o termo “Pré-história”, utilizar-se-á o termo “História Profunda” (*Deep History*), em concordância com Lucas Bueno (2019), Clive Gamble (2015), e de modo dialogado com Eduardo Góes Neves (2006, p. 10; 2015, p. 15), “História Antiga da América (Índigena e/ou Meridional)” para quem a arqueologia pré-colonial configura-se como uma espécie de História Antiga dos povos indígenas.

Quase seis décadas mais tarde, a arqueóloga brasileira Viviane Pouey Vidal em sua dissertação de mestrado *Os Artefatos de Arremesso dos Campos da América Meridional: Um Estudo de Caso das Boleadeiras* (2009) utilizaria a seguinte citação:

**[...] El moderno historiador de la boleadora que, para documentarse, recurra a las fuentes literarias e iconográficas, sufrirá una primera decepción. Respecto de las primeras descubrirá, con asombro, que en un país donde virtualmente la totalidad de la población aborígen y criolla usaba este implemento para la caza y la pelea, casi no existen estudios pormenorizados a su respecto. [...] Tampoco abundan publicaciones y estudios etnográficos o folklóricos que nos detallen su manejo y funciones, ni su importancia en la vida del indio y del paisano** (FERNANDEZ, 2001, p. 70 apud VIDAL, 2009, p. 14, grifo nosso).

Embora tais publicações estejam espaçadas, de modo cronológico, por mais de meio século, ambas parecem trazer à tona uma mesma noção a respeito das pesquisas direcionadas a um mesmo objeto de estudo, *grosso modo*, sumarizada por uma palavra: *escasas*.

Se há tanto tempo fora relatada tamanha carência de trabalhos que estudassem essa “*interesante arma indígena*”, se há tão pouco tempo fora manifestada a “*casi no existencia de estudios pormenorizados a su respecto*”; justifica-se, por um lado, a necessidade de um mergulho mais sistemático no que diz respeito às pesquisas direcionadas a artefatos arqueológicos recorrentemente classificados na arqueologia brasileira como: “boleadeiras, bolas, bolas líticas e bolas de boleadeira.” Por outro, questiona-se a existência de tal escassez, as possíveis razões de tal quadro, as características das publicações em que tais artefatos são mencionados e o contexto de aparente isolamento da arqueologia brasileira – das demais arqueologias sul-americanas e das ciências sociais e história (BARRETO, 1998, 1999, 1999-2000).

Deve-se afirmar, entretanto, que não pretendemos – de maneira alguma – promovermos um estudo que esgote na completude possíveis debates teórico-metodológicos já construídos anteriormente, conquanto muito poucos centralmente, associados a tais objetos. Menos ainda, não orientamos a presente pesquisa na direção de um quadro-catálogo. Direcionamos essa à abertura de novos horizontes de perspectiva a tais “trechos, troços e coisas” (MILLER, 2013) e às pessoas que de alguma forma estão relacionadas a eles – seja no passado, seja, e em nosso caso: no presente.

É válida uma primária menção sobre a trajetória que nos levou a considerar os supracitados questionamentos – e assim esperamos, reflexões pertinentes – guardados os devidos limites esperados de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

O interesse em estudar as boleadeiras – e as narrativas construídas a partir das bolas líticas – nasce por um lado de preocupações “puramente científicas” – se é que existe tal fria e

imparcial separação –, mas sobretudo por outro, da nossa paixão pela arqueologia já que “embora as reminiscências da tradição positivista nas ciências insistam em negá-la, a paixão é um elemento fundamental na construção do conhecimento científico” (ISNARDIS, 2007, p. 201), não deixando de lado o fato de que a “arqueologia nos define como seres humanos. [...] Arqueologia é gente” (FAGAN, 2019, p. 15).

Em um segundo ponto, na nossa – até aqui – curta trajetória, nos aproximamos de maneira mais incisiva dos estudos relativos às boleadeiras (e artefatos arqueológicos e etnográficos similares) a partir de uma monografia desenvolvida recentemente como atividade avaliativa da disciplina de Arqueologia Americana, ministrada pelo professor Eduardo Góes Neves<sup>3</sup> no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP).

Ainda assim, em um terceiro ponto, parte relevante da curiosidade e do conhecimento fora germinada nos nossos quatro últimos anos do curso de Graduação em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) através da participação no Núcleo de Pesquisa Arqueológica da UFRGS (NuPArq/UFRGS) e do Museu Universitário de Arqueologia e Etnologia da mesma instituição (MUAE/UFRGS). A cargo de preciosos ensinamentos construídos junto da professora Silvia Moehlecke Copé e de não menos instigantes trabalhos que versaram tanto sobre evidências de contato entre grupos indígenas ceramistas da História Antiga do Brasil Meridional (BACK; QUADROS; COPÉ, 2019), quanto sobre possíveis usos da Arqueologia Digital na (re)construção virtual do patrimônio arqueológico (BACK e COPÉ, 2019), tais experiências, sem dúvida, contribuíram para o plano de fundo teórico-prático deste trabalho.

Em um quarto ponto, tal interesse é também fruto dos contatos iniciais que tivemos com a arqueologia no âmbito acadêmico – e de relevantes sugestões bibliográficas – através de disciplinas ministradas pela professora Adriana Schmidt Dias e de eventos, organizados ou apoiados pela Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), como o III Congresso Internacional de Arqueologia da Bacia do Prata, o XX Congresso da SAB, o XI Encontro da SAB-Sul dentre outros.

Dito isso, embora o registro arqueológico da metade austral da América do Sul, como veremos, compartilhe de certas similaridades – não limitadas às características morfológicas, tecnológicas e funcionais dos artefatos –, a evolução<sup>4</sup> da(s) arqueologia(s) ocorre, também, com

---

<sup>3</sup> A quem direcionamos nosso profundo agradecimento pelas sugestões que culminariam na escolha do tema.

<sup>4</sup> Embora Barreto (1999) utilize o termo “desenvolvimento” e não “evolução”, optamos pelo segundo termo em uma perspectiva compartilhada com Ian Hodder (2018), que não o associa à ideia de progresso/desenvolvimento unidirecional, visão mais recorrente na segunda metade do século XIX (ver Schwarcz, 1993; Bethencourt, 2018, 339-418 e Castro, 2016, p. 11-24), mas de modo próximo do verbo em inglês “unroll” (em *tradução livre*: desenrolar).

características próprias (BARRETO, 1998; 1999, 1999-2000). Assim, a partir da análise das concepções do(s) objeto(s) de estudo (1); da história e das características da arqueologia brasileira – também acerca deste(s) (2); de uma visão geográfica e temporalmente mais ampla acerca de seus possíveis vestígios na América do Sul (3); de contatos mais profícuos com a(s) arqueologia(s) vizinha(s) (4); objetivamos contribuir, dentro de nossas possibilidades, para a evidenciação de novas perspectivas analíticas e (re)construções do passado humano concernentes às bolas líticas encontradas no atual território do Brasil e às boleadeiras.

Tais vestígios do passado têm seu potencial explicativo esvaziado enquanto produtos da ação humana pela “forma”<sup>5</sup> como são vistos – e não vistos – no presente pela arqueologia brasileira?

Dentre os objetivos específicos temos: visualizar analiticamente parte das classificações adotadas na arqueologia brasileira para tais objetos; verificar até que ponto as principais inspirações teóricas da arqueologia brasileira, oriundas da América do Norte (como o conceito de “tradição<sup>6</sup>”) e da Europa – e suas leituras – trouxeram limitações acerca do tema; averiguar a possibilidade de maiores contatos teóricos dentro do próprio subcontinente sul-americano.

Sendo assim, desenvolveremos nossos argumentos a partir de quatro pilares contidos nos capítulos seguintes.

No capítulo “**BOLAS, ESFEROIDES E AFINS:** o caso das boleadeiras” serão traçados comentários acerca de diferentes termos, relacionáveis às bolas líticas e boleadeiras, tidos como sinônimos conquanto em nossa visão não o sejam. Em uma primeira sessão serão destacados parte dos percalços iniciais encontrados por nós na determinação dos objetos compreendidos dentro da nossa pesquisa. Em uma segunda sessão serão esboçados pormenores relativos ao que entendemos por “bolas líticas, bolas de boleadeira e boleadeiras”.

No capítulo “**UMA HISTÓRIA DE SOLIDÃO:** as bolas de boleadeira e a arqueologia brasileira” mostraremos brevemente o “estado da arte” no contexto brasileiro dividindo o capítulo em duas partes: a primeira delas diz respeito à história da arqueologia brasileira, a segunda delas à prevalência de um caráter específico observado em seus estudos acerca da temática.

No capítulo “**ENTRE PESSOAS E ARTEFATOS:** uma das armas de arremesso mais antigas da América do Sul” serão explicitados outros contextos temporais e espaciais onde

---

<sup>5</sup> Em um proposital jogo de palavras com abordagens morfofuncionais isoladas e suas críticas. Ver: Dias (2007b), Bueno (2007), Isnardis (2007) e Rodet e Alonso (2007).

<sup>6</sup> Como Dias (2007a) mostra, tal conceito, derivado da obra de Willey e Phillips (1958 apud DIAS, 2007a) fora utilizado de modo descolado de seu corpo teórico original no Brasil, tornando-se parte da finalidade última de boa parte da arqueologia brasileira dos anos 1960 e 1980 com marcas profundas ainda hoje.

foram encontrados vestígios possivelmente assinaláveis – ou não – como característicos de boleadeiras na América do Sul. Assim, destaca-se a possibilidade de diálogos entre as arqueologias sul-americanas e “suas” diversas paisagens culturais.

No capítulo “**BOLEADEIRAS EM CONTEXTO:** um balanço sobre pesquisas recentes na(s) arqueologia(s) vizinha(s)” serão discutidos criticamente trabalhos recentes publicados nos países vizinhos, sobretudo na Argentina – aparentemente mais experiente na análise dos artefatos centrais de nossa pesquisa –, aproximando-os das discussões realizadas – e a serem realizadas – no Brasil. Grosso modo, novos terrenos passíveis de serem pesquisados visualizando as diferenças teórico-metodológicas características de nossa arqueologia serão “escavados”.

## 2. BOLAS, ESFEROIDES E AFINS: o caso das boleadeiras.

[...] los arqueólogos son algo más que simples descubridores. [...] El registro arqueológico está aquí, con nosotros, en el presente. [...] es una parte importante de nuestro mundo contemporáneo y las observaciones que hacemos sobre él están aquí y ahora, son nuestras contemporáneas. (BINFORD, 1991, p. 23, grifo nosso)

O título do presente capítulo fora emprestado dos (e também uma homenagem aos) trabalhos homônimos *Bolas, esferoides y afines*, de Erchini e Tobella (2018, 2020). Já que assim como as autoras, compartilhamos das dificuldades encontradas em atribuir um título suficientemente amplo para designar os artefatos arqueológicos que integrariam as chamadas “boleadeiras”<sup>7</sup> e razoavelmente específico para tratar de artefatos que morfologicamente são assimiláveis às “bolas de boleadeira”<sup>8</sup> mas que possivelmente não o são. Assim, objetiva-se mostrar certos percalços – a serem superados – tanto na tradução do registro arqueológico quanto na tradução das publicações bibliográficas associadas às bolas líticas encontradas nele. *Grosso modo*, tratar-se-á de entender que diferentes arqueólogas e arqueólogos classificaram os “mesmos” objetos arqueológicos de modo diverso, assim como distintos objetos arqueológicos foram classificados como pertencentes a um mesmo conjunto “morfofuncional” quando não necessariamente o comporiam.

Dentro de tal arcabouço, esperamos que tiremos “algumas pedras do meio do caminho”.

### 2.1. Tinham muitas pedras no meio do caminho<sup>9</sup>: boleadeira, boleadora, boule, bolas, bolas líticas, bola stones, bolas de boleadeira, bolas de charrua, bolas de boleadora, stone balls, weight of bolas...

Em um primeiro ponto, é razoável mencionar a diversidade de termos utilizados para designar tanto o sistema de armas<sup>10</sup> que chamamos de “boleadeiras” (CHURCHILL, 1993 apud VECCHI, 2010) quanto os artefatos arqueológicos que aqui chamamos de “bolas líticas”<sup>11</sup> – que possivelmente, ou não, *em determinado contexto espacial e temporal*, estariam em uma boleadeira –.

<sup>7</sup> Do texto original em espanhol, *boleadoras*.

<sup>8</sup> Do texto original em espanhol, *bolas de boleadora*.

<sup>9</sup> Em referência ao poema “No meio do Caminho”, de Carlos Drummond de Andrade (1928).

<sup>10</sup> “a weapon type plus its method of employment” (CHURCHILL, 1993 apud VECCHI, 2010, p. 24)

<sup>11</sup> Neste sentido, seguimos o entendimento de Prieto (2020) e não o de Torres (2007). Esta última reserva o termo “bola lítica” apenas para artefatos arqueológicos ligados às boleadeiras, enquanto “pesos líticos” para artefatos ligados à pesca – como pesos de rede –.

Na Arqueologia Brasileira observamos assustadoramente diferentes usos dos termos supracitados na presente sessão<sup>12</sup>. Em clássicos estudos arqueológicos e etnográficos desenvolvidos no exterior a ambiguidade de termos parece ser pouco menor<sup>13</sup>. Em trabalhos recentes publicados por colegas da América do Sul (excetuando-se o Brasil, já mencionado) e Europa, embora julguemos que explicitem melhor o que entendem por “bolas líticas”, “*bola stones*”, “*bolas de boleadora*” e “*boleadora*”, a diversidade de termos – e distintos posicionamentos – é acompanhada por certa dificuldade de tradução, utilizando termos como sinônimos conquanto em nossa visão não o sejam<sup>14</sup> por questões que serão discorridas abaixo.

O que pretendemos ao colocar em evidência tal “bagunçado” debate é nos posicionarmos por uma melhor definição do(s) artefato(s) e do(s) instrumento(s), já que acreditamos que o principal objetivo da arqueologia, qual seja o de descrever e compreender o comportamento humano do passado e do presente a partir dos vestígios materiais da ação humana, torna-se complicado quando da existência de termos com ambíguas definições – catalisadas, de modo maior, quando da necessária tradução do registro arqueológico e das publicações referentes a ele –. Tais colocações são relevantes já que diferentemente do que ocorre com as pontas de projétil, “para as quais existe uma ligação direta entre o objeto e a função designada para o mesmo” (RODET e ALONSO, 2007, p. 147), as bolas líticas e sua

---

<sup>12</sup> Prous (1992) utiliza o termo “bolas de boleadeira” (PROUS, 1992, p. 596) para designar todo e qualquer artefato arqueológico, sobretudo de pedra, que estaria ligado ao instrumento “boleadeira”, embora tenha também utilizado o segundo termo (“boleadeira”) para designar a “bola lítica” arqueológica e o próprio instrumento de arremesso “completo” (Prous, 1992, p. 61, p. 302 e p. 552). Em outras ocorrências, o arqueólogo franco-brasileiro utiliza o termo “bola” (ou seu plural, “bolas”) para se referir a artefatos arqueológicos esféricos, não apenas líticos, produzidos em argila, encontrados na Região Sul e Sudeste do Brasil (Prous, 1992, p. 173 e p. 324) e na área amazônica (Prous, 1992, p. 489), em resina vegetal (Prous, 1992, p. 405) e até em osso de peixe (*Pomacanthus sp.*) (Prous, 1992, p. 244), que não estariam ligados a usos como boleadeiras, embora ambigualmente também utilize o termo “bola” para aqueles que estariam. Schmitz et al (1971), Schmitz (2006a, 2006b), Becker (2006), Jacobus (2006) e Mentz Ribeiro (2008) utilizam apenas o termo “bolas de boleadeira” para designar as bolas líticas relacionadas ao uso como boleadeiras. Direção seguida de modo semelhante por Lino et al (2021) que adotam o termo “boleadeira” para a arma de arremesso completa e “balls” para o que chamaríamos de “bolas de boleadeira”. Silveira et al (1978) adotaram o termo “boleadeira” para classificar os esféricos líticos arqueológicos encontrados no Planalto Meridional do Rio Grande do Sul (SILVEIRA et al, 1978, p. 31). De modo parecido, Dias (2003) utiliza o mesmo termo para designar os artefatos líticos, fato que se repete em obras posteriores (DIAS, 2007a, 2007b). Corrêa (2011, p. 224) designa da mesma forma os conjuntos artefatuais líticos do Sul do Brasil. Copé, Barreto e Silva (2013, p. 50) embora coloquem que “As bolas e o laço que as prendia popularizaram-se como boleadeiras”, adotaram a legenda “boleadeiras” por mais de uma vez para designar os artefatos líticos arqueológicos, conquanto também utilizem o termo “bolas de boleadeiras” e “bolas de pedra (as boleadeiras)” para designar as bolas líticas possivelmente utilizadas na arma “completa”.

<sup>13</sup> Em *Travels and Archaeology in South Chile*, clássica obra de Junius Bird (1988), é perceptível a adoção dos termos “bola” e “bola stones” mais atribuíveis aos artefatos arqueológicos líticos, enquanto o termo “boleadora” (mantido originalmente em espanhol) é reservado para se tratar da arma de arremesso indígena completa. Comportamento similar ao adotado por Nordenskiöld (1910, 1912) que em obra publicada tanto em sueco (*Indianlif*) quanto em alemão (*Indianerleben*) mantém o termo “boleadora” para se referir à arma completa em seu trabalho etnográfico. Metrâux (1949) em um dos sete volumes do popular *Handbook of South American Indians*, entretanto, adota ao termo “bolas” como sinônimo de “boleadora”, enquanto as bolas líticas presentes nas boleadeiras – as bolas de boleadeira – são nomeadas por ele como “*weight of bolas*” ou “*stone balls*”.

<sup>14</sup> *Bola stones* e *stone balls*, na nossa concepção, não devem ser traduzidos como “boleadeira/boleadora”, mas como “bolas líticas”.

classificação como “bolas de boleadeira” (ou literalmente como “boleadeiras”, posição que não compartilhamos) dependem de maiores informações a respeito do *contexto* em que foram encontradas, utilizadas, e em alguns casos reusadas<sup>15</sup> (em análises funcionais que não apenas sejam centradas em suas características morfológicas isoladas, mas em um olhar mais amplo direcionado ao contexto em que foram encontradas). “Não há novidade alguma em falar que os vestígios arqueológicos só ganham significado enquanto elementos de um contexto.” (ISNARDIS, 2007, p. 202).

A partir do que fora colocado acima, é necessário aprofundarmo-nos em como arqueólogas e arqueólogos do passado – recente ou antigo – definiram as boleadeiras (e os objetos arqueológicos intimamente relacionados a elas) já que como defende Glyn Daniel: “The present state of archaeology cannot be divorced from its past state.” (DANIEL, 1976, p. 5). Ou, como diriam Price e Feinman (2001, p. 475, grifo nosso): “We are currently constructing the first few floors of an edifice of knowledge the final height of which is yet unknown. [...] **Maybe one of the most important lessons of archaeology is that we can only build on what has been laid down before us.**”

Assim, ao utilizarmos as ideias de Rex González, neste caso, não como referência, mas como fonte, temos que, para ele:

**El término general de boleadoras se refiere al arma completa compuesta por una, dos o tres bolas de piedra, hueso, metal o marfil, unidas entre sí por cordeles o torzales fabricados con tendones, cuero, lanas o cualquier otro material que permita la preparación de dichos cordeles. Un sinónimo para designar las boleadoras es el término vulgar de bola, aunque en arqueología este término se reserva para las pesas de piedra que en número variable forman la boleadora.** (GONZÁLEZ, 2003, p. 40, grifo nosso)

Direção parecida àquela adotada em seu pioneiro trabalho:

**[...] los términos bola, su plural bolas y boleadora se usan a menudo como sinónimos. El primero es más utilizado por los autores de habla inglesa; en América Latina, y especialmente en nuestro país [Argentina], el uso ha consagrado ambos términos, pero creo que sería de utilidad restringir el uso del término bola para el objeto puramente arqueológico [...] y reservar el término boleadora para las piezas etnográficas”** (GONZÁLEZ, 1953, p. 136, grifo nosso)

Para a arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire, que trouxe importantes contribuições para a formação científica da arqueologia brasileira (BARRETO, 1999; PROUS, 2019), em seu reconhecido *Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul* (1967), verificamos que menciona na sessão “bolas” o seguinte:

---

<sup>15</sup> Ver: Schiffer (1972).



**Bola de pedra picoteada ou polida de forma tipicamente esférica, mas podendo apresentar variantes (ovoides, etc), que apresenta ou não, um sulco equatorial. As bolas são utilizadas como arma de arremesso para a caça aos cervídeos, guanacos, etc. [...] não constituem, pois, uma arma por si mesmas, mas um objeto que servia para lastrar e um elemento constituinte da boleadeira (conjunto de bolas e couros). Eis o motivo de sua classificação como objeto que serve para lastrar. As bolas pré-históricas, eram certamente utilizadas como armas. (LAMING-EMPERAIRE, 1967, p. 88-89, grifo nosso)**

Já Prous (2019), na possivelmente mais completa e recente síntese da Arqueologia Brasileira escreve sobre as “bolas de boleadeira” não deixando de mencionar certas semelhanças morfológicas que elas compartilham com outros objetos arqueológicos, os pesos de rede e de linha:

Pesos de rede e de linha foram, por vezes, fabricados por picoteamento, apesar de muitos serem apenas pedras aproveitadas em bruto. **Nos pesos trabalhados costuma existir um sulco periférico picoteado para facilitar a suspensão. Artefatos morfológicamente parecidos são as bolas de boleadeira, objetos geralmente esféricos, que podem ser circundados por um ou dois sulcos, e algumas apresentam protuberâncias (neste caso, a bola é dita eriçada ou mamilar). As informações etnográficas mais antigas sugerem que as boleadeiras eram do tipo “avestruzeiras”: apenas duas bolas interligadas, usadas por arremesso – com uma delas mantida na mão, o conjunto sendo usado como maça.** Somente a partir do século XVIII apareceria a boleadeira com três bolas (uma delas, menor), usada pelos índios charrua montados a cavalo. (PROUS, 2019, p. 121, grifo nosso)

Enquanto Lerói-Gourhan define o termo “bola”<sup>16</sup> em seu popular *Dictionnaire de la Préhistoire* (1988) como:

**Boule de pierre piquetée ou polie**, parfois d'hématite ou tout autre minéral lourd, **présentant ou non une rainure équatoriale**. La forme en est généralement sphérique mais peut être aussi ovoïde, conique ou biconique, à mamelons, etc. **Ces boules, enfermées dans une enveloppe de peau ou ceinturées par un lien passant dans la rainure, étaient ensuite attachées à l'extrémité d'une corde ou d'une lanière de cuir et rassemblées en faisceau de 2 ou 3 pièces. L'ensemble constituait une arme de jet très efficace qui, lancée en tournoyant dans les pattes du gibier poursuivi, immobilisait l'animal.** En Amérique, les bolas sont présents sur tout le continent sud-américain et dans de très nombreuses cultures préhistoriques, essentiellement dans les régions de palines ou plateaux ouverts où elles étaient utilisées pour la chasse aux grands herbivores (cervidés et camélidés) et aux austruches: extrême sud du Brésil, Uruguay, Argentine, Patagonie argentine et chilienne, hauts plateaux des Andes. (LERÓI-GOURHAN, 1988, p. 143, grifo nosso)

Mais recentemente, no entanto, Neves de Souza e Afonso (2020) definiram as bolas de boleadeira como:

[...] artefatos de pedra picoteada e frequentemente polida, de forma principalmente esferoidal, piriforme ou elipsoidal (mas há outras, como multiesferoidal ou

<sup>16</sup> O termo “boleadora” aparece na obra do arqueólogo francês mas o autor não a atribui um significado maior, redirecionando o leitor ao termo “bola”.

mamilonar). A maior parte das peças apresenta um sulco periférico utilizado na preensão. Seriam utilizadas amarradas a um encordoamento e lançadas sobre o alvo, podendo ser utilizadas como armas de caça ou de guerra. (NEVES DE SOUZA e AFONSO, 2020, p. 382)

Feitas tais exposições de ideias e a partir de importantes contribuições de colegas, julgamos mais do que necessária uma separação mais nítida dos termos “bolas”, “bolas de boleadeira”, “boleadeira” e “bolas líticas” – já que as próprias “definições” expostas acima – junto dos múltiplos usos de termos – não conseguem satisfatoriamente fazê-lo – por razões que serão discorridas abaixo.

A primeira delas diz respeito a um problema exposto por Miller Jr. (1981 apud RODET e ALONSO, 2007, p. 142, grifo nosso) onde aponta que “*certos instrumentos encontrados arqueologicamente têm classificações que são baseadas em funções presumidas, mas não verificadas, ou em analogias gerais que não são apropriadas.*” Tal vicissitude classificatória, na nossa visão, aglutina a forma de artefatos arqueológicos líticos – principalmente, mas não apenas – esferoides e ovoides (pesos líticos ou bolas líticas<sup>17</sup> como quisermos chamá-los<sup>18</sup>) da América do Sul ao instrumento boleadeira<sup>19</sup>. Dito de outro modo, a utilização dos termos “bolas”, “bolas de boleadeira”, “boleadeira” e “bolas líticas” como sinônimos – ou com definições não tão claras – torna pouco visível o fato de que: (1) nem todas as bolas arqueológicas foram produzidas em material lítico; (2) nem todos os artefatos classificados como bolas arqueológicas estiveram presentes em boleadeiras<sup>20</sup> (ou seja, nem todas as bolas arqueológicas eram de fato, em um determinado contexto “bolas de boleadeira”); (3) nem todas as bolas classificadas como bolas de boleadeira encontradas em escavações arqueológicas foram produzidas em material lítico<sup>21</sup>; e, ainda, (4) nem todas as bolas líticas foram utilizadas em uma única e exclusiva função (e funcionamento<sup>22</sup>) associada a um único instrumento, em

<sup>17</sup> Torres (2007), em artigo sobre redes ou linhas de pesca vê como problemática a categoria “bola” adotando ao termo “peso lítico” – ou seja, uma definição de categoria tipológica e não funcional – para pesos “para rede” e pesos “para linha de pesca” – dois métodos distintos –. No entanto a autora não sugere de modo explícito a adoção de tal termo para bolas de boleadeira, algo como pesos “para boleadeira”.

<sup>18</sup> Conquanto nem toda bola lítica seja um esferoide – mesmo que tenda a sê-lo –.

<sup>19</sup> Fenômeno já percebido anteriormente por Calippo (2011) para contextos litorâneos brasileiros.

<sup>20</sup> Ver: Prieto (2020, p. 2-11). Na Arqueologia dos Estados Unidos há polêmica semelhante – já antiga – na classificação morfofuncional de artefatos semelhantes às bolas líticas da América do Sul, chamados na América do Norte de “plummet-stone”. No contexto norte-americano, Pennypacker (1938) estruturou uma tabela de dez usos propostos para tais artefatos. Ver: “The Problem of the “Plummet-Stone” de Pennypacker (1938)”.

<sup>21</sup> Há, por exemplo, bolas arqueológicas de argila encontradas na Venezuela sendo associadas ao uso em boleadeiras. Ver: Zucchi (1967, 1973) e Fuchs (1968).

<sup>22</sup> Há diferença entre modo de funcionamento e função. Ver: Sigaut (1997 apud MELLO, 2007, p. 125).

um único “povo”<sup>23</sup> e em um não menos único – e artificial – recorte espacial e cronológico<sup>24</sup>. Essa visão do referido artefato não leva em conta o próprio significado da palavra “artefato”, no sentido antropológico do termo<sup>25</sup>, deixando pouco visível a existência de uma trajetória dos objetos (ver figura 1) expressa e impressa na(s) “biografia(s) da(s) coisa(s)” (MACGREGOR, 2019). Como diria Ulpiano Bezerra de Meneses (2015, p. 21): “Se se deve admitir que a historicidade dos objetos pode ser eventualmente lida na materialidade de sua forma e atributos materiais, já as narrativas necessitam de outros insumos.”

**Figura 1. Simulação digital de bolas líticas exatamente iguais adotadas em contextos diferentes. a) rede de pesca b) boleadeira**



Fonte: elaboração própria a partir de uma bola lítica do acervo do MUAE/UFRGS.

Nesta direção, concordamos com Mello (2007) que conquanto não mencione explicitamente as bolas arqueológicas, defende que “artefato” não é em si um “instrumento” ou apenas mais um componente deste, ele é “instituído como instrumento pelo sujeito que lhe dá seu *status* de meio para atingir os fins da ação. Assim, um mesmo artefato pode ter *status* instrumentais bem diferentes segundo os sujeitos, e para um mesmo sujeito, segundo as situações” (MELLO, 2007, p. 123, grifo do autor). Para o caso dos objetos centrais do presente

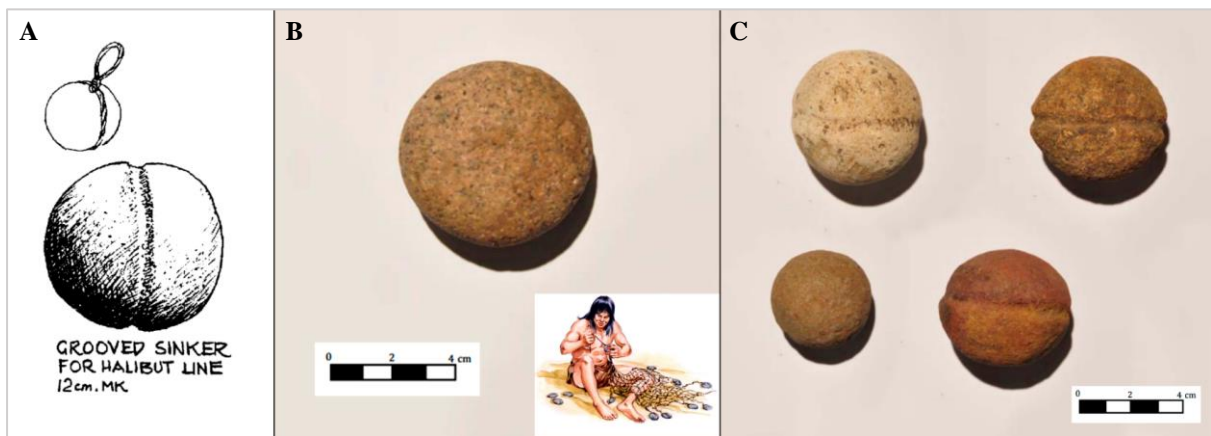
<sup>23</sup> Ver o trabalho “Bolas de boleadora del curso inferior del Río Salado: materias primas y redes de intercambio, de Rodrigo Vecchi (2011) onde são percorridos maiores detalhes nesse sentido.

<sup>24</sup> Visão hermética que pode ser, na nossa visão, muito fruto daquilo que Andrei Isnardis (2007) chama de “solidão das Indústrias Líticas” que falaremos no capítulo seguinte. “[...] solidão, que muitas vezes desvaloriza seu potencial interpretativo [do vestígio lítico] do conjunto do registro arqueológico e limita sua contribuição para o conhecimento sobre as sociedades humanas pretéritas. [...] promove-se um raciocínio que tende a isolar o material lítico das estruturas em que fora encontrado e das demais estruturas dos sítios e de seus outros vestígios. [...] Após uma temporada dentro de um saco plástico, dentro de uma caixa, em alguma estante, esse vestígio chega ao ponto crítico de seu percurso: nossa mesa, onde será analisado. É [...] desconectado dos demais elementos do registro arqueológico que não sejam líticos, que esse vestígio vai ser inquirido acerca de seus atributos, pretendendo-se dele extrair elementos que sirvam a uma interpretação do nível arqueológico, da unidade de escavação, do sítio, da região de que provêm – elementos que sirvam à compreensão da sociedade humana pretérita que o produziu. [...]” (ISNARDIS, 2007, p. 195-200).

<sup>25</sup> “[...] qualquer coisa que sofreu uma [ou mais] transformação [transformações] de origem humana.” (MELLO, 2007, p. 122).

trabalho, entendemos que bolas líticas<sup>26</sup> produzidas pela ação humana se tornam bolas de boleadeira e/ou pesos de rede ou de linha<sup>27</sup> (ver figura 2), ou quaisquer outros instrumentos, da mesma forma, segundo diferentes sujeitos e/ou diferentes situações – a partir de um mesmo agente transformador, o comportamento humano. Ponto relevante de destaque é que ambos fatores estão associados aos processos históricos e socio-antropológicos vividos e construídos pelos seres humanos neles inseridos<sup>28</sup>.

**Figura 2. Semelhança morfológica de artefatos classificados como pesos de rede e bolas de boleadeira.**



- a) artefato utilizado por indígenas do Noroeste da América do Norte em atividades de pesca. Fonte: Stewart (1982, p. 31).  
 b) artefato arqueológico sul-brasileiro classificado como peso de rede. Fonte: Copé, Barreto e Silva (2013, p. 63, adaptado). Ilustração de Ana Luiza Koehler. c) artefatos arqueológicos classificados como “boleadeiras”. Fonte: Copé, Barreto e Silva (2013, p. 51, adaptado)

Uma vez mais, tais considerações mostram a necessidade de entendermos o contexto em que artefatos classificados como “bolas” são encontrados tanto no registro arqueológico quanto nas publicações bibliográficas, já que na nossa visão a arqueologia estuda a “totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico” (FUNARI, 2003, p. 15) e não os “trechos,

<sup>26</sup> O fato de bolas líticas serem encontradas em áreas próximas de lagos, cursos d’água e matagais não necessariamente indica que estas tenham sido utilizadas na pesca excluindo-se a possibilidade de serem bolas de boleadeiras. Há importantes trabalhos mostrando a utilização de tais locais como armadilhas naturais para a caça de animais – entre eles o ratão-do-banhado, também presente no Brasil – com o emprego de boleadeiras. González et al (2021) inclusive levanta a hipótese de que os sulcos rasos e largos observados na maioria das bolas líticas do recorte espacial estudado podem ser evidências de métodos de fixação – com cordões mais grossos – mais apropriados a ambientes aquáticos e úmidos, onde a deterioração e danos no encordoamento – perecível – é potencializada. Ver: Vecchi (2010), Torres e Morello (2011), Agnolin, Coni e Goñi (2019), Kaufmann et al (2021), González et al (2021).

<sup>27</sup> Calippo (2011, p. 41), após afirmar que instrumentos tradicionalmente associados à caça – quando analisados a partir de contextos costeiros e marítimos – podem ser interpretados como objetos utilizados na pesca – ou ainda, na caça e na pesca simultaneamente –, levanta a hipótese que bolas de boleadeira assim como outros artefatos “[...] tanto poderiam servir para a função que lhes dá o nome como serem utilizados (ou também utilizados) como pesos de rede e de anzóis.”

<sup>28</sup> Como diria Paulo Freire (2002, p. 23): “Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.”

troços e coisas” (MILLER, 2013) por si (e em si) mesmos. Tais ideias são direcionadas desta forma para que as ligações (entre aspectos morfológicos e funcionais e semântico-textuais) fiquem mais reconhecíveis e conscientemente adotadas<sup>29</sup> já que a própria natureza do registro arqueológico e seu contexto específico não torna, na nossa visão, as interpretações arqueológicas de todo flexíveis (BARRETO, 1999, p. 201).

Assim, mais do que uma resposta final, o presente trabalho propõe-se também a ser um convite para que tiremos, mais uma, pedra do meio do caminho, através de interpretações coletivas visando a construção de definições mais estruturadas a respeito de como tratar tais artefatos em nossas análises e publicações na arqueologia brasileira.

## 2.2. Como tirar uma pedra do meio do caminho: o que entendemos por “boleadeiras”.

De todo modo, a partir do que fora dito no tópico anterior e levando em consideração fontes arqueológicas e etnográficas e um amplo panorama de ideias presentes nos diversos trabalhos devidamente referenciados nas sessões subsequentes, entendemos as boleadeiras como sistemas de armas multifuncionais adotados tanto em conflitos interpessoais<sup>30</sup> quanto na caça de animais variados<sup>31</sup> (de grande, médio e de pequeno porte), sendo utilizadas tanto como “armas de arremesso” – agindo por apreensão e traumatismo – quanto como maça – agindo sobretudo por traumatismo (GONZÁLEZ, 1953; VECCHI, 2010) – sendo, deste modo, conservada à mão (ver figura 3a). Ademais, acreditamos que seja importante afirmar que tais armas comportam uma imensa diversidade de características, sendo geralmente confeccionadas tendo de uma a três bolas<sup>32</sup> (em casos muito excepcionais, quatro) de forma variável com

<sup>29</sup> Há um excerto em um trabalho de Chamussy (2014) que demonstra bem como os aspectos morfológicos, funcionais e semântico-textuais são confundíveis com a adoção do termo “bolas” para designar a arma completa – assim como boleadeiras para designar os artefatos arqueológicos –: “**Es efetivamente preciso percatarse que todas las bolas de piedra com ranura ecuatorial no son bolas** (?), sino más bien – com mayor frecuencia – sobre todo en los sitios marítimos de la costa del Perú –, pesos de redes de pesca.” (CHAMUSSY, 2014, p. 71, grifo nosso).

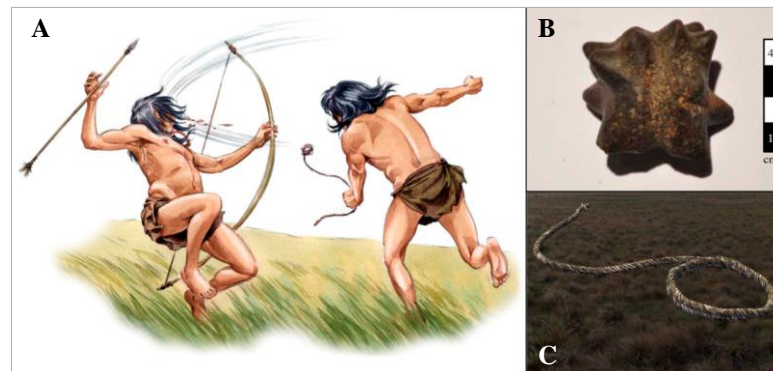
<sup>30</sup> Evidências bioarqueológicas de lesões (*antemortem* e *perimortem*) provocadas por boleadeiras em remanescentes humanos (em contexto histórico pré-colonial) foram bem documentadas em crânios de indivíduos adultos (tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino) e jovens. Ver: Fabra, González e Robin (2015) e Flensburg e Suby (2020). Recentemente também fora publicado um estudo que analisa as especificidades (com variáveis qualitativas e quantitativas) das marcas deixadas por boleadeiras (entre outras armas) em traumatismos cranianos. Ver: Otero e Béguelinb (2019). Ainda, há documentos históricos que apontam para evidências da utilização das boleadeiras como armas de guerra contra os invasores europeus já no século XVI, como os relatos de Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés (1535) e Ulrich Schmidel (1567). Ver: Langer (2015).

<sup>31</sup> Na nossa visão, há a necessidade de melhor entendermos a fauna alvo de tais armas em cada contexto específico já que elas estão presentes em diferentes paisagens – portanto, as estratégias de caça e os animais alvo não podem ser homogeneizados pelos relatos etnográficos ou registros arqueológicos de outros contextos espaciais ou temporais –.

<sup>32</sup> Com enorme diversidade de formas, tamanhos, tratamentos de superfície, localização, forma de sulco(s) (caso existentes) e envolturas, como colocado por Torres (2009). Ver estudos tipológicos de González (1953), Schmitz et al

sulco(s) ou não, na maioria das vezes líticas<sup>33</sup> – pelo menos aquelas encontradas arqueologicamente – encordoadas (ver figura 3c) e em alguns casos cobertas (ver figura 4) (VIDAL, 2009; PRIETO, 2020) sobretudo em material perecível como fibras vegetais, tendões, “tripas” e couro (GONZÁLEZ, 1953; VECCHI, 2010) – dificilmente encontráveis em pesquisas arqueológicas –.

**Figura 3- Boleadeira de uma bola sendo utilizada como maça, sua bola lítica e simulação digital de seu possível encordoamento.**



a) boleadeira agindo por traumatismo em conflito. Fonte: Copé, Barreto e Silva (2013, p. 52). Ilustração de Ana Luiza Koehler. b) bola lítica com protuberâncias classificada como “boleadeira mamilar”. Fonte: Copé, Barreto e Silva (2013, p. 53, adaptado). c) simulação digital do material perecível utilizado no encordoamento da boleadeira. Fonte: elaboração própria.

Tamanha diversidade pode ser melhor resumida, de modo geral, pela ideia de que há boleadeiras confeccionadas com uma única bola principal, assim como boleadeiras confeccionadas com duas e três bolas.

No caso das boleadeiras confeccionadas com uma bola lítica principal, a atuação por trauma é mais recorrente, visando a atordoar e/ou matar o inimigo e/ou a presa. Tais boleadeiras foram chamadas por González (1953, 2003) de “bolas perdidas”<sup>34</sup>, sendo utilizadas como armas de arremesso e/ou como maça<sup>35</sup>. Fato importante de frisar, no entanto, é que para o arqueólogo argentino apenas bolas líticas com protuberâncias (projetadas para um mais efetivo potencial

(1971), Torres (2009), Erchini e Tobella (2020) e as observações morfológicas das bolas de boleadeira realizadas por Vecchi (2010, p. 33-36).

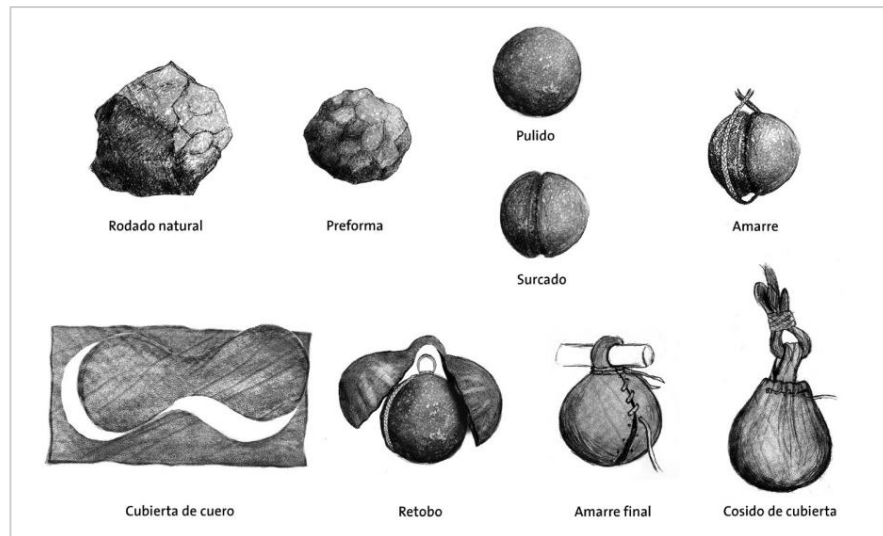
<sup>33</sup> Vecchi (2010, p. 77) constrói uma tabela com duas colunas (uma para a região pampeana, outra para a região patagônica) onde constam as diferentes matérias-primas (hematita, chumbo, “lava vesicular”, cobre, bronze, ferro – fundido ou bruto –, metal – indeterminado –, pedra – indeterminadas –, “canto rodado” – em português, possivelmente seixo –, jaspes, terra endurecida, mármore, granito, pirita de ferro – umedecida e seca – e madeira) utilizadas para a fabricação de bolas de boleadeira, baseando-se em distintos relatos do século XVIII e XIX. Schmitz et al (1971) classificaram cerca de 600 bolas líticas do Rio Grande do Sul com razoável variação de matéria-prima (basalto erodido, pórfiro mineralizado, pórfiro, gneis mineralizado, hematita, gneis, arenito fritado, feldspato branco, ilmenita, arenito...).

<sup>34</sup> Chamussy (2014, p. 72) relata que a variante de uma única bola também fora nomeada de “Wichi Wichi” em quéchua.

<sup>35</sup> Vecchi (2010, 2012), em uma postura que concordamos, diferencia as boleadeiras de uma bola em bolas perdidas – para aquelas que seriam arremessadas – e maçãs – para aquelas que eram mantidas à mão – a partir de relatos históricos, diferentemente de González (1953, 2003). Há evidências de que penas eram colocadas, em alguns casos, na ponta oposta da corda, em relação à bola principal – por vezes pintada –, possivelmente para que fosse mais facilmente encontrada após o lançamento. Ver: González (1953) e Garcia e Silva (2013, p. 91 e 94)

traumático devido à massa e à superfície de contato), ou seja, bolas classificadas como *erizadas*, mamilares ou mamilonares<sup>36</sup> (ver figura 3b) podem ser identificadas no registro arqueológico como “bolas perdidas”; embora haja a possibilidade de que outros artefatos sem tais características (bolas esferoides lisas, por exemplo) também tenham sido utilizados do mesmo modo (GONZÁLEZ, 1953).

**Figura 4 - Exemplo de processo de confecção de uma boleadeira encordoada e coberta.**



Fonte: Prieto (2020, p. 8 elaborado a partir de Saubidet, 1948)

Há também de se ter em mente que não há um consenso na arqueologia sul-americana se as “bolas perdidas” podem ser compreendidas como armas específicas diferenciadas das boleadeiras – de duas e três bolas – que atuam de modo mais direcionado à apreensão<sup>37</sup> – não constando entre elas –.

Em direção parecida, para o caso das boleadeiras de duas e três bolas deve-se mencionar que são as mais frequentes nos relatos de viajantes e cronistas, evidenciadas por exemplo no livro *Corto y verídico relato de la desgraciada navegación de un buque de Amsterdam (1598-1601)* em que se registra o primeiro documento iconográfico do uso de tais armas na América do Sul (GONZÁLEZ, 1953) e no não menos interessante *Viagem de um naturalista ao redor do mundo (1839)*, de Charles Darwin (GARCIA e SILVA, 2013, p. 94-95). Em todo caso, as

<sup>36</sup> É importante mencionar que mesmo que não possamos descobrir quantas bolas líticas tinham as boleadeiras utilizadas nos vestígios humanos com marcas de violência interpessoal, presentes no trabalho de Flensburg e Suby (2020), podemos afirmar a partir da interpretação dos autores de que se tratavam de bolas de boleadeiras sem vértices cortantes.

<sup>37</sup> Na visão de Vidal (2009), deve-se ocorrer uma diferenciação entre as armas boleadeiras, “bolas perdidas” e bolas de funda, visão que compartilhamos em parte – já que diferenciamos as boleadeiras e as bolas de funda, embora, compreendamos que “boleadeiras” de uma bola lítica, utilizadas tanto como bolas perdidas quanto como maças são parte de uma mesmo conjunto de armas.

boleadeiras de duas bolas ficaram conhecidas na região platina como *ñanducera*, *avestruzeira* ou *laques* enquanto as boleadeiras de três bolas ficaram conhecidas como *guanaquera*, *potrera* ou *três marias* (PROUS, 2019; VIDAL, 2009; HERNÁNDEZ, 2002; GONZÁLEZ, 1953; GARCIA; SILVA, 2013). Em tais modelos normalmente existe uma bola de formato (mais elíptico ou piriforme) e/ou tamanho e/ou peso menor (ver figura 5) denominada popularmente como *chica* ou *manija*, vital para a abertura de um maior ângulo das bolas de maior massa (GARCIA e SILVA, 2013).

**Figura 5 - Simulação digital de uma boleadeira de três bolas com a presença de duas bolas líficas de massa e formato semelhante (à direita) e da *manija* (à esquerda)**



Fonte: elaboração própria

A importância da *manija* é atestada tanto por ditados populares – “andar como bola sin manija”, para designar alguém que se encontra desorientado – quanto por estudos de Arqueologia Experimental (ver figura 6) que apontaram para o fato de que:

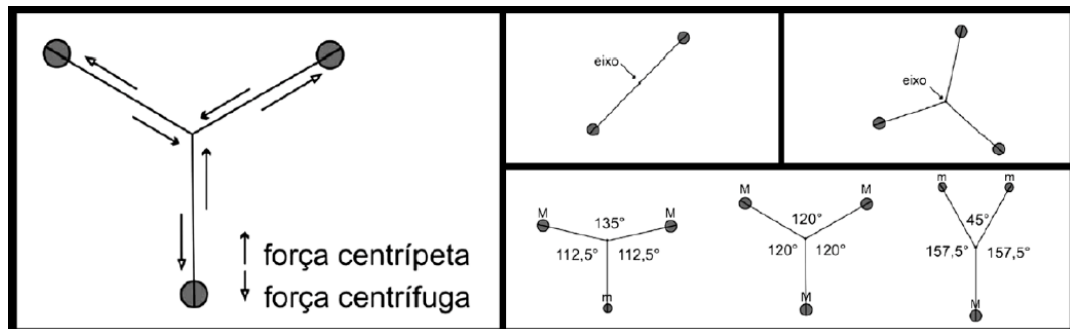
A física auxilia no entendimento da utilização de um contrapeso pequeno [a manija] nesse artefato, pois quanto menor for [...], mais afastadas ficam as bolas de maior peso e equivalência entre si quando estão em movimento livre, o que é favorável ao uso adequado do artefato [...] diminui[ndo] a chance de choques durante a prática. [...] Basta que uma das correias atinja o alvo para que as demais comecem a enrolar-se em torno deste. (GARCIA; SILVA, 2013, p. 113)

Agindo principalmente por apreensão e não tanto por contusão/trauma (como as boleadeiras de uma bola), eram lançadas em direção ao alvo objetivando a pressionar áreas sensíveis como pescoço e patas<sup>38</sup>, não muito dificilmente fraturava os ossos do alvo após o bem-sucedido arremesso (VIDAL, 2009).

<sup>38</sup> “a veces cae [ñandu – ema] medio ahogado y casos hay en que las bolas, al envolverse con mucha fuerza, les cortan el pescuezo. Lo normal es que éstas, luego de detenerse en el tronco del cuello, caigan y el ñandu al correr se las enrede en las patas, quedando maneado y a merced del cazador” (SILVA VALDEZ, 1946, apud GONZÁLEZ, 1953, p. 137).



**Figura 6 - Representação das forças centrípeta e centrífuga atuando na boleadeira e dos diferentes efeitos produzidos após o lançamento de boleadeiras com bolas de distintas massas.**



Fonte: Garcia e Silva (2013, p. 113-114, adaptado)

Um ponto importante de ser mencionado – sem maiores detalhes já que não consta entre os objetivos da presente pesquisa – é o fato de que há discordância se as boleadeiras de três bolas foram utilizadas em tempos pré-invasão europeia, já que há estudos que indicam a existência de vestígios seguros de sua presença em contexto pré-colombiano (GONZÁLEZ, 1953, p. 149) e outros que indicam o seu aparecimento por volta do século XVIII, com a (re)introdução do cavalo pelo contato/choque com populações de origem europeia no caso do Brasil<sup>39</sup> (VIDAL, 2009, p. 94-97; GARCIA e SILVA, 2013, p. 99-100; PROUS, 2019, p. 121).

É dentro deste território conhecido como “Brasil” que buscaremos entender, em “uma história de solidão”, como vem sendo construída a Arqueologia Brasileira priorizando-nos a visualizar como seus discursos e quadros teóricos prévios influenciaram no “estado presente”<sup>40</sup> dos trabalhos que de alguma forma mencionam as bolas de boleadeira como objetos de estudo centrais ou secundários.

<sup>39</sup> Em nossa visão preliminar, os usos do passado afeitos à construção do ideário gaúcho, expostos por Vidal (2009), com a boleadeira de três bolas sendo símbolo da “contribuição” inovativa europeia (em um local onde supostamente existiriam apenas as boleadeiras de duas bolas) dificulta a construção de uma resposta de cunho historiográfico “menos mitológico”.

<sup>40</sup> Em nova referência à citação de Glyn Daniel (1976, p. 5).

### 3. UMA HISTÓRIA DE SOLIDÃO<sup>41</sup>: as bolas de boleadeira e a arqueologia brasileira.

A história, essa viagem ao outro, deve servir para nos fazer sair de nós, tão legitimamente quanto nos confortar em nossos limites. (VEYNE, 2009, p. 12)

Los arqueólogos tienen el deber, tanto hacia sus colegas como hacia el público en general, de explicar qué hacen y por qué. [...] Aunque el objetivo inmediato de la mayoría de las investigaciones sea dar respuesta a preguntas específicas, el propósito fundamental de la arqueología debe ser el de proporcionar a la gente en general una mejor comprensión del pasado humano. (RENFREW e BAHN, 1993, p. 504-507)

Há pouco mais de dez anos fora publicado o livro *Das Pedras aos Homens: Tecnologia Lítica na Arqueologia Brasileira*, importante referência nos estudos de artefatos líticos do Brasil. Contando com a participação de relevantes pesquisadoras e pesquisadores da área (BUENO e ISNARDIS, 2007; SCHMITZ, 2007; DIAS, 2007b; BUENO; 2007; HILBERT; 2007; MELLO; 2007; RODET e ALONSO, 2007; PROUS, 2007; VILHENA-VIALOU, 2007; ISNARDIS, 2007; HOELTZ, 2007; SHOTT, 2007), o livro foi resultado do simpósio “Tecnologia Lítica no Brasil: fundamentos teóricos, problemas e perspectivas de pesquisa” que se propôs a, nas palavras dos organizadores: “discutir o **estado atual das pesquisas arqueológicas sobre tecnologia lítica no Brasil**, enfatizando os **aspectos teóricos a elas relacionados** a partir da identificação dos **principais problemas de pesquisa** e das **abordagens metodológicas** que vêm sendo implementadas para encaminhá-los.” (BUENO e ISNARDIS, 2007, p. 9, grifo nosso). Levando tal aspecto em consideração, pode-se afirmar, até certo ponto, que o livro esboça em maior ou menor medida o que estaria no centro dos debates relativos à “Tecnologia Lítica no Brasil”, bem como em outra face expressaria (pela ausência) aqueles elementos não tão presentes entre os principais problemas de pesquisa do campo.

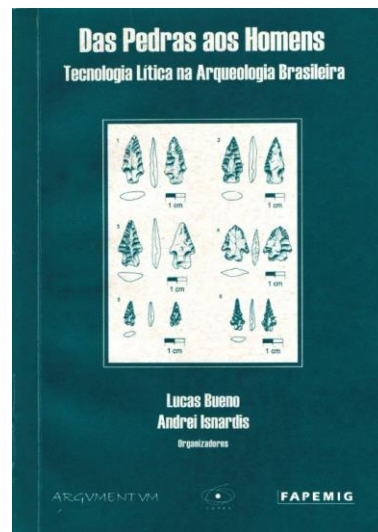
Dito isso, sem tirar de forma alguma o mérito das pesquisas expostas no livro, algo digno de menção é o fato de que mesmo que exponha trabalhos direcionados a quaisquer artefatos líticos da Arqueologia Brasileira – dentre eles, as bolas de boleadeira –, dos onze capítulos publicados na obra original as bolas líticas – nomeadas tanto como “bolas” quanto

---

<sup>41</sup> A escolha do título do presente capítulo fora inspirada nos trabalhos de Isnardis (2007) e Barreto (1998; 1999). Em *Notas sobre a solidão das Indústrias Líticas*, Andrei Isnardis maiormente direcionado à bibliografia arqueológica brasileira argumenta que existe uma solidão, promovida pelos arqueólogos, “ao tratar de forma pouco sistemática as relações entre as indústrias líticas e os demais componentes do registro arqueológico.” (ISNARDIS, 2007, p. 195). Em outra direção, tanto em *Brazilian archaeology from a Brazilian perspective* quanto em *Arqueologia Brasileira: uma perspectiva histórica e comparada*, a “solidão” implícita, discorrida por Cristiana Barreto (1998; 1999), é melhor direcionada à noção de que o desenvolvimento da arqueologia brasileira se deu, por muito tempo, em um quadro de isolamento e marginalização (em relação à arqueologia do restante da América Latina e do cenário internacional e mesmo dos debates teóricos já realizados no Brasil pelas ciências sociais e história), quadro que contribuiria para que esta fosse caracterizada como pouco teórica e isolada. Com tais contribuições, objetivamos expor uma outra solidão, a das bolas de boleadeira na arqueologia brasileira – muito consequente das duas anteriormente citadas –.

como “boleadeiras” – aparecem em apenas dois deles (DIAS, 2007b; VILHENA-VIALOU, 2007), mas é somente em um que são mencionadas bolas de boleadeira vinculadas ao atual território brasileiro (DIAS, 2007b). Outrossim, chama-nos a atenção o fato de que na imagem escolhida para a capa do livro (ver figura 7) constem apenas artefatos líticos classificados como pontas de projétil – não aparecendo sequer uma única bola lítica –.

**Figura 7 - Capa do livro "Das Pedras aos Homens: Tecnologia Lítica na Arqueologia Brasileira."**



Fonte: Bueno e Isnardis (2007)

Feitas tais colocações, objetiva-se em um primeiro tópico traçar um breve panorama da história da Arqueologia Brasileira com um segundo tópico direcionado a analisar como as bolas líticas classificadas como bolas de boleadeira foram – e estão sendo – vistas por “ela”. Ambos serão desenvolvidos com o fito de entender qual a herança arqueológica direcionou (em caso múltiplo, direcionaram) as bolas de boleadeira para o lugar onde elas se encontram no atual quadro teórico da disciplina.

De modo adiantado, pode-se dizer que não são nada escassos os trabalhos arqueológicos publicados no Brasil em que as bolas de boleadeira são mencionadas (PROUS, 1992, 2019, DIAS, 1996, 2003, 2007a, 2007b, SCHMITZ, 2006; BECKER, 2006; JACOBUS, 2006; SILVEIRA et al, 1978; COPÉ, BARRETO; SILVA, 2013; BESPALÉZ, 2010, 2015a, 2015b, HADLER; DIAS, BAUERMANN, 2013; SCHMITZ; GIRELLI; ROSA, 1997; MENTZ RIBEIRO, 2008; NEVES DE SOUZA e AFONSO, 2020; MILHEIRA; PEÇANHA; VON MÜHLEN, 2014; BECKER et al, 2021). Entretanto, são bastante escassos os trabalhos em que elas aparecem como objetos centrais (SCHMITZ et al, 1971; VIDAL, 2009; GARCIA e SILVA, 2013) com ampla discussão, descrição e aprofundamento de ideias, algo que ocorre de

modo diferenciado com artefatos cerâmicos (BARRETO; LIMA; BETANCOURT, 2016; DI BACO, 2018; BARRETO e OLIVEIRA, 2016; ALBUQUERQUE, 2008; LA SALVIA e BROCHADO, 1989; PANACHUK, 2021) e outros artefatos líticos sobretudo pontas de projétil (DIAS, 1996, 2003; OKUMURA, 2015; OKUMURA e ARAÚJO, 2013) – como a própria imagem do livro já mostra.

Entre as principais questões a serem respondidas neste tópico estão: Por que a arqueologia brasileira tem dirigido olhares de tal forma às “bolas de boleadeira”? Quais as heranças teórico-metodológicas observadas na evolução da arqueologia brasileira contribuíram para a ocorrência de tal fenômeno? Este fenômeno é realmente existente?

Conquanto em certa direção específica não se possa falar em algo como “arqueologia brasileira” – *una* e homogênea – já que

Embora estéveis, muitos dos limites físicos do Brasil são arbitrários, como é o caso de nossa grande fronteira com a Colômbia, marcada por uma linha reta que atravessa bosques e rios, e divide ao meio povos indígenas aparentados [...] Nesse sentido estrito, não se pode falar em algo como “arqueologia brasileira”, principalmente quando se considera que tal arqueologia nada mais é que a história dos povos que aqui habitavam antes da chegada dos europeus, quando o Brasil ainda não existia. Difícil separar, por exemplo, o contexto arqueológico dos pampas gaúchos e uruguaios. (NEVES, 2015, p. 8)

Pode-se afirmar que ela “exists, not because of its geographic boundaries nor because it is done by Brazilians, but because its institutions and professional community share a long history of theoretical handicap and misplaced foreign influences” (BARRETO, 1998, p. 573). Uma vez mais, não se trata de anular os importantes trabalhos de pesquisa realizados anteriormente (e atualmente), afinal:

We have to accept the fact that 50 or 100 years from now future archaeologists will look back on this time with the same nostalgic disdain that we often hear expressed for the archaeology of the early and middle twentieth century. We need to appreciate that each of us has and will add only bits and pieces to this great tower of knowledge, a few bricks and mortar, in this construction of the human past. (PRICE e FEINMAN, 2001, p. 492)

Entretanto, não se pode desconsiderar o fato de que tais características evidenciadas por Barreto (1998, 1999, 1999-2000) nessa “longa história compartilhada” deixaram marcar profundas na forma como olhamos o registro arqueológico no presente. Para bem ou para mal, “cada olhar do passado [e do presente] é um reflexo ou produto de seu próprio tempo: ideias e teorias estão em constante mudança, sendo cada uma delas um degrau na trajetória da arqueologia, como resultado da natureza dinâmica que a disciplina possui” (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999-2000, p. 11).

Discorridas tais concepções, esperamos que o panorama a seguir contribua de algum modo para um olhar mais atento (e crítico) dos elementos construtivos das bases da arqueologia brasileira, assim como participe, em certo sentido, da escolha daqueles que constituirão em paráfrase explícita ao que Price e Feinman (2001) defenderam: os próximos “tijolos e argamassa” desta “construção do passado humano”.

### 3.1. Uma breve história da Arqueologia Brasileira.

**A história da arqueologia brasileira é a história do confronto do brasileiro com seu passado cultural. [...] A arqueologia brasileira fica entre uma arqueologia do “outro” (o outro, no caso, sendo sobretudo o indígena), e uma arqueologia “de nós mesmos” na qual há uma real identificação cultural com as sociedades passadas estudadas. (BARRETO, 1999, p. 204, grifo nosso)**

Cada povo tem direito a sua memória e a seu futuro, e este direito fundamental não vai contra o desenvolvimento. [...]. Marshall Sahlins (1988, p. 12), em *Islas de historia*, mostra que a “diversas culturas” correspondem “diversas historicidades”, porque “diferentes ordens culturais têm seus modos distintivos, próprios, de produção histórica”. Tentar acercar-se de outras visões do mundo e outras culturas e historicidades não é um exercício de contemplação externa, senão uma maneira de conhecermos a nós mesmos mediante a relação que mantemos com os outros. (MELIÀ, 2015, p. 16)

Não foram poucas pesquisadoras e pesquisadores que se debruçaram de algum modo sobre a história da Arqueologia – atribuindo maior ou menor peso às diferentes escolas teóricas ou aos limites cronológicos – (DANIEL, 1974, 1976; WILLEY e SABLOFF, 1993; OYUELA-CAYCEDO, 1994; BAHN, 1996; ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999-2000; TRIGGER, 2004; DÍAZ-ANDREU, 2007; CONNOR, 2007; GÄNGER, 2014; FAGAN, 2019). Ainda, nos últimos trinta anos, tem-se observado uma onda crescente de trabalhos que trataram de falar a respeito da história da Arqueologia Brasileira (BARRETO, 1998, 1999, 1999-2000; DONATTI, 2017; DOS REIS, 2010; FERREIRA, 2010; FUNARI, 1994; FUNARI e CARVALHO, 2012; NOELLI e FERREIRA, 2007; PROUS, 1992, 2019; SCHMITZ, 1994) através de diferentes abordagens, igualmente construídas a partir da seleção de diferentes critérios temáticos, cronológicos e teóricos – dificilmente separáveis em si mesmos. Nos apropriaremos sobretudo das ideias de Robrahn-González (1999-2000) e Barreto (1998, 1999, 1999-2000) por entendermos que suas abordagens mais amplas podem trazer maiores contribuições à proposta da presente sessão.

Robrahn-González (1999-2000), priorizando critérios cronológicos, desenvolveu um quadro da “história da arqueologia, analisando as principais discussões teóricas e

metodológicas que nortearam os rumos da pesquisa científica ao redor do mundo.” (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999-2000, p. 11). Neste quadro, a história da arqueologia foi dividida em quatro períodos (especulativo, descritivo-classificatório, histórico-classificatório e moderno) com características próprias – e compartilhadas, já que um período subsequente não necessariamente anulava completamente as características do antecedente.

No período especulativo (1492-1840) fatores como “a pobreza de dados arqueológicos em si; a falta de uma tradição de pesquisa [...]; e uma ainda profunda aceitação da interpretação teológica dos fenômenos naturais e culturais do passado” (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999-2000, p. 14) contribuiriam para a ausência de um olhar mais criterioso – testando hipóteses de pesquisa – do passado humano.

Já no período descritivo-classificatório (1840-1914), o desenvolvimento da arqueologia enquanto disciplina ganharia força, na concepção da autora, tendo como foco principal a descrição dos materiais, principalmente aqueles relacionados à monumentalidade. Em um contexto de relevantes descobertas arqueológicas e de um maior estudo acerca da geologia, biologia (vide trabalhos de Charles Darwin) e antropologia (em acirrados debates sobre a diversidade e homogeneidade da humanidade): instrumentos dos movimentos nacionalistas – focados em se apropriar de um passado, de um lado, diferenciado, de outro, comum, próprio da construção da ideia de “nação”. Tal fase, na visão de Robrahn-González (1999-2000, p. 17) “constituiu o berço da arqueologia sistemática. [...] [dando] início à era das descrições e classificações criteriosas, ao desenvolvimento da tipologia<sup>42</sup>, ao mapeamento geográfico dos achados, bem como à realização de grande quantidade de pesquisas de campo.”

Em um terceiro período (1914-1960), o foco voltou-se ao “estabelecimento de sistemas cronológicos regionais e à descrição do desenvolvimento cultural de cada área” (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999-2000, p. 17). Chamado pela autora de “período histórico-classificatório”, tal período teve, por certo tempo, como principal instrumento metodológico a seriação, “criada como uma maneira de ordenar os vestígios através da presença ou ausência de determinados artefatos (ou atributos)-tipo” (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999-2000, p. 17). Tal abordagem tinha como objetivo elaborar sínteses regionais para ordenar os dados arqueológicos temporal e espacialmente<sup>43</sup>; já que apenas na virada da década de 1940 para a década de 1950 as datações

---

<sup>42</sup> “Tipologia é a ordenação de um conjunto de artefatos com base na confrontação sistemática dos seus atributos intrínsecos, como matéria-prima e forma, e extrínsecos, como o contexto arqueológico em que foi achado. Em outras palavras, a tipologia classifica os artefatos por semelhanças e diferenças com relação a outros e serve para auxiliar o arqueólogo na obtenção de informações baseando-se na análise da distribuição dos artefatos nos diversos lugares e de suas mudanças com o decorrer do tempo.” (FUNARI, 2003, p. 59)

<sup>43</sup> Dentro deste contexto, na visão de Lima (2011), foi gerado o primeiro paradigma formal da Arqueologia, o **histórico-culturalismo**. “À luz dessa perspectiva, homogeneidade na cultura material se tornou a assinatura de um grupo étnico

por radiocarbono<sup>44</sup> seriam descobertas, fornecendo uma nova ferramenta importante para ordenar os dados temporalmente (RENFREW e BAHN, 1993 118-155; BAHN, 2019, p. 203-210). Ainda, após a prevalência de tais características percebeu-se uma guinada em direção ao entendimento de que as sociedades não interagiriam somente entre si, mas também com o meio ambiente no que viria a ser conhecido como “ecologia cultural” (STEWART, 1937, 1942, 1949, 1955, 1966 apud ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999-2000, p. 18).

O período posterior denominado de “moderno” (1960-2000) seria consequente da insatisfação de algumas pesquisadoras e pesquisadores referente às limitações da perspectiva “tradicional” – caracterizada como “pouco ou a-teórica” –, combatida por uma visão *nova*<sup>45</sup> focada em identificar e caracterizar os *processos* culturais no tempo e no espaço – com um pretenso maior rigor científico –. Tal perspectiva “nova” seria *a posteriori* criticada por deixar de lado os aspectos cognitivos e simbólicos das sociedades – e priorizar os aspectos funcionais e ecológicos – sendo criadas “outras arqueologias” após esta. Neste sentido, tais arqueologias<sup>46</sup> compartilhariam da noção de que não há a plena possibilidade de que os eventos humanos do passado possam ser compreendidos na totalidade apenas com procedimentos científicos – sendo o próprio passado uma construção do presente, não passível de ser “acessado” – (WILLEY e SABLOFF, 1993; ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999-2000). Exposta tal macro perspectiva

---

no registro arqueológico, enquanto variações se tornaram marcadores de diferenciação. Os complexos de traços regularmente associados, que passaram a compor culturas arqueológicas, foram interpretados como o modo de vida de povos particulares (Trigger, 1994, p. 12), tendo sido a difusão e a migração entendidas como os principais agentes de mudança, responsáveis exclusivos pelo acréscimo ou apagamento desses traços. Para o histórico-culturalismo, as coisas mudam porque as pessoas mudam.” (LIMA, 2011, p. 13)

<sup>44</sup> “[...] Libby propôs o método de datação por radiocarbono [...], partia do pressuposto de que o radiocarbono (carbono radioativo, [...] carbono-14) está constantemente sendo criado na atmosfera pela interação de raios cósmicos com nitrogênio atmosférico. Junto com o carbono normal (não radioativo), parte do carbono-14 no ar é absorvida e armazenada pelas plantas. Os animais, então obtêm o carbono radioativo ao comer a vegetação. Quando um animal ou planta morre, para de trocar carbono com o ambiente. A partir desse momento, o conteúdo de carbono-14 decresce ao passar por um decaimento radioativo. [...] medir a quantidade de carbono-14 restante em um osso, fragmento de madeira ou planta morta fornece uma maneira de calcular sua idade.” (BAHN, 2019, p. 203-204)

<sup>45</sup> Destacamos de modo consciente os termos “nova” e “processos” já que tal perspectiva ficou conhecida como **Nova Arqueologia** ou **Arqueologia Processualista**. Como mostra Lima (2011, p. 14-15): “a cultura, modelada pelas possibilidades e pelos limites impostos por condições ambientais, passou a ser entendida como um sistema, ou seja, como um conjunto de elementos interdependentes – os subsistemas – em interação solidária, sendo possível compreender um deles por meio de suas relações funcionais com os demais. [...] Tratava-se [...] de explicar a mudança não mais como fruto de ‘influências, estímulos ou mesmo migrações’ (Binford, 1962, p. 217), mas como um fenômeno resultante de processos evolutivos disparados pela dinâmica do sistema, reagindo a estímulos externos – no caso, a alterações climáticas e pressões demográficas – e que pode ser previsto. [...] a cultura material foi entendida como um produto passivo da adaptação humana ao ambiente externo [...].”

<sup>46</sup> Destacamos de modo consciente o “pós” na medida em que aquelas e aqueles que se identificam com tais perspectivas se autodesignam como “**pós-processualistas**”. Como mostra Lima (2011, p. 18): “Dispostos a explorar as dimensões cognitivas e ideacionais do passado e reposicionando o estudo da cultura material, agora como protagonista, os autodesignados pós-processualistas, sob influência de uma diversidade de perspectivas teóricas [...] esvaziaram algumas das principais bandeiras da arqueologia positivista [termo que a arqueologia processualista era taxada]. Sem negar o sistema e a função adaptativa, entenderam que ambos são controlados pelas ideias dos indivíduos, fundadas não em modelos universais, mas no particularismo de suas culturas. [...] os indivíduos trabalham constantemente na criação e recriação da ordem social. [...] A variabilidade formal do registro arqueológico é devida, ao menos em parte, a mecanismos estruturadores que operam em nível cognitivo e ideacional.”

julgamos necessário expor brevemente uma abordagem pouco mais específica e direcionada à arqueologia brasileira (e suas relações históricas), expressa nas ideias de Barreto (1998, 1999).

Interessada em favorecer o desenvolvimento de uma arqueologia “moldada aos problemas e condições específicas que a herança arqueológica brasileira apresenta” (BARRETO, 1999, p. 201), Barreto em seu instigante trabalho *Arqueologia Brasileira: uma perspectiva histórica e comparada* (1999) analisa criticamente o desenvolvimento histórico da arqueologia brasileira sobretudo no século XX (com foco central na segunda metade do século). Nesta direção, a arqueóloga e historiadora evidencia os processos históricos dos quais a arqueologia brasileira ficou à margem e os motivos do isolamento desta do contexto científico internacional e latino-americano, sendo caracterizada à época da publicação do artigo como pouco teórica<sup>47</sup>. Destarte, o que Barreto (1999) defende é que grande parte da produção científica brasileira é (era) desconhecida no exterior por diversos motivos sendo o principal fator de isolamento o caráter essencialmente descritivo e aparentemente “ateórico” da produção brasileira. Causado, entre outros motivos, por um surgimento local da disciplina que ficou à margem de debates mais amplos realizados pelas ciências sociais e pela história – e sem maiores contatos com debates teóricos externos –. Ainda nessa direção, as principais inspirações teóricas da arqueologia brasileira teriam sido cunhadas por especialistas estrangeiras e estrangeiros, sobretudo franceses e estadunidenses, em uma comunidade científica nascente entusiasmada em absorver saberes “de fora” – embora não passíveis de serem aplicados ao contexto “de dentro” de modo neutro. Desta forma, causou-se indireta e diretamente a transposição mal colocada ao contexto arqueológico brasileiro de aspectos teórico-metodológicos de suas matrizes de origem: França e Estados Unidos.

Sendo assim, portanto, embora Barreto (1998, 1999, 1999-2000) acredite que a arqueologia brasileira exista, haveria (quando da época da publicação de seus textos) a necessidade de criarmos uma arqueologia brasileira “menos estrangeira” e mais “nacional”, sendo pensada a partir de dois denominadores comuns: o tipo de registro arqueológico e as condições de pesquisas que se apresentam no país. Neste ponto, maiormente dialogada com as ciências sociais e a história, visto que:

---

<sup>47</sup> José Alberione dos Reis, a partir de sua tese de doutorado escreveu o livro “*Não pensa muito que dói*”: um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira onde investiga, entre outros desdobramentos, se não há realmente teoria na arqueologia brasileira. Como defende, a existência de teoria na arqueologia brasileira “é incontestável [...]. Precisei fazer um desvelamento que explicitasse o que já existe implícito ou oculto. Fundamentei um esclarecimento sobre que teorias estão sendo aplicadas e usadas nas pesquisas arqueológicas. Essa constatação sustenta a minha principal hipótese: é possível a elucidação sobre a existência e o uso de um corpus teórico na Arqueologia brasileira, posto que fragmentado, disperso ou oculto nos textos publicados.” (DOS REIS, 2010, p. 31)



No Brasil, a Arqueologia parece ter ficado soterrada sob a carapaça de uma linguagem técnica desumanizada; fala-se em artefatos, camadas estratigráficas, e sítios arqueológicos, ao invés de culturas, períodos históricos, e assentamentos humanos. Sob esse tecnicismo, talvez necessário para sua aceitação enquanto saber especializado, a Arqueologia torna-se pouco atraente aos historiadores e antropólogos que acabam por preferir a utilização de outros recursos para traçarem a História de povos indígenas brasileiros, como os documentos coloniais ou a história oral. (CUNHA, 1992 apud BARRETO, 1999, p. 208)

Com base em tais ideias, argumentamos que problemas relacionados à leitura das grandes inspirações teóricas (proporcionadas pelas influências estrangeiras francesa e estadunidense e reconfiguradas pela comunidade científica local) da arqueologia brasileira, gestaram “uma história de solidão” associada às análises das bolas líticas encontradas no país. Dito de outro modo: de um lado, o esforço em encaixar as categorias classificatórias inspiradas no Paleolítico francês para os artefatos líticos localizados no Brasil constituiu-se enquanto um problema herdado da perspectiva teórico-metodológica francesa, pontualidade já mostrada nos trabalhos de Barreto (1998, p. 576; 1999, p. 209; 1999-2000, p. 43); de outro lado, a influência teórico-metodológica estadunidense proporcionada pelo PRONAPA<sup>48</sup> (Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica), inicialmente direcionado a analisar os artefatos cerâmicos (e não líticos), teria causado uma transferência mal colocada de normas e procedimentos de análise descolados de suas “intenções originais”.

Como nos mostra Pedro Ignácio Schmitz em seu *O estudo das Indústrias Líticas: o PRONAPA, seus seguidores e imitadores* (2007):

os arqueólogos do programa e outros que utilizavam os mesmos procedimentos se defrontaram [...] com dois problemas: Primeiro, **o que fazer com os artefatos líticos dos assentamentos cerâmicos que**, sendo poucos em razão do tipo de coleta, e aparentemente não especializados **não se mostravam úteis para definir tipos que ajudassem a caracterizar as fases dentro das tradições cerâmicas. Parecia suficiente descrevê-los** como mais um elemento do sítio e da tradição, **sem excessivas preocupações** com sua técnica de produção, utilização e descarte, ou sua techno-tipologia. [...] Segundo, **como proceder com os sítios pré-cerâmicos.** [...] A

<sup>48</sup> Em resumo, como nos mostra Dias (2007a, p. 60, grifo nosso): “O PRONAPA, desenvolvido entre 1965 e 1970, consistiu em um desdobramento, para o território brasileiro, das pesquisas de Betty Meggers e Clifford Evans quanto às rotas de migração e difusão cultural nas terras baixas da América do Sul. O principal objetivo do Programa era estabelecer um esquema cronológico do desenvolvimento cultural no país, através de trabalhos prospectivos de caráter regional e seriações (FORD, 1962). De acordo com a proposta, seqüências seriadas semelhantes para uma mesma região seriam reunidas em fases, as quais, por sua vez, formariam tradições. Estes conceitos marcariam os ritmos da distribuição espaço-temporal dos grupos humanos pré-históricos que viessem a ser descobertos a partir das atividades do Programa (DIAS, 1994, 1995). Apesar de sua importância central na caracterização dos quadros culturais identificados a partir do PRONAPA, a única definição formal dos conceitos de fase e tradição é encontrada na “Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica” (CHMYZ, 1966, 1976). Glossário dos termos utilizados pelo PRONAPA, a “Terminologia” define por fase “qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, relacionado no tempo e no espaço, em um ou mais sítios” (1966, p. 14; 1976, p. 131). Quanto ao conceito de tradição, este é definido como “grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal” (1966, p. 20; 1976, p. 145).” Ambos conceitos foram descolados do corpo teórico (WILLEY e PHILLIPS, 1958 apud DIAS, 2007a) que o originou como defende a arqueóloga gaúcha (DIAS, 1994).

**solução adotada foi usar, enquanto cabiam, as normas e procedimentos estabelecidos para os sítios cerâmicos e criar quadros semelhantes aos produzidos para aqueles. [...] Os sítios e componentes pré-cerâmicos foram organizados, à maneira dos cerâmicos, em grandes tradições, divididas em fases, que ordenavam componentes com a idéia de mostrar sua distribuição no tempo e no espaço.** Fatores climáticos e ambientais e, em menor escala, difusão cultural e contatos entre grupos poderiam ajudar a entender as características e a distribuição. (SCHMITZ, 2007, p. 22-24, grifo nosso)

Dito isso, podemos falar ao menos preliminarmente que existiria uma reticência<sup>49</sup> da arqueologia brasileira em desenvolver maiores debates acerca das bolas líticas encontradas em seu registro arqueológico pela natureza da aplicação de suas duas principais inspirações exógenas – assim como por outras dificuldades já expostas no capítulo anterior.

Em nossa visão, a reticência da inspiração norte-americana em lidar com as bolas líticas seria vinculada tanto ao seu aspecto metodológico, projetado inicialmente para a análise cerâmica, quanto ao seu aspecto teórico, com conceitos como “tradição” dificilmente aplicáveis a artefatos com uma imensa ocorrência espacial e temporal como é o caso das bolas líticas na América do Sul – ponto maiormente aprofundado no capítulo seguinte.

Em outra direção, a reticência da inspiração europeia estaria vinculada maiormente ao seu quadro teórico, impactado pelas evidências de artefatos líticos – muitos deles polidos, extremamente antigos – que não se encaixavam bem aos conceitos cronológicos produzidos para o registro arqueológico europeu. Dentro de tal hipótese, a ser testada maiormente em outros trabalhos, dois diferentes caminhos poderiam ser seguidos a partir de tal “long history of theoretical handicap and misplaced foreign influences” (BARRETO, 1998, p. 573). Em um primeiro, as “bolas arqueológicas” estariam presentes nas publicações da arqueologia brasileira sobretudo com rápidas menções, descrições e classificações, muito fruto do que Barreto (1998) mostrou. Em um segundo, inversamente, elas seriam objeto central de análises aprofundadas estruturadas na elaboração de um quadro teórico próprio do contexto da América do Sul – visto que o registro arqueológico e as condições de pesquisa desta porção do mundo apresentam características diferentes da América do Norte e da Europa.

Na sessão a seguir pretende-se explicitar qual de ambos caminhos foi maiormente tomado pela produção científica arqueológica do Brasil.

---

<sup>49</sup> Termo emprestado das ideias de Manuela Carneiro da Cunha (2017) originalmente adotado às reticências da história e da antropologia em trabalhar com a história indígena por diferenças de natureza metodológica (no caso da história) e teórica (no caso da antropologia), até a década de 1970.

### 3.2. A solidão das bolas arqueológicas nas bolas de boleadeira: a prevalência do caráter descritivo-classificatório

[...] queremos de alguma maneira interpretar o registro arqueológico e conferir a essa interpretação algum sentido do ponto de vista antropológico – **queremos estudar e discutir a organização das sociedades humanas, e não apenas descrever a composição dos conjuntos artefatuais** (lembrando que qualquer descrição já é também interpretação) para fundamentar a organização do registro arqueológico em termos de distribuição espaço-temporal de traços culturais. (BUENO, 2007, p. 68, grifo nosso)

Em um levantamento bibliográfico realizado nos principais repositórios científicos digitais<sup>50</sup> assim como no Sabi+ (catálogo de bibliotecas da UFRGS) constatou-se, de um lado, uma razoavelmente grande quantidade de trabalhos produzidos por colegas da América do Sul, – excetuando-se o Brasil – com a presença de termos como “bolas”, “bolas líticas”, “boleadeiras” e “bolas de boleadeira” (com suas respectivas traduções) entre os títulos e/ou entre as palavras-chave de suas publicações (GONZÁLEZ, 1953, 2003; VECCHI, 2010a, 2010b, 2011, 2016; SACCHI e SALETTA, 2020; ERCHINI e TOBELLA, 2018, 2020; TORRES e MORELLO, 2011; TORRES, 2009; PRIETO, 2020; AGNOLIN; CONI; GOÑI, 2019). Em outra direção, foi percebida uma baixa produção quantitativa de publicações brasileiras onde tais termos estão presentes nesses campos de destaque (VIDAL, 2009; GARCIA e SILVA, 2013; SCHMITZ et al, 1971). Tal análise, embora de cunho superficial, já dispõe ideias do nicho ocupado por tais artefatos dentro, ou melhor, fora, dos principais problemas de pesquisa relativos aos artefatos líticos da Arqueologia Brasileira, corroborando com nossas breves análises quantitativas realizadas a partir da obra de Bueno e Isnardis (2007).

Entretanto, em uma análise mais robusta, podemos constatar algo ainda mais particular. Entre diversos trabalhos (SCHMITZ, 2006a, 2006b; SCHMITZ, NAUE, BECKER, 2006; BECKER, 2006; JACOBUS, 2006; SILVEIRA et al, 1978; BESPÁLEZ, 2010, 2015a, 2015b; SCHMITZ; GIRELLI; ROSA, 1997; MENTZ RIBEIRO, 2008) as bolas de boleadeira aparecem de modo bastante resumido restritas a sumárias menções descritivo-classificatórias do tipo: “foram encontradas n (bolas de) boleadeiras”, “a tradição arqueológica x é composta por boleadeiras”, “na figura y estão as bolas de boleadeira do sítio”, “na figura z está uma bola do Rio Grande do Sul”. Tal abordagem, na nossa visão, limita o potencial reflexivo acerca das bolas líticas arqueológicas do Brasil já bastante circunscrito pela descontextualização de grande parte das peças. Afora o fato de não serem desenvolvidas maiores exposições acerca do porquê de tais artefatos terem sido classificados como (bolas de) boleadeiras – já introjetadas as

<sup>50</sup> Dentre eles: o Portal de Periódicos da Capes, Scientific Electronic Library Online, ResearchGate e Academia.

questões pontuadas entre os primeiros desenvolvimentos de ideias do presente trabalho —. Ainda, como mostra Isnardis (2007), parte das e dos arqueólogos brasileiros tratam de forma pouco profunda as relações entre os artefatos líticos e os demais componentes do registro arqueológico — esvaziando ainda mais o estabelecimento de relações entre estes e as sociedades humanas.

Em nossas práticas cotidianas devemos estar ativamente atentos às possibilidades de compreender o material lítico numa trama de relações que envolve outros materiais. Temos efetivamente feito isso pouco e de forma pouco sistemática. Se compreendemos o registro arqueológico como um conjunto de estruturas ou como uma rede de elementos, ou seja, se reconhecemos que há relações significativas entre esses elementos, é preciso que exploremos essas relações. [...] Os artefatos líticos só fazem sentido enquanto articulados a atividades humanas e, portanto, um acesso muito mais amplo à significação dos artefatos é conseguido quando estes são articulados aos demais vestígios materiais dessas atividades. [...]. (ISNARDIS, 2007, p. 202-206)

Em uma análise mais aprofundada dos trabalhos (produzidos pela/na arqueologia brasileira) em que as bolas líticas classificadas como bolas de boleadeira são destaque como Schmitz et al (1971), Vidal (2009) e Garcia e Silva (2013) temos, na nossa visão, duas principais diferenças de abordagem.

Nota-se, em uma primeira direção, a aplicação de postulados desenvolvidos na arqueologia argentina do início da década de 1950 em análises de uma grande quantidade de artefatos classificadas como bolas de boleadeira. Válido mencionar, ainda, que tais postulados foram aplicados no Brasil principalmente por Schmitz et al (1971) visando a verificação dos tipos mais recorrentes de bolas líticas classificadas como bolas de boleadeira em determinadas áreas propondo-se a identificar, a partir delas, contatos e particularidades culturais de grupos indígenas (sobretudo do passado) do atual território do Rio Grande do Sul. Conquanto relevante sob o ponto de vista analítico-empírico (e por seu caráter “pioneiro” no país) e totalmente direcionado a tais artefatos, descrevendo e classificando cerca de 600 peças a partir de seu(s) diâmetro(s), sulco(s), peso (massa), volume, densidade e matéria-prima, acreditamos que o paradigma teórico seguido pelos pesquisadores e pela pesquisadora do texto não seja o mais adequado ao estudo das sociedades humanas visto que, entre outros motivos, na nossa visão, essencializa (quase que hermeticamente) a(s) cultura(s), modificada(s) exclusivamente à luz da difusão (cultural) e migração (populacional) (TIGGER, 2004, p. 145-202). Outrossim, observamos em tal publicação o caráter prioritariamente descritivo-classificatório das peças (a maioria completamente descontextualizada), a partir de seus aspectos morfométricos privilegiando “a descrição de conjuntos artefatuais”, como tão bem pontua Bueno (2007), sem

refletir com grande profundidade acerca das sociedades humanas<sup>51</sup> que os produziram – e dos significados de tais artefatos dentro de suas culturas –. Defendemos, assim como Bueno (2007) que: “O que temos que saber é por que os artefatos apresentam essas características, além de compreender essas razões, não o seu resultado, já que a mesma forma pode ser obtida através de diferentes processos.” (BUENO, 2007, p. 69)

Em uma segunda direção, em trabalhos mais recentes, os estudos dos aspectos simbólicos e cognitivos das sociedades humanas do passado começam a ser alvo de maiores construções de ideias relativas ao estudo das bolas líticas da arqueologia brasileira. Vidal (2009), após evidenciar que

durante o desenvolvimento da monografia de conclusão do curso de história, acabei deixando algumas lacunas. [...] mesmo conhecendo o extenso campo simbólico das boleadeiras e sendo a idéia inicial do projeto de pesquisa compreender os significados da sua continuidade na vida do gaúcho, acabei seguindo a idéia central de González (1953) de classificá-las, conhecer sua função no contexto indígena e sua área de dispersão (VIDAL, 2009, p. 15)

direciona sua dissertação de mestrado visando a compreender os significados simbólicos, sociais e funcionais das boleadeiras. Seja entre grupos indígenas (principalmente Charrua contemporâneo), seja no campo da construção da identidade riograndense já que na visão da autora a boleadeira, após a domesticação dos animais, perderia o que ela chama de “função técnica”, mas continuaria no contexto cultural gaúcho como um elemento simbólico que representaria e fortaleceria a sua identidade. Outrossim, através da etnoarqueologia, identificou a boleadeira como um elemento simbólico importante na afirmação da existência dos ancestrais Charrua dos indígenas Charrua contemporâneos da aldeia “Polidoro Povo Charrua” de Porto Alegre (RS).

Garcia e Silva (2013), por sua vez, objetivando a uma maior aproximação do processo produtivo das boleadeiras da região platina, a partir de “um levantamento das origens pré-coloniais desse artefato, uma busca bibliográfica de relatos de cronistas sobre esse instrumento, e [...] uma atividade de produção e uso desse instrumento de forma experimental” (GARCIA e SILVA, 2013, p. 89) evidenciaram importantes aspectos cognitivos vinculados à produção tanto das bolas líticas (chegando a calcular o tempo necessário para a produção delas<sup>52</sup>) quanto das correias – presentes no encordoamento –. Destarte, seu estudo, de modo importante

---

<sup>51</sup> Alvo de reflexões apenas na sessão “Considerações Gerais” em pouco mais de uma página (ou seja, menos de 7%) de um total de quinze.

<sup>52</sup> Tempo que variou entre uma hora e uma hora e vinte e quatro minutos (confeção dos sulcos de três seixos esferoides de basalto).

demonstra que as ações técnicas são sempre previstas, fruto de uma elaboração coletiva e que garantem o sucesso da ação. Os utensílios de pedra atendem a demandas do grupo, são pensados e estruturados como nossas atuais ferramentas, onde cada parte atende a uma função específica, negar isso seria negar o potencial criativo dos grupos pré-coloniais. (GARCIA e SILVA, 2013, p. 117)

Tais trabalhos científicos, mesmo que poucos, salientam que se pode refletir – mesmo com diversas “pedras no meio do caminho” – de modo mais completo acerca dos processos (sociais e históricos) e das escolhas (individuais e coletivas) vividas e modificadas pelas pessoas – objeto central da arqueologia – por meio dos artefatos.

Retomando o convite de Barreto (1999) em aproximar a arqueologia brasileira das ciências sociais e da história já exemplificado neste capítulo, e lembrando o que faz com que bolas líticas se tornem “bolas de boleadeira” e “boleadeira” (ou seja, o comportamento humano) já feito no capítulo anterior, concordamos completamente (e sem quaisquer ressalvas) às seguintes ideias de Bruce Trigger (2004):

**Não há meio de compreender, seja o registro arqueológico, seja a cultura material moderna, sem reportá-los ao comportamento humano. Inversamente, para que os arqueólogos venham a aprender mais acerca do comportamento humano e da mudança cultural no passado, eles precisam buscar novas e convincentes maneiras de inferi-lo dos dados arqueológicos. É apenas através do estudo do comportamento humano** que a arqueologia pode relacionar-se com outras ciências sociais. (TRIGGER, 2004, p. 366, grifo nosso)

Destarte, a arqueologia na nossa visão é sempre “entre pessoas e artefatos” e para que uma arqueologia brasileira mais reflexiva de seu papel social seja construída (BARRETO, 1999), não basta que se aproxime das ciências sociais e da história feitas no país, mas, também e não somente, da arqueologia diversa produzida em outros países da América do Sul visto que, à parte de nossas diferenças – também enriquecedoras –, compartilhamos de certas similaridades corroboradas por uma longa história de uso das boleadeiras em suas/nossas diferentes paisagens culturais<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> Acreditamos válida a (re)apropriação do conceito de “paisagens culturais”. Para Copé (2015, p. 150): “As paisagens culturais constituem-se na interação entre o homem e a natureza ao longo da passagem do tempo. [...] o termo paisagem cultural é aqui usado porque cobre um amplo espectro, abarcando desde aspectos ecológicos, passando pela perspectiva histórica e a biodiversidade da paisagem construída, até o futuro manejo dessa paisagem herdada.”

#### 4. ENTRE PESSOAS E ARTEFATOS: uma das armas de arremesso mais antigas da América do Sul.

**Pode ser que tenha chegado o momento, na América do Sul em geral [...], de olhar menos para fora do continente em busca de referências teóricas e, ao contrário, de se fazer o movimento inverso: o de um mergulho profundo nas evidências que se têm construído que, aliado à dificuldade em se aplicar os conceitos produzidos em outros contextos, possa contribuir para a elaboração de um quadro teórico mais rico e menos artificial,** e que, paradoxalmente, possa ter uma relevância conceitual que vá além do continente. (NEVES, 2015, p. 9, grifo nosso)

Antes de traçarmos maiores comentários a respeito de possíveis panoramas temporais e espaciais das bolas de boleadeira na América do Sul, deve-se ter em mente algo que tanto Erchini e Tobella (2020) quanto Vecchi (2011) evidenciam a partir dos trabalhos de Schiffer (1972, 1976) e Rathje e Schiffer (1982 apud Vecchi, 2011, p. 208): a possibilidade de tais artefatos serem reusados em contextos espaciais e temporais distintos, modificando inclusive seu modo de funcionamento. Fenômeno também mencionado por Agnolin, Coni e Goñi (2019, p. 86).

As bolas líticas utilizadas “quando” bolas de boleadeira por apresentarem características como alta conservação, longa vida útil e alta taxa de perda (fruto do seu manejo nas caçadas) (VECCHI, 2011) sendo recorrentemente encontradas em contextos arqueologicamente superficiais estão sujeitas a serem reclamadas<sup>54</sup>, recicladas e intercambiadas – sendo inclusive utilizadas por grupos diferentes daqueles que as produziram – como defende brilhantemente Vecchi (2011, p. 208). Tal fenômeno por si só já dificulta a elaboração de um quadro cronológico dos usos e desusos das boleadeiras nas distintas regiões da América do Sul, devendo-se mencionar também a descontextualização das bolas líticas fruto da atividade humana e animal recente.

Como nos mostra Schiffer (1972, p. 158-159, grifo nosso):

**Not all elements follow a unilinear path through a system. Some are rerouted at strategic points to processes or stages through which they have already passed.** Archaeologists encounter items of this sort frequently; **this condition is often known as reuse.** Two varieties of reuse, recycling and lateral cycling will be defined here. **Recycling labels the routing of an element at the completion of use to the manufacture process of the same or a different element.** [...]. Some systems recycle potsherds, bifaces, ground stone, and many other elements, most of which are routed to the manufacturing processes of different elements. [...]. Continued retouching of a scraper will result in an implement unsuited for further use. But in this form, the element may be adapted for reuse in some other activity. **Lateral cycling describes the termination of an element's use (use-life) in one set of activities and its resumption in another,** often with only maintenance, storage, and transport intervening. [...]

<sup>54</sup> Quando são extraídas do contexto arqueológico “original”.

Tais argumentos estruturam ainda mais nossa posição em nomear os artefatos como “bolas líticas” e não como “bolas de boleadeira”, “boleadeiras” ou “bolas de charrua<sup>55</sup>” quando da existência de uma maior imprecisão afeita ao seu modo de funcionamento ou em relação a qual grupo “pertenceriam” (estariamos nos referindo àquele que as produziu “primeiramente”, àquele que as usou, àquele que as intercambiou ou àquele que as reciclou?). Outrossim, como exposto por Vecchi (2022, comunicação pessoal) principalmente para o caso argentino, a maior parte de tais peças são encontradas em superfície ou pertencem a coleções privadas e de museu, existindo, portanto, não poucas limitações em estruturarmos maiores debates acerca de sua cronologia, funcionalidade e relação contextual, algo que na nossa visão se repete para o contexto brasileiro.

Em outra direção, a singularidade da História Antiga Sul-Americana relativa à existência de instrumentos líticos polidos – como grande parte das bolas de boleadeira – em contextos temporais bastante antigos – próximos das primeiras ocupações humanas de grupos “caçadores-coletores” – (DILLEHAY, 2000 apud GASCUE et al 2009, DILLEHAY, 2003; VILHENA-VIALOU, 2007, p. 177) torna no mínimo questionável a existência de uma grande época denominada de “Neolítico” no contexto sul-americano. Dito de outro modo, as amarras teórico-cronológicas propostas por Sir Lubbock<sup>56</sup> (1865) que dividia a “Pré-história” em quatro grandes épocas conceituais, sendo as duas primeiras o Paleolítico (artefatos líticos talhados) e o Neolítico (artefatos líticos polidos), uma vez mais parecem não funcionar para o contexto sul-americano, dimensão concreta que corrobora com as ideias de Neves (2016) em seu provocativo “Não existe Neolítico ao Sul do Equador”. Em suma, tais inferências tornam patente o fato de que as trajetórias históricas construídas pelos povos indígenas no continente americano possuem importantes distinções daquelas seguidas pelos povos euro-afro-asiáticos (NEVES, 2015, 2016), fator que nos leva a não transferir os conceitos cronológicos – como Paleolítico e Neolítico – aplicados no Velho Mundo para o Novo Mundo.

---

<sup>55</sup> Como o faz Schmitz (1958 apud VIDAL, 2009, p. 64).

<sup>56</sup> Imbricadas do Racismo Científico da transição do século XIX para o XX (SCHWARCZ, 1993; BETHENCOURT, 2018), as ideias de John Lubbock (que chegou a ser membro do Parlamento Britânico) são melhor expostas por Bruce Trigger (2004, p. 112-114): “Lubbock acreditava profundamente na evolução cultural unilinear. [...] acreditava que os povos tecnologicamente menos avançados eram não apenas cultural mas também emocional e intelectualmente mais primitivos que os civilizados. [...] Assim, uma única explicação dava conta da desigualdade social nas sociedades do Ocidente e da suposta superioridade das sociedades europeias sobre os outros grupos humanos. [...] Os mais primitivos estavam fadados a desaparecer em consequência da expansão da civilização, pois educação alguma poderia compensar os milhares de anos em que a seleção natural falhara em adaptá-los biologicamente a um modo de vida mais complexo e ordenado. Sua substituição por povos mais evoluídos tampouco poderia ser seriamente lamentada, pois era o resultado do aperfeiçoamento geral da raça humana. [...] Suas ideias sobre os povos nativos justificavam a colonização britânica e a imposição a tais povos do controle político e econômico colonial, a pretexto de que assim se promovia o progresso geral da espécie humana.”



Feitas tais considerações, propomos na sessão a seguir elaborar um breve esboço temporal e espacial da ocorrência de bolas líticas classificadas como bolas de boleadeira na América do Sul, reafirmando que há consideráveis limites relativos à descontextualização da maioria das peças, direcionando-nos apenas a algumas contextualizadas. Tais limites são ainda maiores quando levamos em consideração a imensa quantidade de sítios em que elas aparecem, bem como as dificuldades de acesso à bibliografia potencializadas pela pandemia da COVID-19, impossibilitando, portanto, que o universo de análise seja maior (dentro de um trabalho de conclusão de curso como este).

Visualizar maiormente como as arqueologias locais podem se aproximar, como em certa medida o registro arqueológico sul-americano compartilha de razoáveis similaridades e diferenças e ainda, como certas ambiguidades de definições são observadas também em outros trabalhos estão entre os principais objetivos para se estruturar uma sessão direcionada à presença das bolas de boleadeira nas diferentes paisagens culturais da América do Sul. Não sem deixar de introjetar que: “a natureza das fontes não basta para determinar a natureza dos problemas de um campo do conhecimento.” (MENESES, 2015, p. 19)

#### **4.1. Uma História Profunda: as bolas de boleadeira nas diferentes paisagens culturais da América do Sul.**

**[...] a Arqueologia convencionalmente chamada de pré-histórica ou pré-colonial no Brasil, que lida, entre outros temas, com o do povoamento inicial da América, deve ser vista essencialmente como História indígena.** (BUENO, 2019, p. 478, grifo nosso)

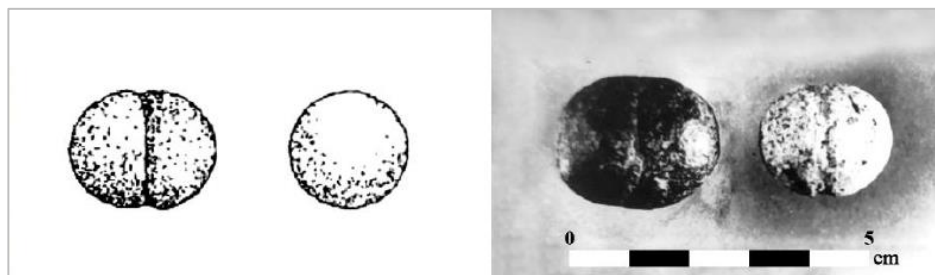
Os índios, no entanto, têm futuro: e portanto têm passado. [...] **o interesse pelo passado dos povos indígenas, hoje, não é dissociável da percepção de que eles serão parte do nosso futuro.** (CUNHA, 2017, p. 128, grifo nosso)

**[...] a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.** (KRENAK, 2019, p. 13, grifo nosso)

Geralmente associadas à História Profunda (GAMBLE, 2015) de grupos originários que ocuparam a Patagônia e o Pampa em territórios que correspondem à atual Argentina, Uruguai, Chile e Brasil (GONZÁLEZ, 1953; AGNOLIN; CONI; GOÑI, 2019; NAMI, 2013; ERCHINI e TOBELLA, 2020; TORRES, 2009; SCHMITZ et al, 1971), as boleadeiras, como já definimos, configuraram-se enquanto um sistema de armas extremamente característico com vestígios presentes em múltiplos contextos temporais e espaciais. Válido é o destaque de que

elas têm sido utilizadas na América do Sul há mais de dez mil anos (DILLEHAY, 1984, 2003, 2016; WILSON, 1999; VILHENA-VIALOU, 2007, p. 177) com vestígios de sua ocorrência entre os sítios mais antigos do nosso continente, constando presentes também na contemporaneidade mesmo que de modo bastante simbólico (VIDAL, 2009). Como González (1953) já dissera: “el estudio de las boleadoras presenta una serie de interesantes problemas, entre ellos el de que quizá se trate de una de las armas arrojadas más antiguas de la tierra” (GONZÁLEZ, 1953, p. 135).

**Figura 8 - Bolas líticas - com e sem sulco - do sítio de Monte Verde (Chile).**



Fonte: Dillehay (1984, 2016)

A princípio, no atual território do Chile no famoso sítio de *Monte Verde*<sup>57</sup>, Dillehay (2004 apud ERCHINI e TOBELLA, 2020, p. 85) reportou a existência de esferoides (com sulco) assimiláveis às bolas de boleadeira em contextos próximos a 14000 anos antes do presente<sup>58</sup> (AP). Ainda, anteriormente, o arqueólogo estaduniense já publicara a respeito da presença de vinte e oito esferoides líticos – dois deles com sulco existente –, sendo que parte deles possivelmente teria sido utilizada em boleadeiras a 13000-12500 anos AP<sup>59</sup> (DILLEHAY, 1984). Anos mais tarde, Dillehay expressaria que “El sitio [Monte Verde II] contiene un amplio conjunto de materiales precederos bien conservados como madera, plantas, tecnologías artefactuales de hueso, bifaciales y unificiales, y **boleadora**” (DILLEHAY, 2003, p. 26, grifo nosso). Outras publicações como Dillehay (2000, 2016), Wilson (1999, p. 154-155), Vilhena-

<sup>57</sup> Como defende Agueda Vilhena-Vialou (2007, p. 177): “Monte Verde é a referência da ocupação pleistocênica na América do Sul, onde estão presentes todos os testemunhos para justificar e provar a presença do Homem no período considerado como pré-projétil; construções de cabanas, fauna extinta, [...] indústria lítica, pelas bifaciais grosseiras e “bolas”, enfim, todo o referencial ao hábitat do homem pré-histórico.”

<sup>58</sup> O “presente” refere-se ao ano de 1950, utilizado como ponto comum nas datações radiocarbônicas anteriormente já referidas.

<sup>59</sup> Nas palavras do próprio: “Among the pecked-ground specimens from Monte Verde are 28 almost perfect spheres made of tonalite and basalt from Chinchihuapi Creek. Two of the spheres are girdled by grooves. These were probably attached to a cord to form a bola used for harassing or stunning large game before the kill. The stones without rooves were probably hurled from a sling. We found most of the spherical stones in the west end of the site.” (DILLEHAY, 1984, p. 111). Como já mencionamos anteriormente, o fato de esferoides líticos não possuírem sulco não implica que estes não possam ser bolas de boleadeira.

Vialou (2007, p. 177) e Borrero (2008, p. 61) colocam em evidência a existência delas neste mesmo local. Até onde se saiba, são os vestígios mais antigos do uso de boleadeiras na América do Sul. Mais ao sul, na Terra do Fogo chilena, Laming-Emperaire teria identificado no sítio *Marazzi* bolas líticas com datações próximas de 12000 anos AP (LEROI-GOURHAN, 1997, p. 688-689 apud CHAMUSSY, 2012, p. 70; LEROI-GOURHAN, 1994 apud HERNÁNDEZ, 2002, p. 117) e Bate (1982 apud ERCHINI e TOBELLA, 2020, p. 85) teria publicado a respeito de sua ocorrência em contextos próximos de 9500 anos AP, embora pesquisas mais recentes tenham obtido resultados menos antigos (MORELLO et al, 2012, p. 75). Também na porção austral chilena um trabalho importante de Bird (1988, p. 48) elucida a presença de “579 bolas in all stages of manufacture” possivelmente utilizadas em boleadeiras<sup>60</sup>. Entre os sítios em que tais bolas foram encontradas destaca-se *Fell’s Cave* onde estão associadas a contextos com datações entre 8500 e 6500 anos AP e 6500 anos AP até o presente (WILSON, 1999, p. 154; BATE, 1982 apud ERCHINI e TOBELLA, 2020, p. 85; TORRES, 2009, p. 395; PRIETO, 2020, p. 6). Em Ponsonby, na patagônia austral chilena, também foram encontradas em contextos de 5000 anos AP (LEGOUPIL, 2003 apud CHAMUSSY, 2012, p. 71).

Em uma segunda direção, para o contexto argentino – tanto patagônico quanto pampeano –, deve-se ter em mente algo bem pontuado por Rodrigo Vecchi<sup>61</sup>:

En Argentina (y específicamente sobre las bolas de boleadora) aún cuesta un poco llevar adelante discusiones o planteos de manera unificada. Y esto se debe a varios motivos. [...] la boleadora fue un arma de una importante distribución espacial y temporal. Desde hace cerca de 9000 años está funcionando en la Patagonia (tanto argentina como chilena), desde hace 7000 en la región pampeana y, aunque no hay una cronología estimada, también su presencia se encuentra en las regiones de Cuyo, las Sierras Centrales y, en menor medida, en el noroeste y noreste. A esto se suma la variabilidad en la que se registran estas piezas en los diferentes sitios (sitios con una pieza hasta decenas, en superficie o estratigrafía, enteras o rotas, asociadas a enterratorios o en contextos residenciales, preformas, etc). Todo esto configura un panorama difícil de homogeneizar, con variabilidades en formas, materias primas, etc., enfoques teóricos diferentes en los investigadores y problemas/hipótesis a resolver de diferente alcance. (VECCHI, 2022, comunicação pessoal)

<sup>60</sup> “The smaller bolas were probably all used for the *manija*, the ball retained in the hand while whirling the *boleadora*. [...] For cutting the groove on the bolas, stone flakes or old scrapers were used as saws, and several of these were found, with well-worn edges. Wide grooves may have been cut by pecking.” (BIRD, 1988, 49-55). Prieto (2020, p. 6) elabora um quadro com os períodos culturais observados na área a partir de Bird (1938). As bolas – entre outras artefatos como pontas de projétil – ocorrem no período III (8500 AP) e no período IV (4500 AP), períodos culturais onde se observa uma fauna rica composta por aves como o ñandu, roedores como o cururo (*Spalacopus cyanus*), canídeos como a raposa-colorada e o *Pseudalopex avus* (já extinta) dentre outros animais como o guanaco e o zorrilho – possivelmente caçados –.

<sup>61</sup> Uma das principais referências no estudo das bolas de boleadeira na América do Sul – senão a maior –, Vecchi publicou diversos trabalhos importantes relacionados a elas, dentre eles sua Tese de Doutorado intitulada de *Bolas de boleadora em los grupos cazadores recolectores de la Pampa Bonaerense (2010)*, onde utiliza de três linhas de evidências independentes – registro documental, registro material e análise de cadeia operatória – para estabelecer relações possíveis sobre as estratégias de caça adotadas, existência de artefatos ligados a prestígio social, tempo necessário à produção das peças líticas, matéria-prima utilizada dentre outros elementos.

Feitas tais colocações, no sítio de Los Toldos (na província de Santa Cruz, na parte sul do país) há evidências de sua utilização em contextos com datas próximas de 7200 anos AP (BATE, 1982 apud ERCHINI e TOBELLA, 2020) embora não sejam tão numerosas (ORQUERA, 1987, p. 375). Há também, no sítio de Arroyo Seco 2 (pampa argentino) (POLITIS, 1998, 2008) evidências da presença de bolas de boleadeira em contextos funerários de indivíduos infantes, com data estimada em 6400 anos AP, existindo, entretanto, evidências mais antigas de tais artefatos com datas próximas de 8500 anos AP na região (MATARRESE, 2014 apud ERCHINI e TOBELLA, 2020; POLITIS, 1989 apud ERCHINI e TOBELLA, 2020). Dentro deste panorama, é possível verificar previamente uma maior ocorrência de tais artefatos nos níveis associados ao Holoceno Médio<sup>62</sup> do Pampa e da Patagônia, período que gira em torno de 7000-6500 a 3500 anos AP (POLITIS, 2008) e que é marcado por um contexto de relevantes mudanças ambientais:

During Middle Holocene times, archaeological evidence is still scarce. In the pampas, during this period the sea-level rose above current level at around 7000 BP. However there is no agreement about the magnitude of this rise (between 2.2 to 12 m depending on the author) [...] Climate conditions were warmer and probably humid during this time period, although short periods of aridity might have occurred during this interval. In the campos the sea level reached the current level at ca. 7000 BP and subsequently reached +5 m at around 6000 BP. After this, it started a progressive fall to the present sea level (Martin and Suguio 1989). At around 5000 to 4500 BP (the post Hypsothermal) there is a period of increased aridity in most areas of this region. (POLITIS, 2008, p. 245)

Outros trabalhos ainda destacam a utilização das boleadeiras em contextos associados ao Holoceno Tardio<sup>63</sup> (FRANCO et al, 2021; KAUFMANN, 2021; VECCHI, 2011;), chegando a serem utilizadas em alguns casos até o século XX (PRIETO, 2020). Conquanto constitua um quadro difícil de exemplificar, pode-se falar sem maiores dúvidas que em diferentes faixas de tempo as boleadeiras foram utilizadas na Patagônia argentina e chilena por diferentes povos, entretanto, nem por isso pode-se falar que ela fora utilizada ininterruptamente em todas as regiões simultaneamente. Algo curioso de se notar neste enfoque é o fato de que:

while in mainland Patagonia boleadoras remained in use until the twentieth century and bolas are found in archaeological assemblages from early on, in Tierra del Fuego

---

<sup>62</sup> Embora Garcia e Silva (2013, p. 90) tenham afirmado a partir de Politis (2008) que os primeiros indícios do uso das boleadeiras estejam relacionados ao Holoceno Médio (na bacia platina), sua ocorrência na porção austral do continente é pelo menos 6 mil anos mais antiga. Vecchi (2010, 2012) verifica que na região pampeana bonaerense (de Buenos Aires) a ocorrência das bolas de boleadeira é observada desde o Holoceno Médio, embora tenha sido mais presente em contextos do Holoceno Tardio, algo coincidente com outros trabalhos realizados na região.

<sup>63</sup> Neste período: “[...]the process of regional differentiation, which began to become visible during the Middle Holocene, produced a wide variety of historical trajectories and adaptive patterns. In this period the archaeological visibility of the pampas and campos increased significantly, a fact that also suggests a rise in the population density of the region. Moreover, several significant changes occurred, such as reduction in residential mobility and the development of wide—supra-regional—interaction networks, which, along with some important innovations, such as pottery and horticulture, suggest the development of a process of complexity”. (POLITIS, 2008, p. 249)

bolas disappear from terrestrial hunter-gatherer sites around 1500 BP [AP], implying abandonment of the technology. (MORELLO et al, 2012, p. 82-83)

Tal fenômeno retrata que há trajetórias históricas diversas relacionadas às diferentes ações das sociedades humanas do passado que não podem ser homogeneizadas pelo fato de compartilharem por certo tempo áreas geográficas e artefatos semelhantes – quando não, quase idênticos –. Nesse sentido, há interessantes discussões envolvendo as possíveis causas do abandono das boleadeiras enquanto sistemas de armas preteridos naquele contexto específico<sup>64</sup>. Ainda, debates parecidos têm ocorrido acerca de quais sistemas de armas (pontas de projétil ou boleadeiras) prevaleceriam (ou não) na região patagônica meridional após o contato com populações de origem europeia e a adoção do cavalo nas diversas atividades de subsistência (SALETTA e SACCHI, 2019). Em resumo, como nos mostra Torres e Morrelo (2011, p. 211): “En Patagonia meridional y Tierra del Fuego, en el extremo austral de América, el uso de bolas líticas para boleadoras de caza o arma defensiva, aparece en el sector continental desde el Holoceno temprano, aunque proliferan desde el Holoceno medio [...]”.

Mais ao leste da Cordilheira dos Andes, importante barreira geográfica, pode-se falar que o contexto uruguaio e sul-brasileiro é razoavelmente semelhante (SCHMITZ et al, 1971). Erchini e Tobella (2020) a partir dos trabalhos de Gascue et al (2009) e Loponte et al (2016 apud ERCHINI e TOBELLA, 2020) mostram diferentes contextos onde é observada a presença de vestígios de boleadeiras associados tanto ao Holoceno inicial quanto ao Holoceno médio e tardio. No sítio *Los Indios*, localizado próximo da fronteira sul do Rio Grande do Sul, há dados que dispõem de sua ocorrência há pelo menos 8500 anos AP; mais ao norte do país (fronteira noroeste do Rio Grande do Sul), no sítio Y-62 (Departamento de Salto) foram encontrados vestígios datados em cerca de 4660 anos AP (ERCHINI e TOBELLA, 2020, p. 85) corroborando com as datas obtidas na região por Niede Guidón (1989) que associou as bolas de boleadeiras a contextos próximos de 5000 anos AP. (GUIDÓN, 1989 apud CAPDEPONT, 2017). Mais a oeste do atual território uruguaio (na fronteira com a Argentina), Nami (2013) afirma que:

Archaeological evidence shows that this artifact was broadly used from southern Brazil and NE Argentina to Tierra del Fuego since the early Holocene to historical times. [...] [they] are widespread through the Uruguayan territory, crossing the northern frontier in south Brazil. In the middle Negro River, lithic assemblages with boleadoras were not dated. However, by comparison with dated contexts from NE Argentina and southern Brazil (Rodríguez, 1998; Rodríguez & Cerutti, 1999; Schmitz, 1987, 1990) they were likely used during the middle/late Holocene, when occurred

<sup>64</sup> Há pouco tempo Nakatsuka (2020) publicou um trabalho em que levanta a hipótese de que a substituição das boleadeiras por novas tecnologias de caça (observada no Holoceno Tardio, na Terra do Fogo), está relacionada a mudanças de caráter populacional (aumento populacional e/devido à dispersão de grupos originários da região central chilena – com ancestralidade diferente corroborada por análises de DNA antigo e moderno –).

the intensification of pecking and ground techniques. Their presence is a significant technological addition, reflecting changes of hunting strategies in the region. (NAMI, 2013, p. 14)

Mencionando também a presença de bolas mamilares – ou seja, de boleadeiras de uma bola –, Nami entende que

This sort of artifact is widespread from Salto Grande, in the Uruguay River to the west (Cordero, 1960: Figure 30), to the Atlantic coast in the east (Baeza et al., 1980). Crossing the northern border there are bristling pieces in the state of Rio Grande do Sul in southern Brazil (Schmitz et al., 1971) reaching the Maldonado department in southern Uruguay (Cordero, 1960: Figure 34). An interesting functional topic arises from these artifacts concerning their use just as a hunting weapon or some kind of prestigious object that played some social role among their owners. Likely, by the invested work in the manufacture and their rarity in the archaeological record, their function was related with the second alternative. (NAMI, 2013, p. 14)

Esboçado tal panorama, deve-se considerar que o território brasileiro por suas dimensões continentais deve ser visto com maior cuidado. Na arqueologia brasileira, a ocorrência das bolas líticas classificadas como bolas de boleadeira parece ser ainda mais complexa. Conquanto tenha sido, com razão, associada à região Sul do Brasil (DILLEHAY, 2003; PROUS, 1992; 2019; MÉTRAUX, 1949) há pesquisadores que indicam a possibilidade (surpreendente) das boleadeiras terem sido utilizadas também em outras regiões, como o Nordeste e o Centro-Oeste – ainda antes da invasão europeia –.

No Sul do Brasil o aparecimento das bolas líticas classificadas como bolas de boleadeira é vinculado às primeiras povoadoras e povoadores do estado do Rio Grande do Sul, naquilo que se tem chamado na arqueologia brasileira de “Tradição Umbu<sup>65</sup>”. Como nos mostra Hadler, Dias e Bauermann (2012, p. 2):

The first evidence of hunter-gatherers presence in Rio Grande do Sul State is dated around 10,800 14C BP in association with fluvial sediments of the mid-Uruguay River. Related to grassland biomes (Pampa), these archeological sites are associated with lithic industries characterized by the predominance of bifacial technological strategies. Denominated “Umbu Tradition”, these lithic industries are characterized by a “variety of bifacial triangular projectile points, pedunculated and non-pedunculated, some of them with serrated edges, and others with unifacial retouch, usually associated with bolas” (Meggers and Evans, 1977). The technological characteristics of these bifacial industries point to similarities with Argentinean and Uruguayan contemporary contexts, possibly indicating a common cultural matrix. Nonetheless, based on the absence of fishtail projectile points in these assemblages, it is reasonable to propose that the routes that gave origin to the initial colonization of

<sup>65</sup> Segundo Hoeltz (2005, p. 34-35, grifo nosso): “A área de dispersão destes grupos de caçadores coletores da **tradição Umbu** chega ao norte, até o nordeste do Estado do Paraná e República do Paraguai; a oeste, nas províncias argentinas de Corrientes, Entre Rios e Misiones; a leste, o Oceano Atlântico; e ao sul, até o extremo sul da América, no estreito de Magalhães. [...] Estas populações se estabeleceram em diversas regiões, principalmente nas planícies sul-sudoeste e zona contíguas à encosta do planalto. Ocuparam áreas com vegetação não muito fechada, nas bordas das florestas que margeiam as zonas de campo do alto do platô sul-brasileiro e zona do pampa gaúcho, bem como regiões ao abrigo da fímbria da floresta subtropical com ou sem araucária. Raramente se instalaram dentro da mata, que é território da tradição Humaitá, ou no litoral, onde se encontram os sambaquis.”

Brazilian Pampa could be more closely related to the occupation of Paraguai and Parana Rivers valley, which are unfortunately still poorly known archaeologically.

Dentro deste arcabouço, o sítio Sangão, localizado no município de Santo Antônio da Patrulha com sete camadas datadas<sup>66</sup> entre 8790 +/- 40 AP e 3730 +/- 60 AP, guarda uma das mais antigas evidências do uso de boleadeiras no estado (HADLER; DIAS; BAUERMAN, 2012, p. 2), ainda assim, válida é a noção de que elas não foram apenas utilizadas nestas (antigas) circunstâncias na região. As bolas de boleadeira foram também observadas em sítios associados ao que se chamou de tradição Humaitá (SCHMITZ et al, 1971; HOELTZ, 2005; MENTZ RIBEIRO, 1995), embora exista certo questionamento já que elas não seriam artefatos típicos desse conjunto<sup>67</sup> – possivelmente sendo um vestígio de contato –. Ainda assim, foi possível verificar sua presença entre os vestígios de ocupações mais recentes realizadas por outros grupos indígenas ceramistas (SCHMITZ et al, 1971; HOELTZ, 2005; VIDAL, 2009; PROUS, 1992, 2019; MENTZ RIBEIRO, 2008). No estado de Santa Catarina, por exemplo, encontram-se também em contextos funerários litorâneos em sambaquis (PROUS, 1992). Mais do que difícil, a recorrência do uso das boleadeiras na região Sul do Brasil, que não será melhor aprofundada por existirem trabalhos que se direcionaram maiormente a tal aspecto (SCHMITZ et al, 1971; VIDAL, 2009) é um fator instigante de pesquisa<sup>68</sup>.

Mais ao norte do Brasil, bolas líticas (e/ou seus vestígios) encontradas tanto no Centro-Oeste quanto na região Nordeste foram atribuídas ao uso como bolas de boleadeiras – datadas inclusive de contextos pré-invasão europeia –. Em um artigo publicado na renomada revista *Estudos Avançados (USP)*, Bospalez (2015, p. 48) indica que:

**No Pantanal sul-mato-grossense, o contexto arqueológico detectado no aterro MS-CP-22, considerado a estrutura monticular mais antiga de toda a bacia platina** (Eremites de Oliveira, 2004, p.43), **remete a ocupação indígena ao Holoceno Inicial** (Schmitz, 1998, 1999b; Schmitz et al., 1998). Estrategicamente construído sobre um terraço fluvial na margem direita do rio Paraguai, localizado no município de Ladário (MS), entre as encostas do planalto residual do Urucum-Amolar

<sup>66</sup> Não foi possível localizar em qual delas a bola de boleadeira mostrada em Hadler, Dias e Bauermann (2012, p. 5) teria sido encontrada.

<sup>67</sup> Segundo Hoeltz (2005, p. 36, grifo nosso): “A **tradição Humaitá** foi definida para os grupos de caçadores coletores que se estabeleceram em um ambiente específico caracterizado pelas florestas subtropicais. Seus sítios são encontrados em meio às florestas subtropicais nas encostas meridionais do planalto sul-brasileiro, no vale do Alto Uruguai e nas alturas cobertas de matas de araucária do norte do Rio Grande do Sul. Igualmente está representada em sítios do Vale do Rio Paraná e de seus afluentes, na Argentina (Misiones), no Paraguai, no oeste de Santa Catarina, no oeste e norte do Paraná e sul de São Paulo. Apresenta uma abrangência temporal que varia de 1 040 a 8 640 A.P.

<sup>68</sup> Entre as principais perguntas por serem respondidas estariam: A que se deve tamanha recorrência? Tais artefatos indicam contatos culturais entre os diversos povos que se estabeleceram na região? Como ocorreram tais contatos? Há evidências de reuso – sendo utilizados, por exemplo, como pesos de rede em contextos onde a pesca é maiormente adotada – e/ou intercâmbio dos artefatos entre os grupos? Os processos de produção delas é semelhante em todos os contextos? O que explica sulcos mais largos em algumas regiões geográficas e mais finos em outras? Elas são originalmente de um grupo e através da difusão e migração apareceram nos outros – ou tal ocorrência se deu através de outro processo?

e a planície inundável, amostras de conchas retiradas das camadas construtivas do MS-CP-22 foram datadas entre **8.100 e 8.300 anos AP**. Além de **vestígios líticos de lascamento e polimento**, constituídos por núcleos, lascas, talhadores, percutores, bigornas, mãos de pilão, **boleadeiras**, lâminas de machado e adornos, também foram coletados artefatos ósseos e conchíferos, tais como pontas e contas, restos faunísticos de alimentação e sepultamentos humanos.

Outros trabalhos publicados pelo mesmo autor mencionam a presença de “boleadeiras” (termo utilizado por ele) na região do Pantanal Sul-mato-grossense (BESPALEZ, 2010, 2015b), embora seja necessário o desenvolvimento de estudos mais sistemáticos para aquela região<sup>69</sup> (BESPALEZ, 2015, p. 48). Deve-se mencionar que evidências tão antigas da presença de bolas de boleadeira nesta região podem – ou não – ser vestígios de processos históricos mais profundos, que vinculam de modo mais próximo o povoamento inicial do Rio Grande do Sul às ocupações dos vales dos rios Paraguai e Paraná, hipótese levantada por Hadler, Dias e Bauermann (2012).

Mais de dois mil quilômetros de distância destes achados, na região Nordeste, foram encontrados no estado do Piauí três artefatos líticos esferoides (sem sulco) classificados como “bolas”, nos sítios Baixão da Serra Nova (um) e Canabrava (dois) atribuídos a sociedades ceramistas (PAIVA, 2011). Embora não tenham sido realizadas datações para o sítio Baixão da Serra Nova (localizado nas proximidades da Serra da Capivara),

para a realidade do sítio Canabrava, temos datações distantes entre si (790 +/- 50 AP e 490 +/- 50 AP) que podem indicar mais do que uma ocupação. Porém no que se refere à tecnologia lítica podemos afirmar que existe uma uniformidade entre os materiais coletados o que pode sugerir uma contemporaneidade entre eles ou ainda uma persistência tecnológica.

Em ambos os casos, o trabalho fruto de uma dissertação de mestrado não descarta o uso de tais artefatos em boleadeiras<sup>70</sup>. Entretanto, em uma análise crítica de tal classificação, o modo de funcionamento como boleadeiras – mais do que atribuído em função da realidade material percebida nos sítios – foi vinculado a partir do que Laming-Emperaire (1967) entendeu por “bola”, como mostra a própria autora:

<sup>69</sup> Há registros seguros da utilização de boleadeiras entre indígenas do Mato Grosso do Sul em contextos pós-invasão europeia, entretanto, há ainda uma discussão em aberto se elas foram adotadas (ou ressurgiram) após o contato com povos de origem europeia e/ou indígena de outros locais após tal acontecimento. Ver: Rivasseau (1936), Herberts (1998) e Lino et al (2021). Na margem ocidental do Rio Paraguai, no Gran Chaco, Erland Nordenskiöld (1910, 1912) realizou um interessante estudo entre as populações originárias locais onde mostrou o manejo das boleadeiras inclusive entre jovens.

<sup>70</sup> “As bolas [do sítio Canabrava] podem fazer parte da boleadeira e ter tido a função de lastrar, ou ainda está inserida em um contexto simbólico, social, ritual e lúdico” (PAIVA, 2011, p. 169) e “Já a bola evidenciada [no sítio Baixão da Serra Nova] pode estar dentro do universo econômico, como objeto para lastrar, fazendo parte da boleadeira, ou ainda dentro de um contexto lúdico, como peça de jogo, ou em um universo simbólico e ritualístico.” (PAIVA, 2011, p. 173, grifo nosso).



Temos dois exemplares de bolas [do sítio Canabrava] em granito, uma picoteada e outra polida, o que provavelmente mostra as etapas de confecção destes artefatos. **De acordo com a funcionalidade proposta por Annette Laming-Emperaire estas seriam utilizadas como armas de arremesso para caça, em tempos históricos as bolas eram utilizadas para capturar os animais domésticos, um objeto para lastrar e um elemento constituinte da boleadeira (conjunto de bolas e couros ou cestaria).** Não descartamos essa possibilidade de função, mas também destacamos a possibilidade de uso lúdico, ou inserido em um contexto social. (PAIVA, 2011, p. 142-143, grifo nosso)

Tal atribuição é consequente, na nossa visão, da ambígua definição já esboçada e criticada em nosso segundo capítulo – onde a morfologia esférica e/ou a classificação como “bola” é colada ao sistema de armas “boleadeiras”, quando na realidade não necessariamente o são –. Ainda na região Nordeste do Brasil, mais ao leste, no sítio Sítio Papeba (Senador Georgino Avelino, RN) um esferoide lítico foi interpretado como “bola de boleadeira” (MILLER, 2021, p. 39), mas sua presença foi relacionada a processos históricos ocorridos após a invasão europeia, ainda que também relacionáveis à História Indígena<sup>71</sup>. Embora instigante, um quadro cronológico e espacial desta porção oriental da América do Sul é difícil de estabelecer com tão poucas evidências arqueológicas<sup>72</sup> – mas com interpretações, no mínimo, surpreendentes –.

Voltando ao extremo oposto, na região ocidental da América do Sul – e promovendo maiores contatos entre as arqueologias das terras baixas e das terras altas –, não podemos deixar de trazer à tona o fato de que boleadeiras foram utilizadas em áreas de grandes altitudes na Cordilheira dos Andes. Chamussy, com certas ressalvas, mostra que embora existam trabalhos que apontem para uma existência pretérita das bolas de boleadeira em contextos pré-cerâmicos (como em Caral, Chorrillos, Avic e Nunura), é “efectivamente preciso percatarse que todas las bolas de piedra com ranhura ecuatorial no son bolas [utilizado como sinônimo de bolas de boleadeira, pelo autor], sino más bien – con mayor frecuencia – sobre todo en los sítios marítimos de la costa del Peru –, pesos de redes de pesca” (CHAMUSSY, 2012, p. 71). Para o pesquisador, estudos iconográficos e mesmo análises classificatórias arqueológicas, pelas

<sup>71</sup> “Boleadeiras não são características do Nordeste, mas sabemos que os holandeses mantinham, na Europa, um próspero comércio de penas de ema, um apetrecho essencial nos chapéus dos cavalheiros da Europa da época. Quem caçava as emas eram os índios. Sendo assim, podemos lançar como hipótese que os holandeses introduziram a boleadeira na região para facilitar a produção de penas de ema, um comércio muito lucrativo na época, mas que desapareceu da região juntamente com os holandeses.” (MILLER, 2021, p. 41)

<sup>72</sup> Estaríamos nos deparando com vestígios de armas utilizadas em grande parte da América do Sul ou com importantes erros de interpretação arqueológica? Como nos mostra Mello (2007, p. 123): “O ponto fundamental da definição de instrumento é que ele não pode se reduzir ao artefato (ao objeto técnico, à máquina, etc.). É preciso defini-lo como uma entidade mista: o instrumento é uma entidade composta que compreende uma entidade artefactual (um artefato, uma função de artefato, ou um conjunto de artefatos) e um componente ligado ao esquema (ou aos esquemas) de utilização. Essas duas dimensões do instrumento, apesar de estarem associadas uma à outra, mantêm uma relação de certa independência: a um mesmo esquema de utilização podem corresponder diferentes tipos de artefatos, e a um mesmo tipo de artefato pode corresponder diferentes esquemas de utilização. [...] o instrumento é todo objeto (artefato) que o sujeito associa à sua função para a execução de uma tarefa.”

semelhanças observadas na morfologia dos artefatos constantemente confundem as boleadeiras com outras armas – como as fundas<sup>73</sup> – defendendo que para a área central andina

No se halla luego rastro alguno de bolas hasta los Incas, quienes la adoptaron bajo el nombre de ayllu (“reunir em quéchua), término idéntico a aquel que designa al grupo social o linaje llamado ayllu. [...] En Guamán Poma ([613: 182, 206), um arma de este tipo es representada entre las manos de un adolescente cazando aves. [...] En los Andes, es también llamada liwi (Lumbreras 1980: 255; Bischof 2005: 74); se la emplea todavía bajo este nombre en el chiaraje o tinku (combate ritual) que se da anualmente en una pampa de Cusco (Arce Sotelo 2008: 170). [...] Las boleadoras (de una a tres bolas aparecen luego probablemente en los Andes centrales únicamente con los Collas del Lago Titicaca, quienes las habrían encontrado entre los coyas que vivían en el altiplano al sur del Collasuyu [...] Una variante es la ‘bola perdida’ o ‘Wichi Wichi’ en quechua [...] utilizada en la provincia de Canas durante los combates rituales llamados ‘chiaraje’ (Alencastre y Dumézil 1953; Arce Sotelo 2008: 172)” (CHAMUSSY, 2012, p. 71-72).

Wilson (1999, P. 328), entretanto, menciona que três bolas líticas (classificadas como “artefatos relacionados à subsistência”) foram encontradas em um contexto funerário datado em cerca de 1200 anos AP no que teria sido o Ayllu Kaata (centro-oeste boliviano, há 3500m de altitude). Mais tarde, também para o contexto andino, González (2003) defenderia que:

Si la similitud formal no fuera suficiente, existen las pruebas históricas de la continuidad del uso de distintos tipos de bolas entre los pueblos del altiplano [...]. En Perú se las usa tanto em la costa como em la Sierra y existen testimonios (Tello 1943: comunicación personal) de que también fueron usadas por los incas. [...] resultaria interesante el hecho de que se conoce una leyenda en la que el personaje mítico principal, Mama Huaco, usa una bola perdida para matar a un enemigo. Además se han hallado ejemplares antiguos de los diferentes tipos. Por otro lado, está muy difundida la idea de que muchos elementos de la cultura Inca fueron heredados de la cultura de Tiwanaku. [...] Sin dudas las boleadoras de dos o tres piedras se usaron muy frecuentemente en todas las épocas de Tiwanaku. [...] (GONZÁLEZ, 2003, p. 45-47)

Com base nisso, acreditamos que maiores contatos entre as arqueologias das terras altas e das terras baixas (entre elas mesmo e internamente) deveriam ser incentivados no que tange o estudo das bolas líticas classificadas – ou não – como bolas de boleadeira, visando a compreender as similaridades e disparidades dos usos – abandonos e reusos – das boleadeiras em tão diversas paisagens culturais. Afinal, mais do que um mapa da América do Sul onde conste todos os artefatos classificados como bolas de boleadeira (categoria historicamente construída) em incontáveis pontos nas diversas regiões, reafirmamos – como já fizemos anteriormente – que queremos compreender: “porque os artefatos têm a forma que têm,

<sup>73</sup> Foi surpreendente ver que mesmo Dillehay (2016) não escapa de cometer tal confusão, ao afirmar que: “[...] la mayoría de los instrumentos líticos eran raspadores, machacadores [...] y boleadoras [talvez mais apropriado seria “bolas”] acanaladas para uso de honda.” (DILLEHAY, 2016, p. 8), visto que boleadeiras são armas diferentes das fundas.

aparecem no lugar em que aparecem, numa determinada quantidade e em determinada relação com outros artefatos” (BUENO, 2007, p. 68).

Ou melhor, como diria a arqueóloga gaúcha Denise Schaan (2007, p. 88): “[...] categorias e tipologias são apenas meios para se alcançar um fim e não podem, elas mesmas, substituir a necessária descrição e estudo de processos sociais dos quais são atores os seres humanos, nunca os artefatos.” (SCHAAN, 2007, p. 88)

Na sessão a seguir, instigados pelas pesquisas desenvolvidas pelas/nas arqueologias vizinhas, sobretudo na arqueologia argentina que guarda uma rica herança de análise das bolas líticas<sup>74</sup>, mostraremos como elas têm olhado para tais artefatos em pesquisas recentes. O objetivo do capítulo seguinte é entender como, a partir de um diálogo profícuo com trabalhos realizados “do outro lado da fronteira”, a arqueologia brasileira pode ser melhor direcionada no estudo das bolas líticas arqueológicas, sendo, também, “mais reflexiva quanto à sua natureza e mais consciente de seu papel social” (BARRETO, 1990-2000, p. 202) avaliando “os caminhos mais adequados ao estudo de nossa herança arqueológica” (BARRETO, 1999-2000, p. 211), herança da qual tais artefatos também fazem parte.

---

<sup>74</sup> Ver o capítulo 2, da Tese de Doutorado de Rodrigo Vecchi (2010) intitulado “Antecedentes en el estudio de boleadoras, bolas y esferoides líticos”. Neste é possível visualizar como os estudos especificamente direcionados às boleadeiras no Brasil são pouco numerosos, sendo que apenas muito recentemente têm sido focados em compreender os significados simbólicos, sociais e funcionais delas nas sociedades humanas. Parte mais antiga dos trabalhos direcionados ao estudo de boleadeiras no Brasil visou classificar, a partir de postulados desenvolvidos pela arqueologia argentina da década de 1950 como já mostramos, os artefatos encontrados – a maioria descontextualizados – em coleções e museus. É razoável perceber como tais postulados foram construídos a partir de um panorama maior de debates científicos realizados no país vizinho.

## 5. BOLEADEIRAS EM CONTEXTO: um balanço sobre pesquisas recentes na(s) arqueologia(s) vizinha(s).

[...] em disciplinas como a nossa, o saber científico avança aos tropeços, fustigado pela contenda e pela dúvida. [...] Para que nosso empreendimento seja válido, não é necessário, em nossa opinião, que goze durante anos, e até os mínimos detalhes, de uma presunção de verdade. **Basta que se lhe reconheça o modesto mérito de ter deixado um problema difícil numa situação menos ruim do que aquela em que o encontrou.** (LÉVI-STRAUSS, 2021, p. 34-35, grifo nosso)

No presente capítulo buscamos “deixar um problema difícil numa situação menos ruim daquela em que o encontramos”, ao elucidar como um mergulho mais profundo nas evidências arqueológicas pode ser terreno fértil de novas pesquisas realizadas pela arqueologia brasileira – visando a dar um passo adiante àquele em que estamos no que diz respeito aos estudos de bolas líticas.

Por acreditarmos que tal “passo adiante” fora dado em outros países como na Argentina, mostraremos a partir de pesquisas realizadas nestes como a arqueologia brasileira pode melhor aproximar-se das pessoas atentando-se, e não afastando-se, ainda mais aos artefatos. Afinal:

De forma muito direta, **a arqueologia é uma ciência que deve ser vivida, precisa ser "temperada com humanidade"**. A arqueologia morta é a poeira mais seca que se possa soprar. **O arqueólogo não é um mero funcionário que conta cacoc [ou, no nosso caso, pedras], nem tampouco um mero desenhador de fragmentos.** Paixão, entusiasmo, chame como quiser. [...] se você estiver entrando na arqueologia sem essa paixão vital dentro de você, volte-se, peço, para uma tarefa algo menos humana e mais finita do que o estudo da Humanidade. (WHEELER, [S. I.] apud FUNARI, 2003, p. 20, grifo nosso)

Nesta direção, destacamos o trabalho de González et al (2021) que a partir de dados oriundos de diferentes fontes associadas à zooarqueologia, arqueologia experimental, etnoarqueologia e análises de armas líticas – entre elas boleadeiras – e de cerâmicas conseguiram avaliar as estratégias de caça e captura junto do manejo e consumo do “*coypu*” na Depressão do Rio Salado (província de Buenos Aires). Tal estudo, na nossa visão, é instigante por três principais fatores: primeiro, o diálogo de dados oriundos de diferentes abordagens visando a estruturar uma resposta mais robusta ao problema de pesquisa (totalmente contrário aquilo que chamamos anteriormente de uma “solidão das bolas líticas”); segundo, o *coypu*, popularmente conhecido no Brasil como “ratão-do-banhado” (*Myocastor coypus*), também fez parte da dieta das sociedades humanas (SCHMITZ, 2006a, 2006b; SCHMITZ; NAUE; BECKER, 2006; JACOBUS, 2006) do passado sul-brasileiro – permitindo, a depender das condições de pesquisa, que realizemos comparações acerca das estratégias empregadas na caça e manejo da presa – bem como avaliar a relação caça-caçador – e no padrão de consumo da

arqueofauna dentre outros aspectos de ambos contextos; e por último, mas nada menos notável, o fato particular de que [...]

**[...] boleadoras are highly versatile, and as the bow and arrow, could be effective both in open spaces, woodlands, and forests, as they could be used to reduce mobility, to hit animals from a distance, or as short-range maces (Vecchi, 2011). Shallow and wide channels identified in most of the stone balls might be evidence of a particular fastening method, using thick leather cords to avoid short term damage and decay produced by aquatic and wetter environments. [...] Considering coypu ethology and the high fragmentation index recorded in skull bones (Escosteguy et al. 2012, 2015), we suggest that bola stones could have been used as maces for coypu hunting. (GONZÁLEZ et al, 2021, p. 76)**

Esse fator é relevante em um primeiro direcionamento porque amplia para além das paisagens abertas (MÉTRAUX, 1949) o leque de ambientes possíveis de usos das boleadeiras (com vegetação mais fechada, por exemplo). Em um segundo (e quiçá mais rico) direcionamento, porque como diria Mortimer Wheeler “tempera com humanidade” vestígios que são, em grande parte das vezes, guardados “dentro de um saco plástico, dentro de uma caixa, em alguma estante [...] desconectado(s) dos demais elementos do registro arqueológico” (ISNARDIS, 2007, p. 199); porque demonstra importantes aspectos cognitivos das sociedades indígenas da América Antiga até pouco tempo negados, visto que, como diria Kopenawa e Albert (2015, p. 75): “os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm dos nossos antepassados”. Porque, entre outras muitas explicações, traz à tona que não basta encontrarmos bolas líticas próximas de uma área aquática para inferirmos que se tratam de artefatos ligados à pesca, mostrando a necessidade de compreendermos de modo mais amplo o mundo em que as pessoas as inseriram. Porque devemos entender, na nossa visão, que escavamos pessoas e não coisas (WHEELER, 1954, p. 2) pontualidade que nos traz ainda maiores responsabilidades.

Em outro trabalho interessante, Vecchi (2011) ao analisar a matéria-prima das bolas de boleadeira de sua área de estudo – encontradas em diferentes sítios próximos de lagunas permanentes e temporárias e do Rio Salado –, caracterizada por ele como uma área com “ausência de rochas aptas para a confecção de artefatos” (VECCHI, 2011, p. 195) defende que a região, por conter tais características – e pela ocorrência das bolas líticas – apresenta evidências de “traslado de materias primas desde largas distancias y una tendencia general de alta conservación del material lítico” (VECCHI, 2011, p. 195). A partir de seu estudo foi possível discutir as procedências das rochas utilizadas para a confecção das bolas de boleadeira, grande parte delas oriundas de regiões localizadas a mais de 250km, em alguns casos, distantes em 450km dos locais onde foram encontradas.

Outrossim, o arqueólogo conseguiu através de sua pesquisa debater acerca de outros aspectos correlacionáveis como a possibilidade de tais artefatos indicarem redes de interação e intercâmbio entre populações pampeanas pré-coloniais. Ainda, “las distancias a las fuentes de abastecimiento de las materias primas utilizadas [...] generaron diferentes decisiones tecnológicas destinadas a la conservación del material lítico.” (VECCHI, 2011, p. 205-206), evidenciando por outros meios a possibilidade de serem realizadas partidas periódicas em direção às regiões com rochas propícias à confecção das bolas líticas, trazendo-as à região nos estágios finais de acabamento.

[...] además [...] junto a estas partidas, la obtención de este tipo de instrumentos podría haberse realizado mediante la interacción con grupos intra e extra regionales. Entendemos por interacción al intercambio, en un sentido amplio, de materiales, información, ideas y creencias entre miembros de diversos grupos (Odess, 1998). De acuerdo con lo propuesto por varios autores [...], intercambios ayudarían a reforzar las relaciones intergrupales y a crear lazos y vinculaciones entre los miembros de los diferentes grupos (Gamble, 1992; Lazzari, 1999; Neme y Gil, 2005; Rice, 1987). [...] el intercambio de bolas de boleadora ya formatizadas entre diferentes grupos de las regiones pampeana y patagónica ha sido observada, incluso, por diferentes viajeros durante los siglos XVIII y XIX. [...] Por otro parte, junto a estas formas de obtención de este tipo de instrumento debemos hacer referencia a la reclamación. [...] proceso por el cual se extraen objetos del contexto arqueológico para restituirlos al contexto sistémico. (VECCHI, 2011, p. 206-208)

A riqueza de tais informações pode ser apropriada criticamente pela arqueologia brasileira para verificar até que ponto podemos atribuir aos artefatos critérios voltados à etnicidade<sup>75</sup>, pontualidade já discutida no contexto sul-brasileiro, inclusive com grupos indígenas que adotaram boleadeiras, por Rogge (2005).

Não sem maiores aprofundamentos, em outra pesquisa realizada em sua Tese de Doutorado, Vecchi (2010, 2012) visando a compreender “las materias primas utilizadas, las áreas de abastecimiento, los procesos de manufactura, el contexto social de producción y uso así como los aspectos ideacionales” (VECCHI, 2012, p. 297) das bolas de boleadeira encontradas na região pampeana da província de Buenos Aires obteve frutíferos resultados em seu universo de análise. A partir de seus trabalhos foi possível estimar, entre outras coisas, que o tempo necessário à produção de bolas líticas de seu recorte espacial é variável, tanto por fatores como a matéria-prima escolhida – entre 108 a 180 minutos para rochas ígneas e entre 40 a 65 minutos para rochas sedimentárias – quanto pela habilidade da ou do lascador – estabelecendo uma perda de massa do nódulo inicial entre 30 a 72% –.

---

<sup>75</sup> “A etnicidade é uma entidade relacional, pois está sempre em construção, de um modo predominantemente contrastivo, o que significa que é construída no contexto de relações e conflitos intergrupais. A forma contrastiva que caracteriza a natureza do grupo étnico resulta de um processo de confronto e diferenciação.” (LUVIZOTTO, 2009, p. 32)

Ademais, ao notar o acabamento da superfície dos artefatos, características morfométricas (como simetria) e o realce da cor de algumas bolas líticas após o polimento concluiu que algumas das peças encontradas evidenciam diferenças interpessoais entre os grupos humanos da região pampeana de Buenos Aires. Ou seja, constituiriam “peças de prestígio” visto que foram encontradas inteiras (não fraturadas), em espaços abertos e na maioria das vezes foram encontradas sem relação com outros artefatos, fato que “indicaría que fueron extraviadas durante su uso. A partir de esto consideramos que, probablemente, el prestigio otorgado por estos objetos no estaría sustentado únicamente en su posesión, sino, principalmente, en su uso durante las prácticas venatorias.” (VECCHI, 2011, p. 300). Quanto ao uso das boleadeiras, Vecchi (2010, 2012) estabelece que a partir da análise de fontes etnográficas foi possível dizer que uma grande variedade de armas sob o nome de “boleadeiras” foi utilizada na região para a captura de uma ampla diversidade de animais,

mediante diferentes estrategias de caza, como por desventaja, acecho, persecución o encuentro. De estas modalidades predomina la caza por desventaja, en particular de guanacos. Para ello se realizaba la dispersión de un grupo grande de individuos que, dirigiéndose en diferentes direcciones, formaba un gran círculo que, cerrándose progresivamente, atrapaba a las presas en su interior, permitiendo su captura. Por otra parte, las boleadoras de dos y tres bolas son descriptas como utilizadas, junto a la bola perdida y la maza, en enfrentamientos contra otros grupos o personas. Esto permite definir a las boleadoras como sistemas de armas multifuncionales, empleadas tanto en la caza de animales de porte grande, mediano y pequeño como en enfrentamientos interpersonales, ya sea lanzándola o como maza. (VECCHI, 2012, p. 300)

Mais recentemente, em pesquisas ainda não publicadas, Vecchi (2022, comunicação pessoal) está desenvolvendo um estudo estatístico para determinar se é possível “adscribir las bolas arqueológicas con un sistema de armas particular” (VECCHI, 2022, comunicação pessoal). Em caso afirmativo, temos certeza de que o estudo das bolas arqueológicas será ainda mais instigante do que já vem se mostrando – em caso negativo, a tentativa não será considerada menos válida visto que dinamizaria dificuldades centrais de análise deste conjunto de artefatos arqueológicos.

Voltando ao Brasil, há não muito tempo a Sociedade de Arqueologia Brasileira, através da Revista de Arqueologia, organizou um dossiê especial de publicações com o objetivo de agrupar resultados de pesquisas direcionadas à Arqueologia da Infância. Introduzido pela interessante apresentação intitulada de “Uma criança brasileira nasce”, de Fernanda Neubauer (2018), o texto traz à tona a necessidade de questionarmos a invisibilidade das crianças na interpretação arqueológica, sobretudo brasileira, colocando à mostra que:

**As arqueólogas e arqueólogos tradicionalmente assumiam que crianças eram agentes invisíveis** em suas pesquisas, muitas vezes considerando-as como não

importantes e não agentivas, ou como sendo impossíveis de ser endereçadas nos estudos arqueológicos. **No entanto, a invisibilidade das crianças na interpretação arqueológica tem sido questionada há décadas pela crítica feminista. [...] as crianças representam um componente importante dos grupos sociais, tanto em número como em influência.** Portanto, **é de se esperar que elas tenham desempenhado um papel relevante na criação do registro arqueológico, mesmo que nós, arqueólogas e arqueólogos, tenhamos dificuldade para identificar e interpretar seu impacto no registro material.** Considerá-las como atores sociais e culturais nos permite entender que **elas são capazes de tomar decisões importantes e contribuir efetivamente para suas famílias, comunidades e sociedades. Além disso, precisamos entendê-las em seu próprio contexto cultural,** visto que os conceitos do que constitui uma criança e a experiência da infância são construções culturais que variam muito entre e dentro das sociedades. Reconhecer essas construções culturais requer que rompamos com nossas concepções ocidentais que definem as crianças como seres incompletos moldados por adultos. [...]. **Embora a crítica feminista tenha estimulado o estudo sistemático da arqueologia da infância no mundo, especialmente nas últimas décadas, tais estudos ainda são raros no contexto da arqueologia brasileira.** (NEUBAUER, 2018, p. 2-3, grifo nosso)

Indo nesse sentido, algumas pesquisas realizadas nos países vizinhos têm elucidado também o uso de bolas líticas em boleadeiras por infantes, em um terreno que a arqueologia brasileira merece dar maior atenção: a Arqueologia da Infância.

Lembremos, pois, que há mais de cento e dez anos Nordenskiöld (1910; 1912) já dizia que as boleadeiras estavam entre os jogos preferidos dos rapazes indígenas do “Gran Chaco”, área que abrange parte do atual território brasileiro. Observação esta que por si só já traz um preâmbulo das potencialidades em se “escavar novas pessoas” que não apenas adultos – e infelizmente de modo ainda menos aprofundado, adultas –.

Retomando às pesquisas desenvolvidas nos países vizinhos, Politis (1998) em seu popular texto *Arqueología de la infancia: una perspectiva etnoarqueológica*, propõe a hipótese de que uma bola de boleadeira, confeccionada por adultos e encontrada no enterramento 10 do sítio de Arroyo Seco 2 (já citado anteriormente no presente trabalho) corresponderia a um artefato infantil. Entre as evidências utilizadas para sustentar sua hipótese está o fato de que “tiene un artefacto homólogo de adulto; [...] es de tamaño menor; [...] se encuentra en el contexto funerario de un niño; [...] hay datos etnográficos regionales que indican el uso de boleadoras pequeñas como juguetes” (POLITIS, 1998, p. 13). Em direção parecida, Prieto (2020), que já tinha se aprofundado anteriormente à Arqueologia da Infância (PRIETO et al, 2019) coloca entre as conclusões de um artigo em que analisa um conjunto de bolas líticas e boleadeiras do Museu Regional de Magalhães (extremo sul da América do Sul) a hipótese de que parte delas teriam sido utilizadas por infantes: “Entre los múltiples aspectos que quedan dilucidar, está el uso que tuvieron ciertas bolas con surco cuyas pequeñas dimensiones llevan a pensar que bien pudieron funcionar como juguetes de infancia.” (PRIETO, 2020, p. 17).



Em outro campo de estudo foi publicado no ano passado um capítulo de livro, em que pesquisadoras e pesquisadores (KAUFMANN et al, 2021) visando a identificar as estratégias de caça<sup>76</sup> do guanaco (*Lama guanicoe*) desenvolvidas por indígenas durante o Holoceno Tardio (cerca de 3500 a 500 anos AP) no Sudeste dos Pampas da Argentina (a partir de quatro sítios arqueológicos circunscritos neste), identificou três principais sistemas de armas na região, dentre eles as boleadeiras. No estudo, destaca-se o fato de que uma das mudanças

that are observed between the initial and the final moments of this period is a predominance of bola stones in the initial stage and an extended use of the arrows toward later moments. This indicates not only changes in the weapon systems but also in the subsistence, mobility, and social relationships of the Pampas groups [...]. (KAUFMANN et al, 2021)

Tal pesquisa demonstra quão proveitoso pode ser um diálogo mais amplo realizado tanto diacronicamente quanto sincronicamente, evidenciando extremamente bem o dever da arqueologia em compreender, por meio da cultura material, não apenas as transformações das sociedades humanas no tempo, mas também o seu funcionamento, sendo tanto histórica quanto socio-antropológica (FUNARI, 2003, p. 18). Já que o presente trabalho institucionalmente vincula-se à história, não podemos deixar de defender as ideias já estruturadas por Gordon Childe (1961) quando disse que:

A arqueologia é uma forma de história e não uma simples disciplina auxiliar. Os dados arqueológicos são documentos históricos por direito próprio e não meras abonações de textos escritos. **Exactamente como qualquer outro historiador, um arqueólogo estuda e procura reconstituir o processo pelo qual se criou o mundo em que vivemos – e nós próprios, na medida em que somos criatura do nosso tempo e do nosso ambiente social.** Os dados arqueológicos são constituídos por todas as alterações no mundo material resultantes da conduta humana. (GORDON CHILDE, 1961, p. 9, grifo nosso)

Indo além, através de tal breve panorama de pesquisas mostramos que as bolas líticas arqueológicas podem ser alvo de olhares mais cuidadosos por parte da arqueologia brasileira. Tais olhares analíticos, ao superarem o caráter descritivo-classificatório; ao separarem de modo mais explícito o que se entende por “bolas” – tipologia morfológica ou funcional<sup>77</sup>?; ao fragmentarem “uma história de solidão” dialogando com diferentes fontes – e distintas

<sup>76</sup> Qual o perfil dos animais caçados em cada estação do ano de cada sítio, quais as estratégias de caça e apropriação dos aspectos geográficos foram adotadas, onde foram adotadas, dentre outros pontos.

<sup>77</sup> Uma das maiores dificuldades que encontramos em se trabalhar com o tema – como já vimos – é justamente entender se a pesquisadora ou o pesquisador estão utilizando o termo “bolas” atribuindo-o a modos de funcionamento como boleadeiras (tipologia funcional) ou em classificações vinculadas às características de forma dos artefatos (tipologia morfológica). Em alguns casos, ambos usos se confundem. “A tipologia pode, por exemplo, fundamentar-se em critérios funcionais (classificar os artefatos de acordo com o seu uso: para beber, para comer, para armazenar etc.), ou em critérios morfológicos (classificar pelo tipo de forma externa) ou ainda na composição material (análise da matéria-prima de que são feitos).” (FUNARI, 2003, p. 59)

perspectivas circunscritas nas publicações referentes a elas; ao perceberem diacrônica e sincronicamente o que os diferentes vestígios dos sítios (e de outros sítios) podem indicar; ao introjetarem as críticas teórico-metodológicas já recebidas; ao inserirem elas dentro de distintas paisagens culturais, serão sem sombra de dúvida mais conscientes dos “porquês” de seu “fazer arqueológico”.

O patrimônio arqueológico brasileiro, nas palavras de Ângelo Corrêa (2020) é “um bem único, não renovável e insubstituível”. Talvez isso já não bastasse para que ele seja melhor tratado, inclusive e principalmente por nós? Não nos deixemos naturalizar, pois, que

A cada ano, vão queimando, triturando, reduzindo a pó os vestígios materiais de diversas culturas que habitam ou habitaram esse território que hoje conhecemos por Brasil. As pesquisas arqueológicas contam histórias que não estão escritas, dando voz a sociedades que foram marginalizadas. Quem sabe não é essa a verdadeira intenção? (CORRÊA, 2020, [S. I.].

Lembremos, pois, que:

Como disse Bruce Trigger há quase quarenta anos, o futuro da arqueologia é o passado. É nesse passado imprevisível que mora a riqueza da arqueologia do Brasil. O desafio é tentar entendê-lo em uma época em que, paradoxalmente, nunca houve tantos arqueólogos, mas também em que ele nunca esteve tão ameaçado. (NEVES, 2016, p. 15)

Se “existe algo que se possa chamar de ‘arqueologia brasileira’” (NEVES, 2016) este algo deve colaborar para a construção de um passado (e, portanto, de um presente) que aproxime sempre múltiplas pessoas, e, não menos múltiplos: artefatos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da estruturação mais ampla das ideias desenvolvidas até aqui pôde-se perceber que: há um aparente descompasso na forma como a arqueologia brasileira tem olhado analiticamente para as bolas líticas de seu registro arqueológico, com a quase que exclusiva prevalência de estudos descritivo-classificatórios (muito pouco) centrados a tais artefatos (em comparação com a arqueologia argentina, por exemplo) e (menos ainda) às pessoas que os produziram – e/ou os apropriaram (1); há importantes vicissitudes classificatórias – não apenas – observadas na arqueologia brasileira que vinculam às bolas líticas diretamente ao uso como boleadeiras – ignorando a historicidade dos artefatos em diferentes contextos espaciais e temporais por distintos sujeitos em não menos múltiplos processos históricos e socio-antropológicos (2); a amplitude da ocorrência espaço-temporal do uso das boleadeiras, expresso, ao menos em parte, pelos vestígios de bolas líticas dificulta a possibilidade da utilização de tal conjunto de artefatos como um marcador possível do conceito de “tradição”, recorrentemente utilizado na arqueologia brasileira (3).

Levando em conta tais considerações, foi possível verificar através das análises realizadas no presente trabalho terrenos de pesquisa em aberto vinculados: à necessidade de usos mais conscientes, por parte da arqueologia brasileira, dos termos “bolas, bolas líticas, boleadeiras e bolas de boleadeira” de modo a separar e determinar mais nitidamente classificações de origem tipológica morfológica (forma) e tipológica funcional (modo de funcionamento) (1); à urgência de um maior aprofundamento centrado no estudo das bolas líticas do registro arqueológico do Brasil aproximando-se de pesquisas desenvolvidas em outros contextos – com o fito de discorrer e compreender maiormente os aspectos simbólicos e cognitivos das sociedades humanas indígenas que as adotaram, compostas tanto por indivíduos adultos quanto infantes, extrapolando o caráter descritivo-classificatório atualmente direcionado a tais artefatos (2); à imprescindibilidade da revisão crítica das principais inspirações teórico-metodológicas (exógenas) da arqueologia brasileira – visando a estruturação de um quadro teórico mais condizente com a realidade material observada nas pesquisas arqueológicas da América do Sul (3); à possibilidade instigante de uma revisita aos acervos arqueológicos onde encontram-se bolas líticas com uma mirada que dialogue de modo mais sistemático com o contexto em que tais artefatos foram encontrados – objetivando um diálogo entre fontes construído tanto sincronicamente quanto diacronicamente (4).

Assim, pode-se afirmar que os objetivos previamente estabelecidos para a presente pesquisa foram cumpridos. Entretanto, mais do que respostas absolutamente fixas um novo

leque de perguntas dinâmicas parece ter sido aberto ao explicitar potenciais novos olhares às bolas líticas – classificadas, ou não, como bolas de boleadeira.

Dentre os novos questionamentos apresentados à arqueologia brasileira destacam-se: quais as estratégias de caça foram adotadas pelas sociedades indígenas do passado com o emprego das boleadeiras no Brasil? Há substanciais diferenças nos padrões de usos e desusos de tais armas nas diferentes paisagens culturais? De que modo a arqueologia experimental, a bioarqueologia, a zooarqueologia, a etnoarqueologia e a história podem trazer contribuições no estudo das boleadeiras e das bolas líticas? Há a possibilidade de verificação no registro arqueológico de evidências de diferenciação interpessoal observadas a partir das evidências arqueológicas de tais artefatos? De que modo pode-se compreender a amplitude temporal e espacial do uso de boleadeiras na América do Sul – a que se deve tal quadro?

Fica explícito, portanto, que maiores diálogos entre as arqueologias sul-americanas (tanto das terras altas, quanto das terras baixas – intra e interespecíficos) poderão auxiliar no desenvolvimento de futuras pesquisas de âmbito mais amplo acerca do tema contribuindo para novos panoramas: “entre pessoas e artefatos”.

## REFERÊNCIAS

AGNOLIN, Agustín; CONI, Josefina Flores; GOÑI, Rafael. Las bolas y el viento: Análisis de la distribución de bolas en las cuencas de los lagos Cardiel y Strobel (Santa Cruz). In: OTERO, Julieta Gómez; SVOBODA, Ariadna; BANEGAS, Anahí (Eds.). *Arqueología de la Patagonia: el pasado en las arenas*. Puerto Madryn: Instituto de Diversidade y Evolución Austral, 2019. p. 81-92. Disponível em: [https://www.academia.edu/40593411/Las\\_bolas\\_y\\_el\\_viento\\_an%C3%A1lisis\\_de\\_la\\_distribuci%C3%B3n\\_de\\_bolas\\_en\\_las\\_cuencas\\_de\\_los\\_lagos\\_Cardiel\\_y\\_Strobel\\_Santa\\_Cruz](https://www.academia.edu/40593411/Las_bolas_y_el_viento_an%C3%A1lisis_de_la_distribuci%C3%B3n_de_bolas_en_las_cuencas_de_los_lagos_Cardiel_y_Strobel_Santa_Cruz). Acesso em: 10 de março de 2022

ALBUQUERQUE, Marcos. Recipientes cerâmicos de grupos tupi, no nordeste brasileiro. In: PROUS, André; LIMA, Tania Andrade (Eds.). *Os ceramistas tupiguarani. Volume I – Sínteses Regionais*. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais, 2008. p. 55-78 Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/os\\_ceramistas\\_tupiguarani\\_vol1\\_sinteses\\_regionais.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/os_ceramistas_tupiguarani_vol1_sinteses_regionais.pdf). Acesso em: 10 de março de 2021

ANDRADE, Carlos Drummond de. No meio do Caminho. *Revista de Antropofagia*, São Paulo, n. 3, [S. I.], jul. 1928.

BACK, João Vinícius Chiesa; COPÉ, Silvia Moehlecke. Juntando os cacos: o uso da Arqueologia Virtual na reconstituição cerâmica. In: *SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. Anais Eletrônicos do XX Congresso da SAB*. SAB: Pelotas, 2019. Disponível: <https://www.xxcongresso.sabnet.org/anais/trabalhos/apresentacaooral?simposio=24>. Acesso em: 8 de fevereiro de 2021

BACK, João Vinícius Chiesa; QUADROS, Pedro Christman de; COPÉ, Silvia Moehlecke. Arqueologia de fronteiras: evidência de contato entre grupos ceramistas das tradições Guarani e Taquara em Barra do Rio Azul, Rio Grande do Sul. In: *CARBONERA, Mirian; MACHADO, Neli Galarce; JUNIOR CARMO, Sady Pereira. Cadernos de Resumos do XI Encontro da Sab/Sul. Videira: Êxito, 2019. p. 23*. Disponível em: [https://www.academia.edu/53338203/ARQUEOLOGIA\\_DE\\_FRONTIERS\\_EVID%C3%8ANCIA\\_DE\\_CONTATO\\_ENTRE\\_GRUPOS\\_CERAMISTAS\\_DAS\\_TRADI%C3%87%C3%95ES\\_GUARANI\\_E\\_TAUARA\\_EM\\_BARRA\\_DO\\_RIO\\_AZUL\\_RIO\\_GRANDE\\_DO\\_SUL](https://www.academia.edu/53338203/ARQUEOLOGIA_DE_FRONTIERS_EVID%C3%8ANCIA_DE_CONTATO_ENTRE_GRUPOS_CERAMISTAS_DAS_TRADI%C3%87%C3%95ES_GUARANI_E_TAUARA_EM_BARRA_DO_RIO_AZUL_RIO_GRANDE_DO_SUL). Acesso em: 16 de abril de 2021

BAHN, Paul. (Ed.). *The Cambridge Illustrated History of Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, p. 32-51, dez/fev 1999-2000. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p32-51> Acesso em: 15 de abril de 2020

BARRETO, Cristiana. Arqueologia brasileira: uma perspectiva histórica e comparada. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 3, p. 201-212, 1999 <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5939.revmaesupl.1999.113468> Acesso em: 11 de abril de 2021

BARRETO, Cristiana. Brazilian archaeology from a Brazilian perspective. *Antiquity*, Cambridge, v. 72, n. 277, p. 573-581, set 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0003598X00087007> Acesso em: 5 de abril de 2021

BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto; BETANCOURT, Carla Jaimes (Orgs.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN, 2016. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ceramicas\\_arqueologicas\\_amazonia\\_nova\\_sintese.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ceramicas_arqueologicas_amazonia_nova_sintese.pdf). Acesso em: 8 de fevereiro de 2021

BARRETO, Cristiana; OLIVEIRA, Erêndira. Para além de potes e panelas: cerâmica e ritual na Amazônia Antiga. *Habitus*, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 51-72, jan/jun. 2016. Disponível em : <http://dx.doi.org/10.18224/hab.v14.1.2016.51-72>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022

BECKER, André et al. *Arqueologia digital e história indígena no RS: o povoamento inicial através de artefatos*. Porto Alegre: UFRGS, 2021.

BECKER, Irene Basile. O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul. In: SCHMITZ, Pedro Ignacio (Ed.). *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil – Documentos 5*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2006. p. 125-148. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/documentos/documentos05.pdf>. Acesso em: 8 de junho de 2018

BESPALEZ, Eduardo. Arqueologia e história indígena no Pantanal. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 29, n. 83, p. 45-86, jan/abr. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/105058>. Acesso em: 20 abril de 2022.

BESPALEZ, Eduardo. Levantamento arqueológica e história indígena na aldeia Lalima, Miranda/MS. In: CHAMORRO, Graciela; COMBÈS, Isabelle (Orgs.). *Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais*. Dourados: Ed. UFGD, 2015. p. 73-92. Disponível em: <https://doi.org/10.30612/9788581471204>. Acesso em: 16 de março de 2022

BESPALEZ, Eduardo. Levantamento arqueológico na Aldeia Lalima, Miranda/MS: uma contribuição ao estudo da trajetória histórica da ocupação indígena regional. *Revista de Arqueologia*, [S. I.], v. 23, n. 2, p. 112–135, 2010. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/302>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BETHENCOURT, Francisco. *Racismos: Das Cruzadas ao século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BINFORD, Lewis. *En Busca del Pasado: descifrando el registro arqueológico*. Barcelona: Editorial Crítica, 1991.

BIRD, Junius. *Travels and Archaeology in South Chile*. Iowa: University of Iowa Press, 1988.

BORRERO, Luis Alberto. Early Occupations in the Southern Cone. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William (Ed.). *Handbook of South American Archaeology*. Nova York: Springer, 2008. p. 59-77

BUENO, Lucas. Arqueologia do povoamento inicial da América ou História Antiga da América: quão antigo pode ser um ‘Novo Mundo’? Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 14, n. 2, p. 477-495, maio-ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/zK3QHJvwqL7XBjfQ7Chxnpm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 de março de 2022

BUENO, Lucas. Organização Tecnológica e Teoria do Design: entre estratégias e características de performance. In: BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei (Orgs.). Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007. p. 67-94

BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei. Introdução. In: BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei (Orgs.). Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007. p. 9-20

CALIPPO, Flávio. O surgimento da navegação entre os povos dos sambaquis: argumentos, hipóteses e evidências. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n. 21, p. 31-49, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2011.89960>. Acesso em: 16 de abril de 2022

CAPDEPONT, Irina et al. Conectividad social durante el Holoceno Tardío em el paisaje arqueológico del litoral oriental del bajo Río Uruguay. Pesquisas, Antropologia, São Leopoldo, n. 73, p. 93-120, 2017. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/antropologia/volumes/073/005.pdf>. Acesso em: 16 de abril de 2022

CASTRO, Celso. Textos Básicos de Antropologia: em anos de tradição (Boas, Malinowski, Lévi-Strauss e outros). In: CASTRO, Celso. A evolução da sociedade humana, segundo Morgan. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. p. 11-24

CHAMUSSY, Vincent. Empleo de las armas arrojadas del área centro-andina: ¿armas de caza o de guerra?. Arqueología y Sociedad, [S. l.], n. 24, p. 43-86, 2012. Disponível em: <https://revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/Arqueo/article/view/12334>. Acesso em: 5 de junho de 2021

CONNOR, Anne. Finding Time for the Old Stone Age: A History of Palaeolithic Archaeology and Quaternary Geology in Britain (1860-1960). Nova York: Oxford University Press, 2007

COPÉ, Silvia Moehlecke. A gênese das paisagens culturais do planalto sul brasileiro. Estudos Avançados, São Paulo, v. 29, n. 83, p. 149-171, jan/abr. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/105062> Acesso em: 6 de junho de 2018

COPÉ, Silvia Moehlecke; BARRETO, James Macedo; SILVA, Mariane Moreira da. 12000 anos de história: arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

CORRÊA, Ângelo Alves. As “distrações” com o patrimônio arqueológico brasileiro. ComCiência, Campinas, n. 219, [S. l.], jul/ago 2020. Disponível em:

<https://www.comciencia.br/as-distracoes-com-o-patrimonio-arqueologico-brasileiro/>. Acesso em: 9 de junho de 2021

CORRÊA, Ângelo Alves. Cadeias operatórias Tupi. *Habitus*, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 221-238, jul/dez. 2011. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/download/2492/1550>. Acesso em: 27 de junho de 2021

CUNHA, Manuela Carneiro da. Por uma História Indígena e do Indigenismo. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo, UBU, 2017. p. 127-134.

DANIEL Glyn. *Historia de la Arqueología: de los anticuarios a V. Gordon Childe*. Madri: Alianza Editorial, 1974.

DANIEL, Glyn. *A Hundred and Fifty Years of Archaeology*. Cambridge: Harvard University Press, 1976

DI BACO, Hiuri. *A cerâmica pintada Guarani: o estudo dos desenhos presentes nas cerâmicas arqueológicas da área do Projeto Parapanema*. 2018. 153f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-05062018-083915/pt-br.php>. Acesso em: 27 de junho de 2021

DIAS, Adriana Schmidt. *Da Tipologia à Tecnologia: reflexões sobre a variabilidade das indústrias líticas da Tradição Umbu*. In: BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei (Orgs.). *Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007b. p. 33-66

DIAS, Adriana Schmidt. *Estudo da representatividade de pontas de projétil líticas enquanto marcadores temporais para a Tradição Umbu*. In: KERN, Arno (Org.). *Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 309-332

DIAS, Adriana Schmidt. *Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico*. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 2, n. 1, p. 59-76, jan-abr. 2007a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-81222007000100005>. Acesso em: 27 de junho de 2021

DIAS, Adriana Schmidt. *Repensando a Tradição Umbu através de um estudo de caso*. 1994. 170f. Dissertação (Mestrado em História – Área de concentração: Arqueologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

DIAS, Adriana Schmidt. *Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma Proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. 2003. 401f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8153/tde-21102004-162152/publico/Tese1.pdf>. Acesso em: 29 de junho de 2020



DÍAZ-ANDREU, Margarita. *A World History of Nineteenth-Century Archaeology: Nationalism, Colonialism, and the Past*. Nova York: Oxford University Press, 2007

DILLEHAY, Thomas. *The Settlement of the Americas: a new prehistory*. Nova York: Basic Books, 2000

DILLEHAY, Tom. A Late Ice-Age Settlement in Southern Chile. *Scientific American*, [S. I.], v. 251, n. 4, p. 106-119, out. 1984. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.2307/24969460>. Acesso em: 30 de novembro de 2020

DILLEHAY, Tom. Las culturas del Pleistoceno Tardío em Suramérica. *Revista Maguaré*, Bogotá, n. 17, p. 15-45, 2003. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/maguare/article/view/12842>. Acesso em: 30 de agosto de 2021

DILLEHAY, Tom. *Monte Verde: Un asentamiento humano del Pleistoceno Tardío en el sur de Chile*. Santiago: LOM Ediciones, 2016. Ebook Kindle

DONATTI, Patrícia. Aula: História da Arqueologia no Brasil. *Somanlu – Revista de Estudos Amazônicos*, [S. I.], ano 17, n. 1, p. 39-51, jan/jun. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/233099.17.1-2>. Acesso em: 20 abr. 2022.

DOS REIS, José Alberione. “Não pensa muito que dói”: um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

ERCHINI, Carina; TOBELLA, Marcela. Bolas, esferoides y afines: una aproximación en el actual territorio uruguayo. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano – Series Especiales*, [S. I.], v. 8, n. 2, p. 75-89, 2020. Disponível em: <https://www.mna.gub.uy/innovaportal/file/124857/1/erchini-y-tobella.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ERCHINI, Carina; TOBELLA, Marcela. Bolas, esferoides y afines: una aproximación en el actual territorio uruguayo. In: *Congreso Internacional de Arqueología de la Cuenca del Plata*, n. 3, 2018, São Leopoldo. *Caderno de Resumos*. São Leopoldo: UNISINOS, 2018, p. 22. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/IIICAP/circulares/III%20CAP%20RESUMOS.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

FABRA, Mariana; GONZÁLEZ, Claudina; ROBINA, Silvana. Evidencias de violencia interpersonal en poblaciones del piedemonte y las llanuras de Córdoba (Argentina) a finales del Holoceno tardío. *RUNA*, *archivo para las ciencias del hombre*, v. 36, n. 1, p. 5-27, 24 jul. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.34096/runa.v36i1.1493>. Acesso em: 20 abr. 2022.

FAGAN, Brian. *Uma breve história da arqueologia*. Porto Alegre: L&PM, 2019.

FERREIRA, Lúcio Menezes. *Território Primitivo: a institucionalização da arqueologia no Brasil (1879-1917)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010

FLENSBORG, Gustavo; SUBY, Jorge. Trauma y violencia en Patagonia Austral: interpretación de evidencias bioarqueológicas y perspectivas futuras. *Chungará - Revista de*

Antropología Chilena, [S. I.], v. 52, n. 1, p. 41-55, mar. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-73562020005000101>. Acesso em: 10 abr. 2022.

FRANCO, Nora et al. Hunting Blind in the Southern End of the Deseado Massif: Collective Hunting Strategies During the Late Holocene. In: BELARDI, Juan Bautista et al (Eds.) Ancient Hunting Strategies in Southern South America. Cham: Springer, 2021. p. 313-341. Disponível em: [https://doi.org/10.1007/978-3-030-61187-3\\_4](https://doi.org/10.1007/978-3-030-61187-3_4). Acesso em: 10 de março de 2022

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2002

FUCHS, H. Review of Boleadoras de Arcilla em los Llanos Occidentales de Venezuela. Boletín Bibliográfico de Antropología Americana, [S. I.], v. 31, p. 98-99, 1968. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40974942>. Acesso em: 10 de março de 2022

FUNARI, Pedro Paulo. Arqueologia Brasileira: visão geral e reavaliação. Revista de História da Arte e Arqueologia, Campinas, n. 1, 23-41, 1994. Disponível em: <https://www.unicamp.br/chaa/rhaa/revista01.htm>. Acesso em: 10 de março de 2022

FUNARI, Pedro Paulo. Arqueologia. São Paulo: Contexto, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo; CARVALHO, Aline. Universidades, Arqueologia e Paulo Duarte. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 22, p. 89-96, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2012.106849>. Acesso em: 26 de março de 2022

GAMBLE, Clive. The anthropology of deep history. Journal of the Royal Anthropological Institute, Londres, v. 21, n. 1, p. 147-164, março 2015. Disponível em: <https://rai.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-9655.12140>. Acesso em: 26 de março de 2022

GÄNGER, Stefanie. Relics of the Past The Collecting and Study of Pre-Columbian Antiquities in Peru and Chile (1837–1911). Nova York: Oxford University Press, 2014

GARCIA, Anderson Marques; SILVA, Bruno Gato da. Arqueologia Experimental aplicada ao estudo das boleadeiras pré-coloniais da região platina. Cadernos do LEPAARQ, Pelotas, v. 10, n. 19, p. 89-120, jan/jun 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/1966>. Acesso em: 26 de março de 2021

GASCUE, Andrés et al . La organización de la tecnología lítica de los pobladores tempranos del este de Uruguay. Intersecciones em Antropología, Olavarría , v. 10, n. 1, p. 63-73, jun. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1850-373X2009000100005&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1850-373X2009000100005&script=sci_abstract&lng=pt). Acesso em: 26 de março de 2022

GONZÁLEZ et al. Assessing Strategies for Coypu Hunting and Use in the Salado River Depression (Buenos Aires Province, Argentina). In: BELARDI, Juan Bautista et al (Eds.) Ancient Hunting Strategies in Southern South America. Cham: Springer, 2021. p. 59-82. Disponível em: [https://doi.org/10.1007/978-3-030-61187-3\\_3](https://doi.org/10.1007/978-3-030-61187-3_3). Acesso em: 21 de março de 2022

GONZÁLEZ, Alberto Rex. La Boleadora: sus áreas de dispersión y tipos. *Revista del Museo de la Plata, Nueva Serie – Antropología*, [S.I.], v. 4, n. 21, p. 133-293, 1953. Disponível em: <https://publicaciones.fcnym.unlp.edu.ar/rmlp/article/view/1753/723>. Acesso em: 26 de março de 2021

GONZÁLEZ, Alberto Rex. Instrumentos líticos menudos de Tiwanaku usados em técnicas de apropiación. *Revista Española de Antropología Americana, Madri*, v. 33, p. 39-57, 2003. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/REAA/article/viewFile/REAA0303110039A/23588>. Acesso em: 26 de março de 2021

GORDON CHILDE, Vere. *Introdução à arqueologia*. Lisboa: Europa-América, 1961

HADLER, Patricia; DIAS, Adriana Schmidt; BAUERMAN, Soraia. Multidisciplinary studies of Southern Brazil Holocene: Archaeological, palynological and paleontological data. *Quaternary Internacional*, v. 305, p. 119-126, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.quaint.2012.09.026>. Acesso em: 25 de março de 2022

HERBERTS, Ana Lucia. OS MBAYÁ-GUAICURÚ: área, assentamento, subsistência e cultura material. 1998. 370f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1998. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/textos/herberts1998/herberts1998.htm>. Acesso em: 25 de março de 2022

HERNÁNDEZ, Jesús Vega. Hondas y boleadoras en la América hispana. *Anales del Museo de América, Madri*, n. 10, p. 113-136, 2002

HILBERT, Klaus. Indústrias Líticas como vetores de Organização Social: ou um ensaio sobre pedras e pessoas. In: BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei (Orgs.). *Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007. p. 95-116

HODDER, Ian. *Where Are We Heading? The Evolution of Humans and Things*. New Haven: Yale University Press, 2018

HOELTZ, Sirlei. Contexto e Tecnologia: parâmetros para uma interpretação das indústrias líticas do sul do Brasil. In: BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei (Orgs.). *Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007. p. 209-242

HOELTZ, Sirlei. *Tecnologia Lítica: uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias do Rio Grande do Sul, Brasil, em tempos remotos*. 2005. 460f. Tese (Doutorado em História – Área de concentração: Arqueologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005

ISNARDIS, Andrei. Notas sobre a solidão das Indústrias Líticas. In: BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei (Orgs.). *Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007. p. 195-208

JACOBUS, André. Alimentos usados pelo homem pré-histórico. In: SCHMITZ, Pedro Ignacio (Ed.). *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil – Documentos 5*. São Leopoldo:

Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006. p. 149-164. Disponível em:  
<http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/documentos/documentos05.pdf>. Acesso em:  
 25 de março de 2022

KAUFMANN, Cristian et al. Guanaco Hunting Strategies in the Southeastern Pampas During the Late Holocene. In: BELARDI, Juan Bautista et al (Eds.). *Ancient Hunting Strategies in Southern South America*. Cham: Springer, 2021. p. 83-112. Disponível em:  
[https://doi.org/10.1007/978-3-030-61187-3\\_4](https://doi.org/10.1007/978-3-030-61187-3_4). Acesso em: 23 de março de 2022

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAMING-EMPERAIRE, Annette. *Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul*. Manuais de Arqueologia. Curitiba: CEPA/UFPR, 1967. Disponível em:  
<https://journals.kvasirpublishing.com/arq/article/view/68/449#>. Acesso em: 23 de março de 2022

LANGER, Protasio Paulo. Nomes e significados imputados aos guarani falantes do Rio da Prata e da Cordillera Chiriguana. *Diálogos*, Maringá, v. 19, n. 3, p. 1389-1423, set-dez. 2015. Disponível em:  
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/download/33750/pdf/>. Acesso em: 21 de março de 2022

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proença. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989

LERÓI-GOURHAN, André. *Dictionnaire de la Préhistoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido – Mitológicas I*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan-abr. 2011. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/899PQPGsVV5WGXNyxXqzhwc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 de março de 2019

LINO et al. Warfare archaeology in Brazilian Prehistory an overview. *Habitus*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 302-326, ago/dez. 2021. Disponível em:  
<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/9120/5516>. Acesso em: 20 abr. 2022

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *Etnicidade e Identidade Étnica*. In: LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/kkf5v/pdf/luvizotto-9788579830082-04.pdf>. Acesso em: 21 março de 2022

MACGREGOR, Neil. Sinais do Passado. In: MACGREGOR, Neil. A história do mundo em 100 objetos. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013. p. 15-26

MELIÀ, Bartomeu. Memória, história e futuro dos povos indígenas. In: CHAMORRO, Graciela; COMBÈS, Isabelle (Orgs.). Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais. Dourados: Ed. UFGD, 2015. p. 15-18. Disponível em: <https://doi.org/10.30612/9788581471204>. Acesso em: 21 março de 2022

MELLO, Paulo Jobim: Possibilidades de abordagens em Indústrias Expedientes. In: BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei (Orgs.). Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007. p. 117-140

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A identidade da arqueologia brasileira. Estudos Avançados, São Paulo, v. 29, n. 83, p. 19-23, jan/abr. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142015000100003>. Acesso em: 2 de abril de 2022

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. A tradição ceramista tupiguarani no sul do Brasil. In: PROUS, André; LIMA, Tania Andrade (Eds.). Os ceramistas tupiguarani. Volume I – Sínteses Regionais. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais, 2008. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/os\\_ceramistas\\_tupiguarani\\_voll\\_sinteses\\_regio\\_nais.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/os_ceramistas_tupiguarani_voll_sinteses_regio_nais.pdf). Acesso em: 2 de abril de 2022

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Arqueologia no Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil. Biblios, v. 7, p. 9-87, 1995. Disponível em: <https://seer.furg.br/biblos/article/view/347>. Acesso em: 24 de abril de 2021

MÉTRAUX, Alfred. Weapons. In: STEWARD, Julian (Ed.). Handbook of South American Indians, v. 5, 1949. p. 228-263. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/hsai%3Avol5p229-263/vol5p229-263\\_Metraux\\_Weapons.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/hsai%3Avol5p229-263/vol5p229-263_Metraux_Weapons.pdf). Acesso em: 24 de junho de 2021

MILHEIRA, Rafael; PEÇANHA, Mateus; VON MÜHLEN, Cristiano. Mapeamento arqueológico dos cerritos da Lagoa do Fragata, Capão do Leão-RS. In: CAMPOS, Juliano Bitencourt et al (Orgs.). Arqueologia ibero-americana e transatlântica: arqueologia, sociedade e território. Erechim: Habilis, 2014 p. 51-70. Disponível: [https://www.researchgate.net/publication/312384736\\_Mapeamento\\_Arqueologico\\_dos\\_Cerritos\\_da\\_Lagoa\\_do\\_Fragata\\_Capao\\_do\\_Leao-RS](https://www.researchgate.net/publication/312384736_Mapeamento_Arqueologico_dos_Cerritos_da_Lagoa_do_Fragata_Capao_do_Leao-RS). Acesso em: 24 de fevereiro de 2022

MILLER, Daniel. Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MILLER, Tom Oliver. Arqueologia no Rio Grande do Norte: balanços e perspectivas. In: VASQUES, Márcia Severina; MILLER, Francisca (Orgs.). Arqueologia do Rio Grande do Norte: balanços e perspectivas. Natal: EDUFRN, 2021. p. 15-51. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/33013>. Acesso em: 14 de abril de 2022

MORELLO, Flavia et al. Hunter-gatherers, biogeographic barriers and the development of human settlement in Tierra del Fuego. Antiquity, Cambridge, v. 86, n. 331, p. 71-87, mar.

2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0003598X00062463>. Acesso em: 14 de abril de 2022

NAKATSUKA, Nathan. Integrating Ancient and Modern DNA To Study Human History in South Asia and the Americas. 2020. 231f. Doctoral dissertation (PhD in Systems, Synthetic and Quantitative Biology) – Harvard University, Cambridge, 2020. Disponível em: <https://dash.harvard.edu/handle/1/37368882>. Acesso em: 11 de abril de 2022

NAMI, Hugo. Archaeology, Paleontological Research and Lithic Technology in the Middle Negro River, Central Uruguay. *Archaeological Discovery*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-22, jul. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4236/ad.2013.11001>. Acesso em: 11 de março de 2022

NEUBAUER, Fernanda. Uma criança brasileira nasce: introdução ao dossiê temático sobre a Arqueologia da Infância. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 31, n. 2, p. 02–13, 2018. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/619>. Acesso em: 11 de abril de 2022

NEVES DE SOUZA, Gustavo; AFONSO, Marisa Coutinho. A Coleção Von Koseritz: análise e curadoria científica de artefatos líticos polidos. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 33, n. 3, p. 375-395, 2020. Disponível em: <https://www.revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/868>. Acesso em: 21 de março de 2022

NEVES, Eduardo Góes. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

NEVES, Eduardo Góes. Existe algo que se possa chamar de “arqueologia brasileira”? *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 29, n. 83, p. 7-17, jan/abr. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/105054>. Acesso em: 21 de setembro de 2021

NEVES, Eduardo Góes. Não existe neolítico ao sul do Equador: as primeiras cerâmicas amazônicas e sua falta de relação com a agricultura. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto; BETANCOURT, Carla Jaimes (Orgs.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN, 2016. p. 33-39. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ceramicas\\_arqueologicas\\_amazonia\\_nova\\_sintese.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ceramicas_arqueologicas_amazonia_nova_sintese.pdf)

NOELLI, Francisco Silva; FERREIRA, Lúcio Menezes. A persistência da teoria da degeneração indígena e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.4, p.1239-1264, set/dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/fwh6cwYjwPMVfLypG8Fk45z/?lang=pt>

NORDENSKIÖLD, Erland. *Indianerleben*. Leipzig: Albert Bonnier, 1912. Disponível em: <https://archive.org/details/indianerlebenegr00nord/mode/2up>

NORDENSKIÖLD, Erland. *Indianlif*. Estocolmo: Albert Bonniers Förlag, 1910. Disponível em: <https://archive.org/details/indianlifelgran00nord/mode/2up>

OKUMURA, Mercedes; ARAÚJO, Astolfo. Pontas bifaciais no Brasil Meridional. Caracterização estatística das formas e suas implicações culturais. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 23, p. 111-127, 2013. Disponível em:

<https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2013.106842>. Acesso em: 25 de março de 2022

OKUMURA, Mercedes. Dardo ou flecha? Testes e reflexões sobre a tecnologia de uso de pontas de projétil no Sudeste e Sul do Brasil durante a pré-história. *Cadernos do LEPAARQ, Pelotas*, v. 12, n. 24, p. 7-32,89-120, jul/dez 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/562>. Acesso em: 14 de abril de 2022

ORQUERA, Luis. *Advances in the Archaeology of the Pampa and Patagonia. Journal of World Archaeology*, [S. I.], v. 1, n. 4, p. 333-413, 1987. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1007/bf00974880>

OTERO, Felipe; Béguelinb, Marien. Experimental Study of Cranial Injuries Due to Blunt Force Trauma: Sus scrofa domestica Model. *Journal of Forensic Sciences and Criminal Investigation*, [S. I.], v. 13, n. 2, p. 1-8, nov. 2019. Disponível em: <https://juniperpublishers.com/jfsci/latestissue/JFSCI.MS.ID.555856.pdf>. Acesso em: 5 de março de 2022

OYUELA-CAYCEDO, Augusto. (Ed.). *History of Latin American Archaeology*. Aldershot: Avebury, 1994.

PAIVA, Beatriz Costa. *Tecnologia lítica dos grupos ceramistas da área arqueológica de São Raimundo Nonato (PI): um estudo de caso aplicado ao sítio Canabrava*. 2011. 219f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/466>

PANACHUK, Lílian. *Gestando potes e pessoas: a cerâmica como processo de aprendizagem do sensível e concreto*. 2021. 548f. Tese (Doutorado em Antropologia – Área de concentração: Arqueologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: [https://www.academia.edu/49404001/PANACHUK\\_Tese\\_Revista](https://www.academia.edu/49404001/PANACHUK_Tese_Revista)

PENNYPACKER, Samuel W. The Problem of the "Plummet-Stone". *American Antiquity*, Cambridge, v. 4, n. 2, p. 142-146, out. 1938. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/275986>. Acesso em: 25 de março de 2022

POLITIS, Gustavo. *Arqueología de la infancia: una perspectiva etnoarqueológica*. *Trabajos de Prehistoria*, [S. I.], v. 55, n. 2, p. 5-19, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.3989/tp.1998.v55.i2.300>. Acesso em: 25 de novembro de 2021

POLITIS, Gustavo. *The Pampas and Campos of South America*. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William (Ed.). *Handbook of South American Archaeology*. Nova York: Springer, 2008. p. 235-260

PRICE, Theron Douglas; FEINMAN, Gary. *The Archaeology of the Future*. In: FEINMAN, Gary; PRICE, Theron Douglas (Orgs.). *Archaeology at the Millennium: a sourcebook*. Nova York: Springer, 2001. p. 475-495. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/234102367\\_The\\_Archaeology\\_of\\_the\\_Future](https://www.researchgate.net/publication/234102367_The_Archaeology_of_the_Future). Acesso em: 15 de setembro de 2021

- PRIETO, Alfredo et al. A novel child burial from Tierra Del Fuego: a preliminary report. *The Journal of Island and Coastal Archaeology*, v. 15, n. 3, p. 1-19, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15564894.2019.1643429>. Acesso em: 25 de julho de 2021
- PRIETO, Alfredo. Antigüedad, modos de uso y fabricación de bolas y boleadoras en Patagonia Austral: consideraciones a partir de una colección del Museo Regional de Magallanes. *Bajo la Lupa de la Subdirección de Investigación*, Chile, 2020. Disponível em: <https://www.museodemagallanes.gob.cl/publicaciones/antigüedad-modos-de-uso-y-fabricacion-de-bolas-y-boleadoras-en-patagonia-austral>. Acesso em: 5 de julho de 2021
- PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992
- PROUS, André. *Arqueologia Brasileira: a pré-história e os verdadeiros colonizadores*. Cuiabá: Archaeo; Carlini & Caniato, 2019
- PROUS, André. Experimentação na Arqueologia Brasileira: entre gestões e funções In: BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei (Orgs.). *Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007. p. 155-172
- RENFREW, Colin; BAHN, Paul. ¿De Quién Es el Pasado? La Arqueología y el Público. In: RENFREW, Colin; BAHN, Paul. *Arqueologia: Teorías, Métodos y Práctica*, 1993. p. 487-508
- RIVASSEAU, Emilio. *A vida dos índios Guaycurús. Quinze dias nas suas aldeias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika Marion. Arqueologia em perspectivas: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. *Revista USP*, n. 44, p. 10-31, dez/fev 1999-2000. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p10-31> Acesso em: 7 de julho de 2020
- RODET, Maria Jacqueline; ALONSO, Mario. Uma terminologia para a Indústria Lítica Brasileira. In: BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei (Orgs.). *Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007. p. 141-154
- ROGGE, Jairo. Fenômenos de Fronteira: Um Estudo das Situações de Contato entre os Portadores das Tradições Cerâmicas Pré-Históricas do Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, p. 1-125, n. 62, 2005. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/antropologia/volumes/062.pdf>. Acesso em: 7 de agosto de 2018
- SALETTA, María; SACCHI, Mariana. ¿Ausencias o abandonos? Las puntas de proyectil en sitios postcontacto de Patagonia meridional (siglos XVI al XX). *Revista de Estudios Sociales*, [S. I.], n. 67, p. 101-114, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.7440/res67.2019.08>. . Acesso em: 10 de outubro de 2021
- SCHAAN, Denise Paul. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além - e apesar - das fases e tradições. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 2, n. 1, p. 77-89, jan-abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/BgHHgFLD3XHpwXvMgyMkhjq/?lang=pt>. Acesso em: 11 de outubro de 2020



SCHIFFER, Michael. Archaeological Context and Systemic Context. *American Antiquity*, Cambridge, v. 37, n. 2, p. 156-165, abril 1972. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/278203>. Acesso em: 11 de agosto de 2021

SCHIFFER, Michael. *Behavioral archaeology*. Nova York: Academia Press, 1976.

SCHMITZ, Pedro Ignacio et al. Bolas de boleadeira no Rio Grande do Sul. In: *O homem antigo na América*. São Paulo: Instituto de Pré-história, 1971. p. 53-68

SCHMITZ, Pedro Ignacio. Brazil: Tendencies and Growth. In: OYUELA-CAYCEDO, Augusto (Ed.). *History of Latin American Archaeology*. Aldershot: Avebury, 1994. p. 22-35

SCHMITZ, Pedro Ignacio. Migrantes da Amazônia: a tradição Tupiguarani. In: SCHMITZ, Pedro Ignacio (Ed.). *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil – Documentos 5*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2006b. p. 31-65. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/documentos/documentos05.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2021

SCHMITZ, Pedro Ignacio. O estudo das Indústrias Líticas: o PRONAPA, seus seguidores e imitadores. In: BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei (Orgs.). *Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007. p. 21-32

SCHMITZ, Pedro Ignacio. O mundo da caça, da pesca e da coleta. In: SCHMITZ, Pedro Ignacio (Ed.). *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil – Documentos 5*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2006a. p. 13-30. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/documentos/documentos05.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2021

SCHMITZ, Pedro Ignácio; GIRELLI, Maribel; ROSA, André Osório. Pesquisas arqueológicas em Santa Vitória do Palmar, RS. In: SCHMITZ, Pedro Ignacio (Ed.). *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil – Documentos 7*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1997. p. 5-95

SCHMITZ, Pedro Ignacio; NAUE, Guilherme; BECKER, Ítala Basile. Os aterros dos campos do Sul. In: SCHMITZ, Pedro Ignacio (Ed.). *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil – Documentos 5*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2006. p. 101-124. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/documentos/documentos05.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2021

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SHOTT, Michael. Recent advances in stone-tool reduction analysis: a review for brazilian archaeologists. In: BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei (Orgs.). *Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007. p. 243-268

SILVEIRA, Itela da et al. *Arqueologia no planalto meridional entre os vales dos rios Jacuí e Pardo, RS. Nota prévia. Publicação Avulsa n.1*. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul:

APESC/PUC-RS, 1978.

STEWART, Hilary. *Indian Fishing: early methods on the Northwest Coast*. Seattle: University of Washington Press, 1982.

STORNI, Alfonsina. *Languidez*. Buenos Aires: Cooperativa Editorial, 1920. Disponível em: <https://archive.org/details/languidezversos00storuoft/page/132/mode/2up>. Acesso em: 25 de abril de 2022

TORRES, Jimena. ¿Redes o líneas de pesca? El problema de la asignación morfofuncional de los pesos líticos y sus implicancias en las tácticas de pesca de los grupos del extremo austral de Sudamérica. *Magallania*, [S. I.], v. 35, n. 1, p. 53-70, 2007. Disponível em: <http://www.magallania.cl/index.php/magallania/article/view/351/371>. Acesso em: 25 de junho de 2021

TORRES, Jimena. Bolas líticas y sus procesos de manufactura, en contextos de cazadores recolectores terrestres del norte de Tierra del Fuego. Evidencias desde el Holoceno Medio hasta 1500 años AP. In: SALEMME, Mónica et al (Eds.). *Arqueología de Patagonia: Una mirada desde el último confín*. Ushuaia: Editorial Utopías, 2009. p. 393-411. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/282977983\\_Arqueologia\\_de\\_la\\_Patagonia\\_Una\\_mirada\\_desde\\_el\\_ultimo\\_confin\\_Tomo\\_I](https://www.researchgate.net/publication/282977983_Arqueologia_de_la_Patagonia_Una_mirada_desde_el_ultimo_confin_Tomo_I). Acesso em: 25 de junho de 2021

TORRES, Jimena; MORELLO, Flavia. Bolas, manijas y guijarros: piqueteados de la Laguna Thomas Gould – Patagonia Meridional, XII Region de Magallanes. In: BORRERO, Luis; BORRAZO, Karen (Orgs.). *Bosques, montañas y cazadores: investigaciones arqueológicas en Patagonia Meridional*. Buenos Aires: CONICET-IMHICIHU, 2011. p. 211-239. Disponível em: [https://www.academia.edu/1083758/Bolas\\_manijas\\_y\\_guijarros\\_piqueteados\\_de\\_la\\_laguna\\_Thomas\\_Gould\\_Patagonia\\_meridional\\_XII\\_region\\_de\\_Magallanes](https://www.academia.edu/1083758/Bolas_manijas_y_guijarros_piqueteados_de_la_laguna_Thomas_Gould_Patagonia_meridional_XII_region_de_Magallanes). Acesso em: 25 de junho de 2021

TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004

VECCHI, Rodrigo Javier. Bolas de boleadora del curso inferior del Río Salado: materias primas y redes de intercambio. In: MARTÍNEZ, Jorge; BOZZUTO, Damián (Orgs.). *Armas prehispánicas: múltiples enfoques para su estudio en sudamérica*. Buenos Aires: Fundación de Historia Natural Félix de Azara, 2011. p. 195-213. Disponível em: <https://www.fundacionazara.org.ar/img/libros/armas-prehispanicas-multiples-enfoques-para-su-estudio-en-sudamerica.pdf>. Acesso em: 25 de junho de 2021

VECCHI, Rodrigo. *Bolas de boleadora en los grupos cazadores-recolectores de la Pampa Bonaerense*. 2010. 305f. Tesis Doctoral (Doutorado em Arqueologia) – Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2010. Disponível em: <https://conicet.academia.edu/RodrigoVecchi>. Acesso em: 25 de junho de 2021

VECCHI, Rodrigo. Bolas de boleadora en los grupos cazadores-recolectores de la Pampa Bonaerense. *Arqueologia Instituto de Arqueología – FFyL-UBA*, Buenos Aires, v. 18, p. 297-300, 2012. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/Arqueologia/article/download/1825/1709/0>. Acesso em: 25 de junho de 2021

VEYNE, Paul. Introdução. In: VEYNE, Paul (Org.). História da vida privada, 1: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 11-16

VIDAL, Viviane Pouey. Os artefatos de arremesso dos campos da América Meridional: um estudo de caso das boleadeiras. 2009. 151f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3980>. Acesso em: 25 de junho de 2021

VILHENA-VIALOU, Águeda. Metodologia de análise para as Indústrias Líticas do Pleistoceno no Brasil Central. In: BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei (Orgs.). Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007. p. 173-194

WHEELER, Mortimer. Archaeology from the Earth. Oxford University Press, 1954. Disponível em: <https://archive.org/details/in.gov.ignca.1711>. Acesso em: 25 de abril de 2022

WILLEY, Gordon; SABLOFF, Jeremy. A History of American Archaeology. Nova York: W. H. Freeman and Co., 1993.

WILSON, David. Band Societies Present and Past. In: WILSON, David. Indigenous South Americans of the Past and Present: an ecological perspective. Nova York: Routledge, 1999. p. 109-167

WILSON, David. Contemporary Central Andean Villages. In: WILSON, David. Indigenous South Americans of the Past and Present: na ecological perspective. Nova York: Routledge, 1999. p. 286-333

ZUCCHI, Alberta. Boleadoras de Arcilla en los Llanos Occidentales de Venezuela. Boletín Informativo do IVIC, Caracas, n. 5, p. 18-22, set. 1973

ZUCCHI, Alberta. Prehistoric Human Occupations of the Western Venezuelan Llanos. American Antiquity, v. 38, n. 2, p. 182-190, abril 1973. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/279364>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2022